



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
CULTURA

RAUL OLIVEIRA MOREIRA

A "Exposição dos conteúdos de Virgílio", de Fulgêncio:
estudo introdutório e tradução anotada

Salvador - Bahia

2018

RAUL OLIVEIRA MOREIRA

A “Exposição dos conteúdos de Virgílio”, de Fulgêncio:
estudo introdutório e tradução anotada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia para a obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho

Coorientador: Prof. Dr. William Dominik

Salvador – Bahia

2018

Sistema de Bibliotecas da UFBA

MOREIRA, Raul Oliveira.

A exposição dos conteúdos de Virgílio, de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada
/ Raul Oliveira Moreira. - 2018.

156 f.

Orientador: Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho; Coorientador: Prof. Dr. William Dominik.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2018.

1. Fulgêncio. 2. Expositio Virgilianae Continentiae. 3. Tradução. 4. Estudo. I. Santos Sobrinho,
José Amarante. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

CDD - 870981

CDU - 811.124(81)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Em sessão pública realizada em 16 de abril de 2018, às 9h, na sala de defesas do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a presente dissertação, de autoria de RAUL OLIVEIRA MOREIRA, foi examinada pela seguinte banca examinadora:

1. Prof. Dr. Milton Marques Júnior (UFPB)
Examinador externo ao Programa
2. Prof. Dr. Hernán Yerro (UFBA)
Examinador interno ao Programa
3. Prof. Dr. Renato Ambrosio (UFBA)
Primeiro suplente do examinador externo ao Programa
4. Prof^a. Dr^a. Tereza Pereira do Carmo (UFBA)
Segunda suplente do examinador externo ao Programa
5. Prof^a. Dr^a. Elisabeth Ramos (UFBA)
Primeira suplente do examinador interno ao Programa
6. Prof^a. Dr^a. Carla Dameane Pereira de Souza (UFBA)
Segunda suplente do examinador interno ao Programa
7. Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho (UFBA)
Orientador
8. Prof. Dr. William Dominik (Universidade de Otago)
Coorientador

E obteve o seguinte parecer final:

AGRADECIMENTOS

Jamais estaremos de todo sozinhos na vida. Para aqueles cujo apoio foi fundamental ao desenvolvimento desse trabalho, os meus agradecimentos:

À minha mãe, Iara Oliveira, pelo amor, pelo esforço, pela esperança em dias melhores e pelo maior e melhor exemplo que tenho: se não fosse por ela, nada disso seria possível;

Ao meu pai, José Moreira, *in memoriam*, pelo amor, pelos conselhos, pela parceria e pelo incentivo: apesar da partida, ele se faz cada vez mais presente em minha vida;

Ao meu orientador, José Amarante, pela dedicação, pela oportunidade de estudarmos juntos, e pelo grande carinho e amizade, que fazem qualquer trabalho suportável tornar-se prazeroso;

Ao meu coorientador, William Dominik, pela temperança e simplicidade, que me fizeram reconsiderar o que é ser um acadêmico;

Ao professor Renato Ambrósio, pela seriedade e pelo riso, pela leveza nos ensinamentos e por responder tão prontamente as minhas dúvidas;

À professora Tereza Pereira, pela confiança depositada em mim antes mesmo da aprovação no mestrado;

Aos colegas do Núcleo de Antiguidade, Literatura e Performance (NALPE): Shirlei Almeida e Júlia Lühning, pela amizade, pelas ideias trocadas e pelo ambiente proporcionado para fazermos um bom trabalho;

Aos professores da banca examinadora, pela presença e por compartilharem seus conhecimentos comigo durante essa etapa de avaliação;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pela concessão da bolsa de pesquisa, para muitos de nós, a única fonte de renda durante os estudos;

Aos meus familiares que apoiaram, cada um a seu modo, o meu desenvolvimento pessoal e profissional, me desejando sempre o melhor, tios e tias, primos e primas que levo comigo no coração, sempre onde vou;

A *Los Tiburon*, por ter me ensinado que uma vida só não é o bastante.

Flectere si nequeo superos, Acheronta mouebo.

“Se as deidades do céu dobrar não posso, moverei o Aqueronte.”

(Virg, *Aen*, VII, v. 310)

RESUMO

O presente trabalho é a primeira tradução para o português da obra *Expositio Virgilianae Continentiae*, da autoria de Fábio Placíades Fulgêncio, também conhecido como Fulgêncio, o Mitógrafo. Acompanhada de um estudo introdutório, discutimos aqui o papel do autor no cenário literário da Antiguidade tardia, como ele se insere no circuito de intelectuais do período, quais os elementos mobilizados na sua tradução da *Eneida* e de que forma sua tradução influenciou autores posteriores, enriquecendo e contribuindo para a formação de uma tradição literária em torno de Virgílio e do seu épico.

Palavras-chave:

Fulgentius; *Expositio Virgilianae Continentiae*; tradução; *Eneida*; Virgílio.

ABSTRACT

This dissertation is the first translation to portuguese of *Expositio Virgilianae Continentiae*, written by Fabius Planciades Fulgentius, also known as Fulgentius, the Mythographer. This translation is followed by a brief study, which discuss the role of this author in the literary scene of late antiquity, how he inserts himself in the intellectual circle of this period, which were the elements used in his translation of *Aeneid* and how his translation influenced subsequent authors, giving shape and cotributing to the enrichment of Virgil's literary tradition and its epic.

Keywords:

Fulgentius; *Expositio Virgilianae Continentiae*; translation; *Aeneid*; Vergil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Editio princeps</i> de Fulgêncio, Milão, 1498	86
Figura 2	Compilação de fábulas, Basileia, 1535: Higino, Paléfato, Fulgêncio, Aratus e Proclus	87
Figura 3	Compilação de fábulas, Basileia, 1536: nessa reimpressão, apenas Fulgêncio e Paléfato	88
Figura 4	Compilação de obras atribuídas ao bispo de Ruspe, Basileia, 1566	89
Figura 5	Compilação de mitos, Heildeberg, 1589, com Fulgêncio, Higino, Materno e Alberico	90
Figura 6	A <i>Continentiae</i> , Amsterdam, 1681, num volume com Lactâncio e Alberico	91
Figura 7	A <i>Continentiae</i> , Leiden, 1742: ampliação e revisão da edição anterior de Muncker	92
Figura 8	A edição crítica de Helm (1898), referência para tradutores e críticos, compreende os textos da <i>Mythologiae</i> , <i>Continentiae</i> , <i>Sermonum</i> , <i>De aetatibus</i> e <i>Super Thebaiden</i>	93

LISTA DE ABREVIACOES

Aug,	Agostinho	<i>conf.</i>	<i>Confessiones</i>
		<i>civ.</i>	<i>De ciuitate dei</i>
		<i>epist.</i>	<i>Epistulae</i>
Bern,	Bernardo Silvestre	<i>Aen.</i>	<i>Commentum super sex libros Aeneidos Virgilio</i>
Catull,	Catulo	<i>ad Ort.</i>	<i>Ad Orतालum</i>
		<i>frg 65</i>	fragmento 65
Cíc,	Cícero	<i>de orat.</i>	<i>De Oratore</i>
		<i>nat. deor.</i>	<i>De Natura Deorum</i>
		<i>part.</i>	<i>Partitiones Oratoriae</i>
Eurip,	Eurípides	<i>Orest.</i>	<i>Orestes</i>
Fulg,	Fulgêncio	<i>aet. mund.</i>	<i>De aetatibus mundi et hominum</i>
		<i>myth.</i>	<i>Mythologiae</i>
		<i>myth. praef.</i>	<i>Mythologiae, prefácio</i>
		<i>serm. ant.</i>	<i>Expositio sermonum antiquorum</i>
		<i>Virg. cont.</i>	<i>Expositio Virgilianae Continentiae</i>
Hom,	Homero	<i>Il.</i>	<i>Ilíada</i>
Lact,	Lactâncio	<i>inst.</i>	<i>Diuiinarum Institutionum</i>
Macr,	Macróbio	<i>sat.</i>	<i>Saturnalia</i>
		<i>somn.</i>	<i>Commentarium in Ciceronis Somnium Scipionis</i>
Paschas,	Pascásio Radberto	<i>epist.</i>	<i>Epistulae</i>
Petron,	Petrônio	<i>frg.</i>	fragmento
Plin,	Plínio, o jovem	<i>nat.</i>	<i>Naturalis Historia</i>
Prop.	Propércio		
Pss.	salmos		
Sall,	Salústio	<i>Catil.</i>	<i>Catilina, Iugurtha, Orationes</i>
Sen,	Sêneca	<i>ben.</i>	<i>De beneficiis</i>
Serv,	Sérvio	<i>Aen.</i>	<i>Commentarius ad Aeneidos</i>
		<i>ecl.</i>	<i>Commentarius ad Eclogas</i>
Tert,	Tertuliano	<i>anim.</i>	<i>De Anima</i>
		<i>pudic.</i>	<i>De Pudicitia</i>
Virg,	Virgílio	<i>Aen.</i>	<i>Eneida</i>
		<i>ecl.</i>	<i>Éclogas</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A Antiguidade tardia e a tradução de uma tradição	20
1.1 Comentadores da bibliografia virgiliana	23
1.1.1 Élio Donato	25
1.1.2 Tibério Donato	26
1.1.3 Prisciano	27
1.1.4 Sérvio	28
1.1.5 Macróbio	30
1.2 Fulgêncio e a <i>Expositio Virgilianae Continentiae</i>	35
1.2.1 A introdução	36
1.2.2 Ter, reger, ornar: os três estágios da vida humana	44
1.2.3 O caminho de Enéias	48
1.2.4 Virgílio segundo Fulgêncio	62
2 Fulgêncio, o mitógrafo	66
2.1 A questão dos dois Fulgêncios	66
2.1.1 O bispo	67
2.1.2 O mitógrafo	68
2.1.3 Identificação \times separação	73
2.2 Tradição manuscrita	81
2.3 Tradição impressa	84
3 Fulgêncio: tradutor traduzido	94
3.1 Traduções de Fulgêncio nos séculos posteriores	97
3.1.1 Os mitógrafos do Vaticano	97
3.1.2 Bernardo Silvestre	99
3.2 Linguagem e estilo	100
3.2.1 Alegorias e etimologias	104
3.3.1 A língua de Fulgêncio	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
TEXTO DA EDIÇÃO CRÍTICA E TRADUÇÃO	117

INTRODUÇÃO

O interesse despertado pela Antiguidade clássica e pelos autores tardios resultou em um projeto de pós-doutoramento intitulado “As *Mithologiae* de Fulgêncio. Uma visão cristã dos mitos pagãos na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média: tradução e análise”, realizado e coordenado pelo prof. José Amarante, desde 2015. A presente dissertação é fruto da continuidade das pesquisas no mesmo âmbito, inseridas num projeto maior, na Universidade Federal da Bahia, e visa a análise e tradução das obras do autor Fábio Placíades Fulgêncio. Atualmente, estão em curso nesta universidade as pesquisas envolvendo as *Mythologiae*¹, a *Expositio Sermonum Antiquorum*², a *De aetatibus mundi et hominis*³ e a *Expositio Virgilianae Continentiae*, uma tradução da *Eneida* de acordo com os preceitos morais e filosóficos característicos à Antiguidade tardia, analisada e traduzida na presente dissertação.⁴

Embora essa obra tenha exercido influência posterior, alcançando inclusive autores como Dante, Petrarca e Bocaccio, Fulgêncio, vivo entre os séculos V e VI, ainda goza de pouco prestígio no circuito literário da Antiguidade, sobretudo envolvendo a tradição literária virgiliana, a qual ele fomentou, inserido como tradutor, sendo um entre inúmeros responsáveis pela representação e tradução do poeta de Mântua. Nosso objetivo nessa dissertação é traçar alguns dos caminhos percorridos pelo texto fulgenciano: por um lado, como Fulgêncio elegeu seus predecessores e fez seu texto desdobramento e recepção de autores anteriores; por outro, como Fulgêncio atuou na perpetuação da tradição virgiliana e serviu de referência para seus posteriores.

¹ A tradução das *Mythologiae* foi projeto de pós-doutorado de José Amarante (em fase de revisão), desenvolvido na Universidade de Siena (2016).

² A tradução da *Expositio Sermonum Antiquorum* está sob a responsabilidade de Shirlei Patrícia Neves Almeida, através do projeto de dissertação intitulado “A ‘Expositio sermonum antiquorum’ de Fulgêncio, o mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas”, cuja defesa ocorrerá em 17 de abril de 2018 no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult-UFBA).

³ A tradução da *De aetatibus mundi et hominis* está sob a responsabilidade de Cristóvão José dos Santos Júnior, através do projeto intitulado “A análise e tradução do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fábio Placíades Fulgêncio”, aprovado na seleção do PPGLitCult-UFBA/2018.

⁴ A partir daqui nos referiremos à *Expositio Virgilianae Continentiae* como *Continentiae*, à *Expositio Sermonum Antiquorum* como *Sermonum*, e à *De aetatibus mundi et hominis* como *De aetatibus*.

A tradução que se seguirá tem caráter pioneiro por ser a primeira desse texto para a língua portuguesa. Trata-se de uma tradução interlingual, segundo os critérios estabelecidos por Roman Jakobson (1973 [2003], p. 64), na qual ocorre uma mudança nos signos verbais, uma passagem de uma língua para outra, no nosso caso, do latim ao português. Contudo, o que salta às vistas do tradutor é que o texto da *Expositio Virgilianae Continentiae* já é ele próprio uma tradução, de acordo com os critérios estabelecidos por Roman Jakobson para uma tradução intralingual (2003, p. 62): o texto de partida, a *Eneida* de Virgílio, foi escrita em latim, e Fulgêncio produz sua tradução também em latim, numa tentativa de preservação do código escrito. O que ocorreu durante esse processo de tradução é que, diferentemente da “tradução propriamente dita”, de uma língua para outra, os aspectos traduzidos do texto de partida não recaem integralmente na linguagem utilizada, mas sim na forma, no conteúdo, na função e nas ideias subjacentes à *Eneida*, que agora precisavam ser introduzidas numa época em que o latim ainda era utilizado como língua de cultura, mas a sua literatura era vista com ressalvas. Fulgêncio traduziu a Antiguidade clássica, pagã, para a sua contemporaneidade, a Antiguidade tardia, cristã.

O período denominado tardio da Antiguidade foi marcado por uma reorganização da unidade imperial romana, pautada pela tensão na coexistência de diferentes grupos étnicos nos domínios imperiais. Por um lado, guerras, conspirações, ascensão e queda de monarcas geravam um forte clima de insegurança. Por outro, o cristianismo passou a reivindicar espaços que nem o Estado e nem a religião romana conseguiam agora alcançar. Seu avanço, em meio às demais mudanças sócio-históricas, representou um movimento que contribuiu para formatar a sociedade da Antiguidade tardia, e que mudaria a feição da Europa e do mundo dali em diante.

Já presente em Roma há muitos séculos, os cristãos foram perseguidos pelos imperadores e jogados aos leões. Sofreram perseguições por não servirem nos exércitos romanos frente as invasões germânicas. Em suma: durante muito tempo, o cristianismo foi apenas tolerado nos limites do Estado. No entanto, nem a violência física e nem as interdições legais foram capazes de deter seu avanço e

interromper o crescimento de seus seguidores nos séculos que se passaram, o que contribuiu, gradativamente, para uma mudança na mentalidade e no pensamento daquela sociedade. Aliado a isso, os povos germânicos que foram se estabelecendo em áreas do desorganizado império, apesar da resistência que encontraram, não se interessaram em acabar com esse modo de vida, pelo contrário. As populações, agora romano-germânicas, interessaram-se em estimular as práticas e instituições romanas, como as artes, a cultura, a religião, dando prosseguimento a essa tradição. Por volta do século III, os habitantes da região mediterrânea já possuíam uma *koiné* rica e bem articulada de experiências sociais e religiosas, o que nos leva a crer que, a partir de então, “as mudanças acontecidas na Antiguidade tardia são nada mais que redistribuição e reorganização de componentes que existiam há séculos” (BROWN, 1993, p. 7).

Há um motivo que leva os historiadores, críticos e comentadores modernos a chamar a Antiguidade tardia de período da decadência: essa época, no dizer deles, não foi capaz de engendrar autores do calibre dos clássicos, restando apenas o empobrecimento de ideias, as artes e literaturas pouco inteligentes, dispostas a viverem restrita e artificialmente (COMPARETTI, 1943, p. 62). Havia muita insegurança, tanto no plano econômico quanto militar, e as instabilidades político-econômicas e a crescente substituição dos césares não eram favoráveis às atividades intelectuais. As necessidades reais e pragmáticas dos novos tempos modificaram os aspectos da cultura antiga, subjugada cada vez mais pelos golpes do fanatismo religioso e pela literatura teológica, o que restringiu as preocupações com a saúde da alma e o gosto do belo clássico (COMPARETTI, 1943, p. 91).

No entanto, ocorre que o estudo de artes e sobretudo da literatura durante a Antiguidade tardia teve lugar em meio às escolas de gramática e retórica, responsáveis pela continuidade dos estudos clássicos (ALBRECHT, 1996, p. 77). Por mais que os vernáculos estivessem em suas fases embrionárias, iniciando seus processos de dialetalização, foi ainda o latim que se manteve como língua de cultura. Ainda que mantido como língua oficial pela Igreja, o idioma já precisava ser estudado para ser utilizado na modalidade escrita. Por esse motivo,

sobrexistiram inúmeras escolas de gramática e retórica, resistentes à desagregação do Estado, visto que a cultura escrita e a Igreja e seus membros dependeram delas para a consolidação da fé cristã.

Os gramáticos e retóricos lançaram as bases da tradição escolar não só para esse período, como também por toda a Idade Média, amparados por inúmeros de seus predecessores, compreendidos desde final da República até as fases do Império. Seus esforços voltaram para a necessidade de reunir e compendiar todo aquele material, que os associava ao mundo e à cultura greco-romana. Sendo assim, todos aqueles saberes utilizados como elementos de instrução escolar desde antes de Augusto, como as sete artes, são ordenados em torno das principais disciplinas, como a gramática e a retórica, e reduzidas às informações indispensáveis e essenciais. É o caso, por exemplo, da *Institutio oratoria*, de Quintiliano. Notando um decréscimo na qualidade dos homens das letras em Roma, elaborou sua obra e acrescentou, no décimo livro, uma “biblioteca mínima” de estudos para aqueles que almejassem uma sólida formação literária. Além de autores gregos, acrescentou Virgílio, Horácio, Salústio, Tito Lívio, Cícero e Sêneca. “Parece até que a conservação ou não conservação de alguns autores e obras, na época das grandes perdas e destruições, dependia em parte das indicações quintilianas” (CARPEAUX, 1959, p. 16). Posteriormente, o gramático Arusiano Messio, em sua obra *Exempla elocutionum ex Virgilio Sallustio Terentio Cicerone digesta per litteras*, citada por Jerônimo, destacou a *quadriga*: sua seleção de autores para o estudo da gramática e retórica, composta, conforme o título, por Virgílio, Salústio, Terêncio e Cícero (WOLFF, 2008, p. 59).

Cientes da sua importância e da complexidade dos textos antigos, os autores da Antiguidade tardia compuseram suas obras fundamentadas nesses autores de outrora, cujo estudo se fazia essencial para a formação cidadã e intelectual. Se, por um lado, as obras perderam muito no quesito de criatividade (COMPARETTI, 1943, p. 61), por outro, o esforço enciclopédico forneceu à posteridade todos esses autores antigos, pois, através de compilações e comentários, tivemos acesso a esses materiais.

A cultura clássica viu assomarem seus contestadores, dentre eles os apologistas e os padres cristãos, que, aos poucos, conseguiram superar dificuldades que datavam dos primórdios do aparecimento de sua religião, como a repressão física e ideológica por parte do Estado por outras crenças. Os cristãos viram, no ano de 380, seu credo tornar-se religião oficial do império com o Édito de Tessalônica, do imperador Teodósio I. A partir desse momento, seus esforços se voltaram para a consolidação da fé internamente, ou seja, para a fixação de seus valores, práticas e estruturas de pensamento, assim como a emancipação como instituição cultural que se equipare à filosofia antiga (BIGNONE, 1952, p. 553).

Contudo, embora o cristianismo se sobrepusesse continuamente como religião oficial do Estado, e alguns dos seus membros fosse de encontro aos valores da cultura antiga – como Tertuliano, com seu *Apologeticum aduersus gentes* – havia muitas razões para que seus membros continuassem estudando as artes da Antiguidade. Não fazia parte do objetivo reviver aquela cultura, já rígida e estagnada, e sim estudá-la, aprendê-la, confrontá-la, pois, mesmo quando comentavam as sagradas escrituras e debatiam teses de caráter teológico e dogmático, estavam utilizando conteúdo e metodologia comuns às duas culturas, herdeiras da tradição clássica (GASTI, 2013, p. 18). Essa cultura antiga representava os fundamentos da cultura geral e, ademais, ainda se estudava e se escrevia na língua desse mundo que visavam compreender e converter (COMPARETTI, 1942, p. 97).

O empenho cristão para o fortalecimento de sua doutrina vai passar por toda essa tradição literária clássica que esses autores vêm compilando durante a Antiguidade tardia. A educação dos defensores da fé deu-se conjuntamente aos mesmos intelectuais que estudavam os autores do passado, e por eles vão ser influenciados. Do lado oriental, no império bizantino, por exemplo, cristãos e pagãos dividiam os mesmos estabelecimentos de formação cultural e até mesmo os cristãos mais abastados frequentavam as escolas helenísticas (SCHILLER, 1984, p. 2). Assim, os primeiros santos padres da Igreja, como Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Jerônimo, dentre outros, a quem se deve essa formação do

caráter cristão que atravessou os séculos, encontraram suas fontes, figuras retóricas e estilo nos autores dessa cultura a qual estavam interessados em criticar (KENNEY; CLAUSEN, 1982, p. 789).

Sufocado o paganismo, o cenário tornava-se favorável ao projeto cristão. Mas o peso da tradição greco-romana ainda se fazia presente. Para isso, aos poucos os cristãos absorveram os elementos da cultura clássica à sua doutrina, sobretudo pela falta de um cânone literário (GRAFTON et al, 2010, p. 8). Ainda que os autores pagãos fossem, às vezes, motivos de desprezo e vítimas de invectivas cristãs, eles foram considerados escritores doutos e homens de engenho por muitos intelectuais da Igreja: eram estudados na escola, citados em seus escritos, utilizados nas controvérsias teológicas e na exegese sacra. Essa prática deu origem, por exemplo, àquele que foi “o primeiro programa de um humanismo cristão em face do estudo da literatura antiga”: o opúsculo *Discurso aos jovens*, de Basílio de Cesareia (BAUMGARTEN apud NALDINI, 1984). Nele, o bispo versa sobre os valores da literatura greco-romana para a juventude que nela se inicia de modo favorável aos ensinamentos pagãos, desde que criteriosamente. Segundo ele, “não deveis segui-los [os autores] indiscriminadamente para onde quer que eles voz conduzam, como que lhes entregando uma vez para sempre o timão da vossa inteligência, mas, acolhendo o que eles têm de bom, saibais também aquilo que é preciso rejeitar” (I, 6 apud SCHILLER, 1984). Com a devida cautela, é admitida à cultura literária greco-romana um valor de fato instrutivo para o jovem cristão. Outro exemplo disso, as *Institutiones*, de Cassiodoro. Nesse tratado, seu autor recomenda, ainda que sem grande profundidade, o estudo dos autores profanos. De acordo com sua visão, similar à de Basílio e à de Agostinho, era preciso absorver do passado tudo que lhes fossem útil, sugerindo inclusive, como método para resistir às tentações do demônio, a cópia dos textos sagrados a serviço do conhecimento.

O estudo dessa cultura aos poucos deixou de ser um fim em si mesmo para ser um meio através do qual eles alcançariam as verdades filosóficas de sua própria religião. Com isso, as matérias e assuntos da Antiguidade foram grosseiramente simplificados. Os estudos de disciplinas como matemática,

geografia e história passaram a ser vistos como curiosidades, sinônimos apenas de erudição antiquária, espalhadas por entre as páginas dos consagrados autores de literatura, cabendo à gramática assumir a predominância nos estudos das “artes liberais”. Quaisquer que fossem as pretensões literárias de um autor, ele era denominado um gramático. E onde reinou a gramática, reinou aí Virgílio, companheiro inseparável e autoridade suprema (COMPARETTI, 1942, p. 93). Fulgêncio é fruto desse contexto, e sua preocupação é com a tradução e manutenção desse circuito, não só das obras como também de seus personagens, como é o caso de Virgílio.

Observamos que, para nos atermos às questões pertinentes ao autor, à obra, ao período e à tradução, estruturamos essa dissertação em duas partes, sendo a primeira delas o estudo – dividido em três capítulos – e a segunda, a tradução. No primeiro destes capítulos, *A Antiguidade tardia e a tradução de uma tradição*, discutiremos sobre alguns dos comentadores e tradutores responsáveis por fortalecer e representar a imagem de Virgílio como a sumidade que lhe é característica até hoje, assim como discutir as opções e escolhas de Fulgêncio, de que forma ele organizou sua tradução, como filosofia e literatura se misturam em seu texto e como ele representou Virgílio.

No segundo capítulo, *Fulgêncio, o Mitógrafo*, discutiremos as questões que envolvem nosso autor com seu homônimo contemporâneo, o Fulgêncio bispo de Ruspe, o que resultou não apenas no apagamento do mitógrafo em relação ao bispo, como também na atribuição das obras do mitógrafo ao religioso. Discutiremos também os elementos que constituíram esse apagamento durante o processo de transmissão textual e os elementos que apontam para a diferenciação dos indivíduos. O capítulo será finalizado tratando de como se perpetuou a tradição manuscrita e impressa do texto fulgenciano, de que forma o texto da *Continentiae* foi transmitido nos diferentes suportes e como esse conjunto resultou na edição crítica utilizada na nossa tradução.

No terceiro capítulo, *Fulgêncio, tradutor traduzido*, discutiremos os elementos utilizados pelo autor, a interpretação alegórica e o uso de etimologias, para respaldar seu projeto tradutório. Também discutiremos sobre os autores que

fizeram de Fulgêncio referência, como os Mitógrafos do Vaticano e Bernardo Silvestre, inserindo-o na tradição textual de comentário e tradução de Virgílio e sua obra. Ao fim, discutiremos sobre linguagem e estilo no autor, de que forma ela se caracteriza e qual a perspectiva encontrada entre seus críticos e tradutores.

Ao fim dessa primeira parte, apresentaremos algumas considerações finais, no intuito de refletir sobre o processo de análise, tradução e escrita da dissertação, sobre como essa empresa pode contribuir para os estudos clássicos e de que maneira Fulgêncio, um autor considerado marginal, pode representar uma perspectiva importante no estudo da literatura, da história e da cultura latina, assim como na nossa própria literatura, história e cultura.

A segunda parte dessa dissertação consiste no texto em latim da *Expositio Virgilianae Continentiae* segundo a edição de Rudolph Helm (1898), seguido da tradução para a língua portuguesa acompanhada de notas. Por último, mas não menos importante, é necessário frisar que, embora a tradução seja feita por um autor, sob a tutela de uma orientação acadêmica cuidadosa e acurada, essa tradução é extremamente devedora das demais traduções da *Continentiae* existentes em línguas modernas, a saber, em inglês, por Leslie George Whitbread (1971), em italiano, por Fabio Rosa (1997), em espanhol, por Juan Miguel Valero Moreno (2005), e em francês, por Etienne Wolff (2009): alguns caminhos percorridos pelo trabalho que aqui se apresenta não seriam tão facilmente encontrados não fosse os esforços dos nossos antecessores.

1 A Antiguidade tardia e a tradução de uma tradição

A historiografia tradicional costuma simbolizar a passagem da Antiguidade para a Idade Média com a data da conquista de Roma pelos povos bárbaros, em 476 da nossa era. Isso porque o império, como costumavam lembrar, já estava se fragmentando, enquanto os muitos povos germânicos, caracterizados pela simbiose com a cultura romana, se espalhavam pelos territórios, reconfigurando o mapa e as relações sociais no continente. As antigas províncias imperiais, como a Gália, a Hispânia, e a Britânia, foram tomadas por Visigodos, Burgúndios, Bretões, Francos, Alamanos, Vândalos, Suevos e outros povos. E, embora a destituição do imperador Rômulo Augusto por Odoacro, em Ravena, seja utilizada como marco para a queda de Roma, pode-se dizer que os acontecimentos de 476 constituíram uma queda sem estrondo (MOMIGLIANO, 2004, p. 48). Isso ocorre por creditarmos aos povos germânicos a destruição das instituições e modo de vida tal como era conhecido. No entanto, conforme Hays (1996, p. 30), de fato, os próprios bárbaros adotavam as maneiras romanas havia já muitos anos.

Foi o caso dos povos vândalos: além de conquistarem a ilha da Sicília, tomaram o poder das possessões romanas do norte da África, por onde se mantiveram até as reconquistas bizantinas dos anos 550 em diante. E, ao contrário do que a denominação “bárbaro” pode refletir,⁵ assim como a despeito da opinião dos historiadores que relataram enorme selvageria por parte deles,⁶ nessa região, manteve-se estabelecida uma continuidade com a tradição literária e cultural latina.

Durante os séculos V e VI, essa continuidade ficou evidente, já que sobrexistiram testemunhos de uma tradição literária romana, por autores como o próprio Fulgêncio, mas também Víctor de Vita, Coripo, Dracôncio, Macróbio e

⁵ O termo “bárbaro” se originou do grego βάρβαρος. Ciosos de sua cultura, os gregos denominaram bárbaros todos aqueles cuja civilização e língua eram diferentes, sendo a oposição racial secundária. Mais tarde, os romanos adotam o termo ao se referir aos germânicos, celtas, iberos e outros povos ditos não civilizados (VIAL, 2013, p. 69).

⁶ Vd. Víctor de Vita e sua *Historia persecutionis Africanae prouvinciae*.

outros, que mantiveram movimentada produção literária, quer comentando obras clássicas, quer escrevendo as suas próprias obras. Esses escritores tinham a si mesmos como continuadores da tradição literária que remontava aos autores clássicos (HAYS, 1996, p. 36).

E, dentre todos os autores e escritos compendiados, estudados e comentados pelos posteriores, quer pagãos, quer cristãos, nenhum deles alcançou tão alta estima como Virgílio, cuja obra e reputação exerceram papel central neste círculo literário, que procurava conciliar a literatura antiga com essa nova visão de mundo que se manifestava, substituindo até mesmo Homero como o mais douto entre os autores.

Desde os tempos imperiais, Virgílio já gozava de prestígio entre seus pares. Propércio, seu contemporâneo, escreveu em uma de suas elegias:

Cedei o passo, escritores romanos, cedei, gregos!
Nasce não sei que mais grandioso que a *Ilíada*.⁷

Por Sêneca, ele foi considerado não só gramático, como filósofo.⁸ O protagonista do *Satyricon*, de Petronio, se envolve num encontro com uma senhora a qual ele não reconhece, similar ao encontro de Enéias com Vênus nas praias da Líbia, o que representa, por um lado, que tanto Encólpio podia ser associado ao herói épico, como também, por outro, a influência que o poema virgiliano exerceu, inclusive na prosa, nos séculos posteriores.⁹ Até mesmo as paredes de Pompeia registram 61 ocorrências de seus versos (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2007, p. 42). Ele gozava de grande autoridade, de um escritor cujo saber era extraordinário, e era estimado não só pelos comentadores pagãos como

⁷ Prop. II, 34, 65-6: *Cedite romani scriptores, Cedite Grai! | Nescio quid maius nascitur Iliade* (tradução de Guilherme Gontijo Flores).

⁸ Vd. Comparetti (1941).

⁹ Petron. frg 23: *iam madens accedo aniculum quandam, quae agreste holus uendebat, et "Rogo" inquam "mater, numquid scis ubi ego habitem?" Delectata est illa urbanitate tam stulta et "Quidni sciam?" inquit, consurrexitque et coepit me praedicere. Diuinam ego putabam* ("Já embriagado, aproximo-me de uma senhora que vendia legumes do campo. 'Mãe', disse-lhe, 'porventura sabes onde eu moro?' Tão deleitada ficou com o gracejo que disse 'Como eu não saberia?', levantou-se e começou a me Amostrando o caminho. Acreditei ser ela uma deusa"). As traduções serão nossas, à exceção daqueles momentos em que indicamos outro tradutor.

também pelos teólogos cristãos. Foi citado por Jerônimo, Tertuliano, Minúcio Félix, dentre outros, como aquele que, entre os antigos, mais se aproximou das verdades divinas (COMPARETTI, 1942, p. 120). Agostinho, em suas *Confessiones*,¹⁰ se maldizia por ter chorado a morte de Dido, em decorrência da paixão por Enéias, enquanto ele não chorava a “própria morte”, isso é, seu distanciamento de Deus. Não obstante, a sua famigerada 4ª écloga obteve uma interpretação integralmente religiosa, sendo associada à vinda de Cristo, o que levou Lactâncio, por exemplo, em seu *Diuinarum institutionum*, afirmar Virgílio ser monoteísta e onisciente com relação às verdades da fé judaico-cristã, embora tenha atribuído à Sibila de Cumas o presságio do poema, e não a ele.¹¹

Assim, com essa reputação, Virgílio figurou entre os *auctores*, autoridades cujos ensinamentos eram essenciais à formação cultural, literária e também religiosa. Seu estudo correspondeu, assim, a um meio de alcançar uma compatibilidade da tradição secular com a religiosa, através dos saberes difusos presentes em sua literatura sustentados por aqueles da doutrina cristã. Isso possibilitou diversos tipos de abordagem às obras virgilianas, caracterizadas por diferentes maneiras de reutilização dos seus textos, em conformidade com a experiência própria e saberes únicos de seus comentadores, com as estratégias e procedimentos empregados, e com a mutabilidade de seu público (GIOSEFFI, 2008, p. 83).

¹⁰ Aug. conf, I, XIII, 21: [...] *quid enim miserius misero non miserante se ipsum et flente Didonis mortem, quae fiebat amando Aenean, non flente autem mortem suam, quae fiebat non amando te, deus, lumen cordis mei et panis oris intus animae meae et virtus maritans mentem meam et sinum cogitationis meae?* (“O que há de fato mais infeliz do que o infeliz que não fica infeliz por si mesmo? Chora a morte de Dido, provocada pelo amor a Enéias, mas não chora sua própria morte, que acontece por não te amar, Deus, luz do meu coração, pão da boca interior de minha alma, potência que se casa com minha mente e seio que nutre minha reflexão?”; as traduções de *Confissões* são de Lorenzo Mammí).

¹¹ Lact. inst, 7: *Quae poeta secundum Cymaeae Sibyllae carmina prolocutus est. Vivent itaque homines tranquillissimam et copiosissimam vitam et regnabunt cum Deo pariter, reges gentium venient a finibus terrae cum donis ac muneribus, ut adorent et honorificent regem magnum, cuius nomen erit praeclarum ac venerabile universis nationibus quae sub caelo erunt et regibus qui dominabuntur in terra* (“O poeta discorreu de acordo com os versos da Sibila de Cumas. Os homens, então, viverão a mais tranquila e abundante vida, e reinarão juntamente com Deus, reis dos confins da Terra virão com presentes e regalos, para adorar e honrar o grande rei, cujo nome será conhecido e venerado por todas as nações que estarão sob os céus e por todos os reis que governarão na terra”).

Ao lado do estudo dos *auctores* baseado na exposição, linha a linha, de seus versos e de seu conteúdo, com intenção sobretudo linguística e gramatical, outro método que se tornou popular foi o da alegoria. Essa abordagem foi considerada como um meio de reconciliação entre essa nova filosofia e as características profanas da Antiguidade, transformando-se num artifício retórico e literário empregado por teólogos e demais autores, tendo em vista satisfazer dialeticamente a contenda entre o pensamento antigo e a nova doutrina. Portanto, o que já acontecera aos poemas de Homero e Hesíodo, de serem lidos como um conjunto de exemplos morais, agora acontecia à obra de Virgílio: a narrativa heróica era interpretada alegoricamente como a representação de uma vida de virtudes (BUFFIÈRE, 1973). Até mesmo os padres da Igreja encontraram nas obras virgilianas, sobretudo na *Eneida*, elementos de sustentação às verdades cristãs (ROSA, 1996, p. 7). Sobre isso leremos mais na seção seguinte, em que listaremos alguns contributos dos comentadores do poeta de Mântua.

1.1 Comentadores da bibliografia virgiliana

A cultura e a erudição da Antiguidade clássica são lembradas através da releitura dos antigos escritores, o principal deles, Virgílio. Os livros utilizados pelos preceptores para o ensino de língua se baseavam em seus versos, e ele era citado muito mais que qualquer outro autor. Isso resultou numa extensa bibliografia, que trata de sua poesia, que vai do trabalho dos gramáticos, que lidavam com o ensino e aprendizado da língua, até o dos comentadores, responsáveis por manusear e editar os textos e edições antigas.

As fronteiras entre o trabalho do gramático e do comentador, ou filólogo, há muito já vinham sendo traçadas. Desde a criação dos liceus e das grandes bibliotecas, repositórios da sabedoria intelectual e responsáveis pela preservação dos textos que compõem um patrimônio cultural, fez-se necessária a organização e a classificação desses textos, uma atividade de cunho filológico, resultando no estabelecimento de textos da mesma obra que derivam de tradições manuscritas

diferentes. À medida que era feita a exegese dos textos canônicos, sendo considerado no processo os conhecimentos de cunho gramatical, o trabalho do gramático começou a se expandir e se especializar.

É a esse tipo de trabalho, de gramáticos e críticos de textos, que os comentários devem muito de sua estrutura, já que a pesquisa, o método de análise e a leitura dos textos, bem como a descrição dos fenômenos linguísticos, foram transferidos e adaptados ao uso escolar [...] Ademais, conforme veremos mais a frente, os comentários podiam referir-se à exegese textual, não só para explicar os mitos e as palavras, mas também para demonstrar que determinadas passagens de um autor eram ambíguas ou de autoria duvidosa, por exemplo. Veremos, também, que, até mesmo a definição do que era canônico, e que, por essa característica, deveria ser lido e estudado na escola, estava diretamente relacionada aos índices elaborados pelos bibliotecários (CAMPANHOLO, 2008, p. 11).

Ao aderirem a essas práticas e tradições literárias, os intelectuais da Antiguidade tardia sedimentaram o caminho percorrido pela Igreja ao longo da Idade Média, e a tradição escolástica tardoantiga, encarregada da compilação de todo aquele saber secular, deu prosseguimento a uma tradição cultural, mantida escrupulosamente por eles, que se conserva em parte até hoje (COMPARETTI, 1942, p. 100).

Alguns críticos modernos afirmam que os compêndios e comentários produzidos a partir do século III resultam de um cenário político-econômico conturbado, sendo de menor importância (REYNOLDS, 1983, p. 23). No entanto, foi justamente nessa época que houve condição necessária para o surgimento de obras ricas e complexas, sinal da “era de ouro dos comentadores e escoliastas” (REYNOLDS, 1983, p. 23). Juntos eles contribuíram para a representação de Virgílio como uma sábia e douta figura, reputação que, através deles, chegou aos nossos dias.

Virgílio, por sua vez, esteve tão associado à gramática que chegou a ser sinônimo desta. Houve inúmeros gramáticos e comentadores responsáveis por legar à posteridade materiais e textos baseados nos seus escritos, encarregados de elaborar o material utilizado nas escolas. Seleccionamos alguns, dos quais falaremos nessa seção, por representarem formas distintas tanto no trato com o

texto quanto pela influência exercida ao longo da Antiguidade tardia e da Idade Média.

Partiremos daqueles com finalidade pedagógica, cujo objetivo era o ensino e bom uso da língua através de Virgílio, a saber: Élio Donato, Tibério Donato e Prisciano. Esses constituíram a tradição latina de *ars grammatica*, que perdurou durante a Antiguidade tardia e Idade Média. Em seguida, discutiremos os que foram além dos usos gramaticais, dando apoio à elucidação das passagens mais controversas, das palavras desusadas, dos mitos e das histórias antigas, como Sérvio e Macróbio. Em seguida, trataremos sobre Fulgêncio e as suas contribuições.

1.1.1 Élio Donato

Vivo em torno do século IV, este é talvez o mais conhecido gramático do período. Foi preceptor de Jerônimo, dentre outros nomes importantes. Sua reputação, no entanto, deu-se mais pela produção de cunho gramatical, haja vista o número de estudantes que utilizaram seus materiais, que pela produção comentando as obras virgilianas. Seus volumes sobre língua e literatura compõem uma série de estudos que se mantiveram fundamentais para o ensino até o Renascimento, a *Artes*. O 1º livro desse conjunto, também denominado *Ars minor*, devido à progressiva diminuição de seu emprego ao longo do tempo, corresponde a um curso básico estruturado em perguntas e respostas. Os livros seguintes, 2º, 3º e 4º, chamados de *Ars maior*, são mais abrangentes: tratam de fonética, métrica e estilística. Ademais, escreveu um comentário sobre Virgílio, ao qual temos acesso parcial, tanto pelo que restou da obra (a dedicatória ao destinatário Munatius, a biografia de Virgílio, a introdução feita às *Bucólicas* e o começo da explicação desse poema)¹² quanto pelos textos de outro gramático, Sérvio, de que falaremos mais adiante. Também temos notícias de Donato devido às recomendações feitas de sua obra por Jerônimo aos seus estudantes.

¹² Vd. G. Brugnoli, *Donato Elio*, in *Enciclopedia virgiliana*, II, Roma, 1985, pp. 125-127.

Donato julgava a poesia de Virgílio com muita liberdade, inclusive apontando negligências do autor com relação à prosódia. A sua crítica, entretanto, não o impedia de admirar o poeta e de representá-lo, perante seus alunos e em seu comentário, como dotado de um saber comparado ao de Homero, e de ter inserido em suas obras conhecimentos profundos mesmo que sem intenção, como a disposição das três obras em consonância com três estágios da história humana. Segundo essa interpretação, as *Éclogas* representariam o primeiro desses estágios, a condição pastoral do homem. Em seguida, as *Geórgicas* representariam o segundo desses estágios, a condição agrícola. Por fim, a *Eneida* representaria o terceiro e último estágio, o amor à guerra (COMPARETTI, 1942, p. 67ss). Esse tipo de interpretação, já uma alegoria, embora ainda não interna aos conteúdos de uma obra específica, abre caminho para trabalhos como os de Fulgêncio.

Dentre aqueles que utilizaram a *Ars Donati* se encontram: Cassiodoro, autor de inúmeras obras e mestre de ofícios no reinado do rei ostrogodo; Teodorico, Isidoro de Sevilha, notadamente conhecido pelas *Etymologiae*; e outro gramático, Prisciano, do qual falaremos mais à frente.

1.1.2 Tibério Donato

Outro gramático responsável pela propagação desses textos foi Tibério Cláudio Donato. Vivendo pouco tempo após o autor da *Ars Donati*, esse Donato produziu sua obra a fim de reparar a insuficiência dos comentários sobre Virgílio, dedicando-a ao seu filho. Uma análise linha a linha da *Eneida*, seu comentário é como uma versão em prosa do poema, um estudo retórico da continuidade da história, sem levar em consideração quaisquer conteúdos de caráter implícito, destacando, assim, a errância de Enéias, no plano do enredo, e a glorificação do império de Augusto, no que tange as condições de produção da obra, diferentemente da tendência de sua época, que admitia toda sorte de debate em

torno dos conhecimentos filosóficos e científicos obscurecidos na obra devido ao seu alto grau de estilização literária.

Tibério Donato também rompeu com seus contemporâneos ao não atribuir a Virgílio a função principal de gramático, mas sim a de retor, concordando com Cícero quando esse instituiu que o perfeito orador deveria ser um homem cujo conhecimento fosse universal. Assim, Tibério Donato admite encontrar nos textos virgilianos conhecimentos sobre toda e qualquer ramo da atividade humana, e em consequência disso, passíveis de utilização para o ensino, fazendo de Virgílio o retor completo (COMPARETTI, 1943, p. 75). Seu comentário obteve ao menos reconhecimento durante o período carolíngio, atestados pela existência de apenas três manuscritos supérstites de sua época.¹³

1.1.3 Prisciano

Anos após Élio Donato e as *Artes*, Prisciano viveu e ensinou em Constantinopla, capital do império romano oriental e centro responsável por preservar boa parte da tradição cultural greco-romana, estendendo a influência dessa cultura durante séculos. A produção mais famosa de Prisciano é a *Institutiones Grammaticae*, dividida em 18 livros, que falam sobre ortografia, fonética, formação de palavras e sintaxe, cobrindo as 8 partes do discurso como já reconhecidas pelas gramáticas antigas de latim. Dos autores que ilustram seus livros, Virgílio é substancialmente o mais citado (COMPARETTI, 1941, p. 84-5). Não obstante, foi autor da *Partitiones duodecim uersuum Aeneidos principalium*, compreendendo 12 exercícios gramaticais baseados nos primeiros versos dos 12 primeiros livros da *Eneida*. “O volume sugere que os alunos estudavam o épico de Virgílio a partir de sua morfologia, sintaxe e léxico, antes mesmo de lidar, ainda que de maneira rudimentar, com suas características literárias” (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2007, p. 650). Esse manual, embora não se interesse

¹³ Os três manuscritos são o Plut. 45.15, que se encontra em Florença, na Biblioteca Medicea Laurenziana, o Reg. lat. 1484, e o Vat. lat. 1512, que se encontram ambos no Vaticano, Biblioteca Apostólica Vaticana (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2007, p. 644).

por interpretações, alegorias e significados obscuros da obra, obteve sucesso posteriormente, ao longo da Idade Média, pois há 70 manuscritos supérstites contendo esse texto, além daqueles que receberam comentários, como o de Remígio de Auxerre, no século X. Não obstante, a obra representa a importância e proeminência de Virgílio no *curriculum* escolar e abre caminho para trabalhos de gramática mais aprofundados, como aqueles feitos por Sérvio, que possuem mais prestígio no que diz respeito aos conteúdos virgilianos.

1.1.4 Sérvio

Sérvio Honorato produziu vasta obra, entre comentários e explicações gramaticais, como uma coletânea de notas à *Ars Donati*. Ele figura como uma personalidade ilustre de seu tempo e um dos maiores intelectuais, assim retratado na *Saturnalia* de Macróbio, juntamente com o próprio Virgílio.

De maior importância para o estudo aqui feito foi a produção da *In tria Virgilio Opera Expositio*, seu comentário das três obras de Virgílio, cujo *Comentarii in Vergilio Aeneidos libros* é considerado o mais completo comentário dos textos de Virgílio de sua época. De acordo com Stocker (1941), seu texto chegou aos nossos dias a partir de três versões: a primeira dessas versões é atribuída a *Servius* e possui um tamanho reduzido quando comparado às outras; a segunda delas é reconhecida como *Servius auctus*, ou *Servius Danielinus*, pois teve seu texto expandido com acréscimos e interpolações feitas por outros copistas, e o texto acaba por vezes citando o próprio Sérvio, e foi compilada no século XVII por Pierre Daniel; a terceira, menos conhecida e menos confiável, tem um texto de tamanho intermediário em relação às duas primeiras, além de ser posterior, datando do século XV (STOCKER, 1941, p. 65).

Seu trabalho, segundo alguns, seria obra de um gramático, destinado a servir aos alunos no estudo de gramática e literatura, pois suas constatações são, quando muito, de natureza retórica, o que não foge ao estudo gramatical (COMPARETTI, 1943, p. 73). Nota-se, no entanto, que o projeto dele é mais

complexo, e extrapola os limites de uma obra de cunho gramatical. Embora seu texto não seja uma interpretação sistematicamente alegórica, Sêrvio de fato interpretou algumas passagens da obra filosoficamente, evidenciando conteúdos subjacentes ao texto, sem, no entanto, destacar um verdadeiro ou real significado da *Eneida* que fosse obscurecido pela poesia. Segundo Campanholo (2008), seus comentários à obra de Virgílio foram utilizados com intuito pedagógico, mas demonstram marcas de estudo e de crítica textual ao demonstrar caminhos e indícios que esse texto percorreu até chegar àquele estado (COMPANHOLO, 2008, p. 14).

A reputação de Sêrvio como crítico arguto e “especialista” em Virgílio advém da sua representação feita por Macróbio na *Saturnalia* (cf. seção 1.1.5): nela, Sêrvio é descrito como quem “excede os doutos antigos pela sua sabedoria”.¹⁴ De acordo com Gasti (2013), esse comentário à *Eneida* é muito minucioso, como uma enciclopédia, seguindo meticulosamente o texto, elucidando, palavra por palavra, questões de etimologia, léxico e sintaxe. À medida que avança entre os versos, Sêrvio não só evidencia o seu próprio processo de comentar como também a prática exegética feita ao longo da Antiguidade, além de discutir cultura clássica propriamente dita, como filosofia e religião (GASTI, 2013, p. 249). Ademais, considerou os conhecimentos de Virgílio praticamente divinos, ao comentar o livro III da *Eneida*, e pôs de lado quaisquer opiniões que atestassem o desconhecimento de Virgílio em astrologia, como chegou a ser ocorrente, ao manifestar sua opinião acerca da imensa sabedoria do poeta feita na introdução ao comentário do livro VI da *Eneida* (COMPARETTI, 1942, p. 73).

[...] donde parece que o poeta divino, mesmo com outra finalidade, atinja sempre a verdade.¹⁵

Prefácio

Decerto Virgílio, em sua totalidade, está repleto de ciência, na qual este livro exhibe primazia, e da qual a maior parte provém de Homero. Algumas coisas são ditas de maneira simples, muitas sobre história, muitas por meio da elevada ciência dos filósofos, dos egípcios, de tal

¹⁴ Macr, *sat*, I, 24, 8: [...] *priscos praeceptores doctrina praestat*.

¹⁵ Serv, *Aen*, I, 404: [...] *unde apparet divinum poetam aliud agentem verum semper attingere*.

modo que a maior parte dos comentadores escreveu obras inteiras sobre cada uma destas coisas. É para saber que, na verdade, embora Probo e outros comentadores tenham deixado os dois primeiros versos no fim do quinto livro; pois, tanto a coesão do poema é melhor, como Homero também assim começou: “ὡς φάτο δάκρυ χέων” (CAMPANHOLO, 2008, p. 47).¹⁶

1.1.5 Macróbio

De origem desconhecida, não se sabe se hispânica ou africana, Macróbio foi um alto funcionário do império, por volta do século IV e V, e indícios apontam que talvez tenha sido prefeito do pretório ou da cidade de Roma. Sua bibliografia compreende três obras e é através delas que o vemos como um dos intelectuais tardios ainda partícipes da antiga cultura e religião romana

O *Commentarium in Ciceronis Somnium Scipionis* é, como o próprio nome diz, um comentário, a respeito da obra *De Re Publica*, de Cícero, mais especificamente sobre o livro VI, fundamental para a preservação dessa parte do livro ciceroniano, haja vista que o resto da obra se perdeu.¹⁷ Diferente da estratégia tradicional, de comentar uma obra linha por linha, suas observações têm por objetivo trechos particularmente significativos, em que se discute os significados implícitos. É na introdução a essa obra que Macróbio se refere à sua bibliografia como, segundo Kaster (2010, p. 23), fruto do seu descontentamento com o insuficiente ensino de gramática em seu tempo e como resposta aos anseios do que deveria de fato ser ensinado na escola. Dedicando-a também ao próprio filho, como também o fizera Tibério Donato, anos atrás, os livros seriam uma compilação do saber antigo e das sutilezas da poesia de Virgílio visando dar mais consistência ao aprendizado contemporâneo.

¹⁶ Serv, *Aen*, VI, 1: *Praefatio* | *Totus quidem Vergilius scientia plenus est, in qua hic liber possidet principiatum, cuius ex Homero pars maior est. Et dicuntur aliqua simpliciter, multa de historia, multa per altam scientiam philosophorum, theologorum, Aegyptiorum, adeo ut plerique de his singulis huius libri integras scripserint pragmatias. Sane sciendum, licet primos duos versus Probus et alii in quinti relinquerint fine, prudenter ad initium sexti esse translatos; nam et coniunctio poematis melior est, et Homerus etiam sic inchoavit ὡς φάτο δάκρυ χέων* (as traduções dos comentários de Sêrvio ao canto VI da *Eneida* são de Priscila Campanholo).

¹⁷ Vd. *myth*, 1 praef, p. 4. Fulgêncio faz uma referência à obra *De Re Publica*, de Cícero, na introdução às suas *Mythologiae*.

Outra obra, que não chegou até nós salvo por excertos e menções indiretas, é a *De differentiis et societatis fraeci latinique sermonis*, um tratado sobre as semelhanças entre os sistemas linguísticos do latim e do grego. Não há informações a respeito da natureza da obra, se era com finalidade pedagógica ou de erudição (GASTI, 2013, p. 245).

O texto de Macróbio que se faz mais importante aqui é a *Saturnalia*, cuja sobrevivência não se deu integralmente: não chegou até nós uma parte do livro IV e seus livros finais. A obra narra um encontro entre algumas figuras históricas, como Sêrvio e Virgílio, e alguns de seus contemporâneos, num total de 12 convivas, reunindo-se cada dia numa residência diferente, entre os dias 17, 18 e 19 de dezembro de 384, período em que ocorre o festival da saturnália. Os encontros foram construídos à maneira dos diálogos platônicos, em que um homem ouviu a história de alguém que esteve presente, emulando a técnica do *symposium*. Seguindo essa técnica, Macróbio dá voz e contornos aos seus personagens, que argumentam sobre os temas discutidos, numa reconstrução do ambiente romano e da personalidade daqueles que falam. Sobre Sêrvio, um dos mais doutos entre os presentes, a quem ele já havia se admirado pelos conhecimentos acerca de Virgílio, ele descreve como “um homem reputado pelo seu conhecimento e adorado pela sua modéstia”¹⁸ (ALBRECHT, 1996, p. 1486).¹⁹ Ao ser retratado pela perspectiva de vários personagens, que desempenhavam autoridade em matérias diversas, demonstra-se também a múltipla autoridade de Virgílio em assuntos às vezes compreendidos por poucos.

O conteúdo discutido na *Saturnalia* é espantoso: repleta de materiais antiquários, etimológicos e de erudição (incluindo anedotas), ela reúne conhecimentos de várias áreas, textos e autores, dentre os quais, os mais destacados, são seus usos das obras de Aulo Gêlio, Plutarco e Varrão (GASTI, 2013, p. 1487). Macróbio opta por manter a prosa e o estilo de suas fontes e insere

¹⁸ *Macr, sat, I, 2, 15: [...] iuxta doctrina mirabilis et amabilis uerecundia.*

¹⁹ Campanholo (2008, p. 6) chama atenção que, pelo texto de Sêrvio ser constituído de muitas interpolações, esse nome pode designar não um único indivíduo, mas todo o conjunto de escoliastas responsáveis por estabelecer o texto o qual atribuímos a um único autor chamado Sêrvio. Assim, sua referência na obra de Macróbio transmitiria mais um *ethos* literário que biográfico.

muitas citações de grego, evidenciando seu nível de conhecimento e erudição no mundo romano

O assunto das reuniões percorre a tradição cultural e literária greco-romana, com foco na discussão sobre Virgílio – citado mais de 700 vezes –, sua erudição, sua infalibilidade, com os presentes atribuindo-lhe características antes reservadas aos deuses e expondo, cada um em seu turno, uma faceta dos extensos conhecimentos desse autor (ZIOLKOWSKI; PUTNAM, 2007, p. 636). Cada um por seu turno, eles apresentam a perícia de Virgílio em assuntos como o calendário, a religião, festas populares, retórica, oratória, direito, medicina, dentre outras – permanecendo perdidos os excertos sobre filosofia e astrologia. Mesmo assim, ainda se ouve falar desses assuntos no começo da obra, através de Eustácio, um dos seus personagens, ao se referir à *Eneida*:

[A *Eneida*] é toda sobre filosofia e astrologia, não devendo ser repreendido [Virgílio] por espalhar moderado e comedido em sua obra.²⁰

No entanto, há um entre os personagens que tem por função contestar os demais convidados em suas argumentações. Seu nome é Evângelo, mas são inexistentes os registros de que tenha existido, de fato, fora da obra. De acordo com Comparetti (1943), ele representa apenas uma contrapartida retórica e literária, responsável por questionar as causas defendidas, produzindo invectivas a Virgílio e à sua fama, dando-lhe descrédito, às vezes descabidamente. Sempre que mencionado, os convivas emitiam claros sinais de fastídio (COMPARETTI, 1943, p. 80).

Aquele [Virgílio], já morrendo, requisitou que seu poema fosse queimado, é porque se preocuparia em não preservar para a posteridade danos à sua reputação?²¹

O estudo de Virgílio, de acordo com Macróbio, não deveria ser apenas destinado ao aprendizado de literatura greco-romana, e sim a todas as áreas do

²⁰ Macr, sat, I, 24, 18: *De astrologia totaque filosofia, quam parcus et sobrius operi suo nusquam reprehendendus aspersit.*

²¹ Macr, sat, I, 24, 6: *Qui enim moriens poema suum legavit igni, quid nisi famae suae vulnera posteritati subtrahenda curavit?*

saber, a começar pela *Eneida*, com seu valor enciclopédico, capaz de fornecer instrução técnica aos estudantes de acordo com a mais sublime arte (GASTI, 2013, p. 1488). O entendimento da *Eneida* e de seus conteúdos, segundo Macróbio, através de um dos seus personagens, é responsabilidade única e exclusivamente de quem a lê e a estuda, encontrando nela conhecimentos que não são mais óbvios aos leitores contemporâneos, postura essa diversa daquela em que um professor indicava os significados obscuros de passagens específicas aos seus alunos (COMPARETTI, 1943, p. 79).

Não obstante, ele compara Virgílio a Homero, listando as passagens em que um é superior ao outro, apresentando atenuantes em todas as ocasiões em que o poeta grego é superior ao latino. Em seguida, compara-o a Cícero, julgando quem seria melhor orador. Através de um dos personagens, é dito que Cícero possui um único estilo retórico (*copiosum*), enquanto Virgílio, com a qualidade dos “dez oradores áticos”, possui quatro (*copiosum, breve, siccum, pingue*) (COMPARETTI, 1943, p. 83).

A *Saturnalia*, um dos últimos suspiros da literatura erudita secular, apresenta a *Eneida* como uma espécie de bíblia pagã, e, por conseguinte, o seu autor como a mente onisciente por trás daquele monumento, decorrendo daí a caracterização de Virgílio como o *pontifex maximus*, o baluarte da religião romana frente sua derrocada (BELTRÁN, 2013), importante tanto quanto o Messias cristão. Assim Macróbio fala sobre Virgílio:

[...] sábio em todas as artes.²²

Mas nós, a quem não convém pouco saber, não suportaremos as partes secretas de seu poema estarem dissimuladas, devemos, contudo, investigar o acesso aos significados místicos para desvelar o saber dos doutos e atingir os recônditos do conhecimento.²³

Muitas vezes pode-se encontrar conhecimentos profundos em uma só palavra de sua poesia, o que o despreparado terá julgado ser um acaso.²⁴

²² Macr, sat, I, 16, 12: [...] *omnium disciplinarum peritus*.

²³ Macr, sat, I, 24, 13: *Sed nos, quos crassa Minerva dedecet, non patiamur abstrusa esse adyta sacri poematis, sed arcanorum sensuum investigato aditu doctorum cultu celebranda praebeamus reclusa penetralia*.

²⁴ Macr, sat, III, 2, 7: *Est profundam scientiam huius poetae in uno saepe reperire verbo, quod fortuito dictum vulgus putaret*.

[...] um poeta em igual busca pelo conhecimento e pela elegância com as palavras.²⁵

A Antiguidade clássica é lembrada nostalgicamente através dessa releitura, em que se debruçar sobre os conhecimentos ensinados por Virgílio é voltar aos fundamentos romanos, sua cultura, sua religião, sua língua. Assim, esse retorno não tem apenas intuito literário: segundo Beltrán (2013), ao citar autores como Varrão e Catão para respaldar Virgílio, Macróbio o alça à posição de responsável por reunir e materializar em sua poesia, de maneira onisciente, o conhecimento como um todo, quer anterior, quer posterior à sua própria existência (BELTRÁN, 2013, p. 160). Assim, ao rememorar os dias de outrora, os tempos áureos do império romano, da cultura latina, e promover um resgate dos ideais e dos costumes, ele procura reiterar e promover todo um conjunto de valores antigos, evidentes através das atribuições dadas a Virgílio ao longo da obra, um homem *doctus* destacado por sua *uerecundia*, ou seja, a valorização do conhecimento associada a um aspecto moral. Essa estratégia encontra lugar na leitura que ele faz da *Eneida*. Através de um dos diálogos da *Saturnalia*, ele comenta:

E de tal maneira [Virgílio] associou toda a piedade nos sacrifícios que devem ser prestados aos deuses que, por ter feito o oposto, chamou Mezêncio “o desprezador dos deuses”.²⁶

Disse, na verdade, Mezêncio ter ordenado aos rútilos que oferecessem a ele as primícias as quais ofereciam aos deuses.²⁷

Macróbio recupera o sentido da *pietas*, o senso de devoção para com os deuses, com a família e com a sociedade, do qual Mezêncio não fora imbuído, associando essa virtude com a atitude dos indivíduos de preservar uma ordem, nesse caso, do *status* humano perante os deuses. Beltrán (1962) arrisca dizer que essa pode ser uma crítica, ainda que velada, ao instituto do cristianismo, que rompeu com a hierarquia religiosa interpondo a figura de Jesus entre o humano

²⁵ Macr, sat, III, 2, 9: [...] poeta aequè in rebus doctrinae et in uerbis sectator elegantiae.

²⁶ Macr, sat, III, 5, 9: Adeo autem omnem pietatem in sacrificiis quae dis exhibenda sunt ponit, ut propter contrariam causam Mezentium vocaverit contemptorem deorum.

²⁷ Macr, sat, III, 5, 10: Ait enim Mezentium Rutulis imperasse ut sibi offerrent quas dis primitias offerebant.

e o divino e fez a consciência humana voltar-se cada vez mais para sua individualidade e interioridade (BELTRÁN, 2013, p. 162). Contudo, a *pietas* como devoção religiosa seja talvez a última defesa da antiga cultura romana. No que parece uma crítica interna, ele atribui o esmorecimento do modo de vida romano ao desapego das antigas tradições e valores estabelecidos pelos antepassados, o que ele tenta, saudosamente, perpetuar.

1.2 Fulgêncio e a *Expositio Virgilianae Continentiae secundum philosophos moralis*

Esse libelo é a primeira interpretação alegórica da *Eneida*. Nesse período, a literatura antiga já não gozava mais de admiração somente pelo seu senso estético, mas sim pela sua filosofia, pelas possíveis leituras depreendidas do texto, o que Fulgêncio, como outros autores posteriores, circunscreve nos preceitos da cultura e da filosofia cristã. Existiria, então, uma moral velada, um conjunto de ideias dissimuladamente inserido sob a superfície da obra, o que justifica a permanência de Virgílio e outros autores entre as *auctoritates*, no refazimento do cânone literário, por mais que a superfície das obras, ou seja, seu viés estilístico, esteja agora relegada à marginalidade, considerada profana e sacrílega. A sobrevida da literatura antiga, em especial aquela produzida por Virgílio, repousa então nesse tácito acordo estabelecido com uma nova moral e com novos valores, e ainda que Virgílio tenha se “recusado” a receber um verniz cristão,²⁸ sua obra recebeu verniz e acabamento religioso nas mãos de Fulgêncio.

A *Expositio Virgilianae Continentiae secundum philosophos moralis* possui em seu título, já de antemão, uma parte do seu projeto. Por *expositio*, entende-se que a obra tenha por finalidade explicar algum outro texto, sendo um modelo de comentário específico, apontado como uma prática similar à exegese cristã bíblica, à semelhança das *expositiones* de Ambrósio, e de muitas outras aos livros bíblicos, por exemplo (HAYS, 1996, p. 140). Por *continentiae*, isto é, os conteúdos,

²⁸ Vd. Fulg, *Virg. cont.* p. 103: *Si, inquit, inter tantas Stoicas ueritates aliquid etiam Epicureum non desipissem, paganus non essem* (“Se entre tantas verdades estoicas eu não tivesse intrometido também algo epicurista, eu não seria um pagão”).

compreende-se que se referem aos segredos escondidos internamente à obra de Virgílio, que, em oposição aos gramáticos anteriores, exclui interesses de ordem formal, como gramática, retórica, prosódia etc (WOLFF, 2009, p. 167).

Essas verdades que permeiam a obra são de caráter filosófico e moral, a serem trazidos às claras sobretudo quando sublinhados por verdades divinas e autores cuja moral se identifica mais com o pensamento cristão que pagão (WHITBREAD, 1971, p. 105). O gênero adotado por Fulgêncio para reproduzir seus pensamentos foi o de caráter epistolar, endereçando seu texto a um diácono, emulando uma situação de diálogo. Essa construção, por um lado, evita o enfado que pode resultar de escritos com caráter normativo, e possibilita, por outro, o desenvolvimento de uma tese e de uma argumentação baseada em perspectivas diferentes, seguindo um determinado trajeto e estabelecendo algumas conclusões, modelo que fica evidenciado pelo método como Macróbio o empregou na *Saturnalia*, introduzindo várias autoridades, muito mais a favor que contrárias, à perspectiva defendida por ele. Curioso notar que Fulgêncio tenha escolhido como seu único antagonista ninguém menos que o próprio Virgílio.

1.2.1 A introdução

O modo como Fulgêncio inicia suas obras é muito importante para entendermos o contexto em que ele viveu e produziu seus textos. Hays (1996) e Venuti (2009) concordam ao sugerir que, embora muitas informações sobre a vida do autor estejam dispersas em meio às suas obras, muito do que se encontra nas suas introduções – sobretudo as da *Mythologiae*, *Continentiae* e *De aetatibus* – pode se referir a simples *topoi*, aparatos retóricos que situam a argumentação num contexto literário específico. Por isso, embora Fulgêncio cite incursões bárbaras, o esvaziamento dos espaços urbanos e a excessiva cobrança de impostos, por exemplo, essas referências podem não ser representações fidedignas ou registros históricos factuais do cenário norte-africano, embora se encontrem espalhadas ao

longo das introduções das obras atribuídas a ele (HAYS, 1996, p. 25; ROSA, 1997, p. 27; VENUTI, 1999, p. 94).

A *Continentiae* tem sua abertura com uma exortação ao destinatário, seguida de uma explicação do projeto da obra. Essas linhas iniciais aludem à *qualitas temporis*,²⁹ às dificuldades de seu tempo, o seu isolamento e às más condições em que ele se situa.

A condição de nosso tempo, santíssimo levita, certamente esperava um grande isolamento, quando a mente não apenas deixe de usar o aquilo que aprendeu e que existe, mas porque ela deve esquecer-se dessas coisas.³⁰

Fulgêncio aqui retoma a mesma estrutura empregada nas *Mythologiae*, quando se referiu à *erummosa miseria temporis*,³¹ e também na *De aetatibus*,³² sobre as péssimas condições oferecidas no seu tempo para as atividades intelectuais em favor das necessidades pragmáticas. Assim como seu interlocutor nas *Mythologiae*, seria possível que “[...] por essa razão facilmente agora ou chores o que tenhas perdido ou procures o que comer em vez de encontrar o que dizer [...]”.³³

Mas como o próprio motivo da obra é um labor intelectual, Fulgêncio justifica escrever sob um novo regime, que se mostra mais favorável às atividades da mente.

Mas, porque nosso tempo está baseado num novo regime de caridade e o desprezo nunca é admitido no preceito da compaixão, por essa causa, toquei nos mistérios naturais do conteúdo virgiliano [...].³⁴

²⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 83. Mais à frente, na página 84, Fulgêncio volta a mencionar a *mediocritas temporis*.

³⁰ Fulg, *Virg. cont.* p. 83: *Expetebat quidem, Leuitarum sanctissime, nostri temporis qualitas grande silentium, ut non solum mens expromptare desisset quod didicit, quantum etiam obliuionem sui efficere debuit quia uiuit [...]*.

³¹ Fulg, *myth.* 1 praef. p. 3: “a miséria calamitosa de nosso tempo” (todas as traduções das *Mythologiae* são de José Amarante).

³² Fulg, *de aetat.*, p. 129: *Oportuit quidem, uirorum excellentior, hoc nostro quo nuper regimur temporis cursu perenni potius studere silentio et non dicendi studio, praesertim ubi nihil plus nisi de nummi quaestu res uertitur et conquirendi lucri perennis sollicitudo cotidie mentibus suppuretur* (“Faz-se conveniente nessa época em que somos governados, ó mais excelso entre os homens, entregar-se mais ao silêncio que pensar no estudo, especialmente quando ninguém se movimenta, exceto pelo lucro, e a constante inquietação de acumular riquezas alastra-se pelas mentes todos os dias”).

³³ Fulg, *myth.* 1 praef. p. 3: [...] *cito itaque nunc aut quod amiseris fleas aut quod edas inquiras quam quod dicas inuenias [...]*.

³⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 83: *sed quia nouo caritatis dominatui fulcitur et in amoris praecepto contemptus numquam admittitur, ob hanc rem Virgiliana continentiae secreta phisica tetigi [...]*.

Em seguida, Fulgêncio estabelece seus objetivos, começando pelo que ele pretende evitar, isto é, comentar as duas primeiras obras de Virgílio, as *Bucólicas* e a *Geórgica*.

Por isso, omitimos as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, nas quais tão místicas doutrinas estão matizadas, posto que Virgílio, nestes livros, expôs os conhecimentos essenciais de quase toda arte.³⁵

Ainda assim é feita uma enumeração dos assuntos introduzidos por Virgílio em cada um desses poemas, como os conhecimentos da natureza, botânica, astronomia, assuntos pontificiais, augúrios, música, medicina e fisiologia, dentre outras, à semelhança do que outros autores já atribuíram de conhecimento ao poeta, como Macróbio, por exemplo, em sua *Saturnalia*. Em seguida, pela modéstia que o momento exige, afirma seu opúsculo ser não um pomo de ouro, mas simplesmente um pequeno “mimo” colhido junto ao jardim das Hespérides, pois seria inapto à tarefa hercúlea reputada ao herói filho de Zeus pelo rei Euristeu. Essa comparação foi empregada mais à frente no texto, quando o espectro de Virgílio associa as dez maçãs douradas às suas dez éclogas, representando ambas a eloquência e a sabedoria. Além disso, a técnica é recorrente: Fulgêncio empregou esse mesmo recurso na introdução da *De aetatibus*.³⁶

Logo, ficarás contente, meu senhor, com o pequeno mimo o qual colhemos para ti do florescente jardim das Hespérides. Se de fato procuras maçãs douradas, terás que ser um Euristeu para um outro mais forte, que arrisque sua vida como Hércules. Poderás de fato colher tranquilamente muitas maçãs, as quais sirvam para uso de teu desejo.³⁷

³⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 83: *Ob quam rem bucolicam georgicamque omisimus, in quibus tam mysticae interstinctae sunt rationes, quo nullius pene artis in isdem libris interna Virgilius praeterierit uiscera.*

³⁶ Fulg, *de aetat.* p. 129: *Esto ergo contentus huic oneri, quod tibi florulentis Pieridum decerpsimus hortulis et sicut Euristeus mihi inponendo sudori Herculeo praefuisti* (“Logo, ficarás contente deste trabalho, o qual colhemos para ti do florescente jardim das Hespérides, tendo me imposto, como um Euristeu, um trabalho hercúleo”).

³⁷ Fulg, *Virg. cont.* p. 84: *Esto ergo contentus, mi domine, leuiori fasciculo quem tibi Hesperidum florulentis decerpsimus hortulis [...] aurea enim mala si expetis, esto Euristeus alio fortiori, qui ut Alcides suam pro nihilo reputet uitam. Poteris enim ex his tacite multa colligere quae ad instrumentum tui proficiant desiderii.*

Em seguida, ele alude ao eléboro de Crísipo, filósofo também referido nas *Mythologiae*,³⁸ num comentário espirituoso, para ressaltar que prefere lidar com assuntos mais leves que os das outras obras virgilianas. O que vem a seguir é uma das características da tradição cristã que permeia a continuação da literatura clássica no período tardoantigo.

Quanto a mim, na verdade, colocado em segundo lugar o rançoso amargor do heléboro de Crísipo, narrarei, com a ajuda das Musas, algo mais ameno [...].³⁹

Auerbach afirmara que o cristianismo havia revalorizado o que era considerado “alto” e “baixo”, numa referência próxima ao *sermo humilis* de Agostinho, com o qual ele se dirigia às populações da África e do qual Jerônimo se queixou de não seguir quando traduzia a Bíblia (*cristianus es, non ciceronianus*) (AUERBACH apud BELTRÁN, 2013, p. 164). Vejamos: os personagens da *Saturnalia* finalizam o almoço de um dos dias e é sugerido que discutam sobre Virgílio e seus profundos saberes. Esse tema é, no entanto, postergado, ocasionando uma discussão após o almoço de temas mais amenos, como anedotas, adivinhas, costumes domésticos, dentre outros, e “o assunto Virgílio” vira o tópico principal em um momento mais solene, a manhã do dia seguinte, (BELTRÁN, 2013, p. 164).⁴⁰ Por sua vez, na *Continentiae*, Fulgêncio opta por saber de Virgílio não os já discutidos e profundos saberes virgilianos, mas justamente aqueles mais simples. É justamente esse estilo mais simples e leve que, alçado à um novo *status* pelo cristianismo, passa a representar os conhecimentos mais importantes, as verdades profundas, que tentam ser extraídas da obra de Virgílio sob um discurso mais ameno por parte do comentador.

³⁸ Fulg, *myth*, 1 praef p. 15: [...] *ut etiam Crysippus de fato scribens ait: Compulsationibus lubricis uoluuntur incursus. Itaque primum omissio circuitu, unde idolum tractum sit, edicamus* ([...] como também disse Crísipo, escrevendo sobre o destino: ‘Os impulsos são precipitados por ímpetos enganadores’. Então, em primeiro lugar, desprezados os ardores, façamos conhecer donde seria originada a idolatria”).

³⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 85: *Ego uero Chrisippi ellebori rancidulo acrore postposito cum Musis aliquid blandius fabulabor.*

⁴⁰ Macr, *sat*, I, 24, 24: [...] *reservoandus igitur est Vergilius noster ad meliorem partem diei, ut mane novum inspiciendo per ordinem carmini destinemus. Nunc hora nos admonet ut honore vestro haec mensa dignetur* (“Nosso Virgílio deve ser reservado para a melhor parte do dia, e destinemos uma manhã fresca para ponderar sobre a disposição dos poemas”).

O que nosso autor faz na sequência, no intuito de iniciar a discussão a que ele se propõe, é utilizar da mesma estratégia dos poetas épicos, uma invocação. Fulgêncio repete um modelo também empregado nas *Mythologiae*,⁴¹ quando se dirigiu a Calíope, musa da poesia épica, e dela obteve a presença, assim como de Urânia e Filosofia.⁴² Dessa vez, dirigindo-se não só a Calíope, mas a todas as musas, pois segundo ele uma sozinha não seria suficiente, Fulgêncio solicita-lhes a inspiração necessária para que consiga cumprir sua difícil empresa. O resultado dessa invocação é o aparecimento do próprio Virgílio, um espectro deste, seu interlocutor no diálogo.

“Vós, heliconiades, de fato não apenas Calíope está sendo chamada,
Aproximem-se, deem préstimos à minha mente.
Empreendo uma obra mais difícil: uma só de fato não basta.
Acorram, piérides, de fato minhas queridas,
E toquem as cordas arcádicas com o alvo plectro”.⁴³

O expediente discursivo adotado por Fulgêncio de convocar um interlocutor com o qual se constrói a discussão é tradicional à literatura, sendo empregado anteriormente por ele mesmo, quando de seu diálogo com Calíope, nas *Mythologiae*, que o “inicia nos mistérios anacreônicos”⁴⁴ e assim lhe engaja a escrita, como também empregado por Cícero no *De Re Publica*, sobretudo no livro VI, comentado por Macróbio, em que Cipião tem em seus sonhos a aparição de outras personalidades antigas (cf. seção 1.1.5).

⁴¹ Fulg, *myth*, 1 praef p. 7-8: “Ó Tespiades, as quais imersas no sorvo poetico | Hipocrene aspergiu de sua fonte espumante de borrifo loquaz, | diligentes, fazei avançar o passo a partir dos verdores das colinas, | onde, ao amanhecer, orvalha suores à florulenta púrpura | o vapor frio, que os astros destilam em noites serenas. | Abri os cestos cheios das belas flores de palavras. | Tudo aquilo que a onda rapta arrastando pelos vergeis de Tempe | tanto o que o casco do cavalo produziu em corrida no céu, | tudo aquilo que cantou o pastor de Ascra sobre o antigo penhasco, | tudo aquilo os vossos celeiros expoem dos tesouros de Atlas | aquilo que Maro cantou na floresta pastoral de Mântua, | aquilo que o Meônio cantou comicamente sobre a batalha das rãs a lira da Arcádia ressoava com o branco marfim; | que agora ao meu poema confluam as coisas da antiga idade.”

⁴² Fulg, *myth*, p. 12: *Ad haec illa: [...] Ergo erunt nobis etiam Philosophia atque Urania adiutrices operis consciscendae* (“Em relação a tudo isso, ela [Calíope] diz: [...] ‘Portanto Filosofia e Urânia também serão nossas auxiliares da obra que deverá ser levada a efeito’”).

⁴³ Fulg, *Virg. cont.* p. 95: *Vos, Eliconiades, neque enim mihi sola uocanda est | Calliope, conferte gradum, date praemia menti. | Maius opus moueo; nec enim mihi sufficit una. | Currite, Pierides, uos enim mea <maxima cura,> | Parrasias niueo compellite pectine cordas.*

⁴⁴ Fulg, *myth*, p. 10: *Eia, inquit, Fabi, Anacreonticis imadudum nouus mystes initiatus es sacris* (“Vamos, Fábio, tu já és um novo iniciado nos sacros mistérios anacreônicos”).

Pois eis que em direção a mim o próprio também se aproxima, mais saciado do que se tivesse bebido da fonte ascreia, assim como costumam ser as figuras dos poetas, quando – arrogadas as tabuinhas para concluir a obra, com a fisionomia extasiada – murmuram baixinho algum mistério com a obra ladrando em seu interior.⁴⁵

Conforme a passagem acima, o resultado de tal súplica é o aparecimento do próprio Virgílio.⁴⁶ Consideramos essa uma divisão interna à obra, pois a seção introdutória, que tanto aludiu às outras obras de Fulgêncio no estilo, na composição e nas figuras de linguagem, tem seu fim, e o texto toma um rumo mais peculiar, o do diálogo mantido entre os personagens.

As críticas dos comentadores ao uso do poeta como personagem nessa obra referem-se, principalmente, a duas questões: a primeira delas, perceptível mesmo através da organização do texto, é como as falas de Fulgêncio e Virgílio se confundem em alguns momentos, e, em muitos casos, o espectro de Virgílio, ou o seu turno de fala, nos dá informações que deveriam ser fornecidas por Fulgêncio, além do encerramento do texto, que sobrepõe a fala final de Fulgêncio de maneira abrupta à uma cadência de pensamento na qual vinha o espectro de Virgílio, não resolvendo a questão da sua chegada e nem a da sua saída; a segunda reside nas citações de autores pelo espectro de Virgílio que são muito posteriores à sua época, sendo ativos sobretudo entre os séculos V e VI. Vejamos o que diz um dos críticos mais verborrágicos:

Ele está tão longe de atentar-se a qualquer lei que ele, mesmo na sua própria ficção imaginada, encontra problemas constantemente, e em alguns lugares, Virgílio, esquecendo-se de que é Virgílio, fala como se fosse Fulgêncio. E a ignorância, aliada à inexperiência, põem na boca do poeta uma citação de Petrônio e do ainda mais posterior Tiberiano! A esse grosseiro e inexplicável absurdo também deve ser acrescido que o livro não foi devidamente encerrado, pois o autor esquece em seu final que, tendo feito Virgílio chegar até ali, deve voltar à cena ele mesmo para despedir-se dos leitores (1943, p. 61).⁴⁷

⁴⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 85: *Nam ecce ad me etiam ipse Ascrei fontis bractamento saturior aduenit, quales uatum imagines esse solent, dum adsumptis ad opus conficiendum tabulis stupida fronte arcanum quiddam latranti intrinsecus tractatu submurmurant.*

⁴⁶ Nos referiremos ao Virgílio personagem do texto como um espectro do poeta devido à aura mística que sua aparição emana, tentando também diferenciar, durante nosso texto, suas ideias enquanto personagem fulgenciano daquelas que ele de fato escreveu em suas próprias obras.

⁴⁷ “Egli è tanto lontano dal badare ad una legge qualunque, che neppure alla finzione da lui stesso immaginata si attiene costantemente, e in qualche luogo Virgilio, dimenticando di esser Virgilio, parla come fosse Fulgenzio. E l’ignoranza accoppiandosi alla spensieratezza, in bocca al poeta è posta una citazione di Petronio ed anche una del più tardo Tiberiano! A questa grossa ed

A incoerência dos turnos de fala pode ser descrita, por um lado, por uma inabilidade na condução da escrita, como também, por outro, por se tratar de um esboço de obra, se considerarmos a simplificação que o texto sofre, sobretudo após a volta de Enéias do submundo em diante, até o final.⁴⁸ Em suma, o livro 6 compreende a maior e mais aprofundada interpretação elaborada por Fulgêncio, tornando a abordagem aos livros seguintes, em comparação com este, superficial. Isso nos sugere que a discussão sobre o livro 6 tenha sido mais que apenas o clímax da *Continentiae*, mas o próprio objetivo do texto, restando aos livros anteriores e posteriores uma interpretação menos cuidadosa e minuciosa.

Quanto ao modo como Fulgêncio recorre a Virgílio para ser seu antagonista, Fabio Rosa sugere que

Sua introdução como um diálogo retoma um padrão, de certa forma muito empregado na literatura antiga: o da visita nos sonhos, que é recorrente no livro das *Mythologiae*, e naquele tipo apocalíptico, que é a *Consolatio philosophiae*, de Boécio. Como de costume na tradição apocalíptica, uma vez acabada a exposição, Virgílio desaparece sem que o autor precise destacar sua saída ou perceber seu fracasso, como o peregrino da *Comédia*. Seu interesse está muito mais voltado para o valor da sua revelação (ROSA, 1997, p. 22-3).⁴⁹

Já a referência aos autores posteriores, certamente conhecidos e em voga nos séculos V e VI, jamais, ao nosso ver, poderia ser encarada como um paradoxo ou incoerência em sua escrita. Fulgêncio está assim representando Virgílio não apenas como o sábio, de potente intelecto, tradicionalmente retratado na literatura antiga, mas também como autor onisciente, capaz de compreender as

inescusabile oscitanza va pure attribuito che il libro, qual'è, non ha chiusa, poiché l'autore dimentica in fine che avendo fatto parlare Virgilio fin lì, deve riporsi in scena egli stesso per congedarsi dal lettore."

⁴⁸ Whitbread (1971) sugere que a obra não foi devidamente finalizada. Por sua vez, Moreno (2005, p. 149) acredita o texto refletir um estado redacional do momento de sua escrita.

⁴⁹ "La sua introduzione come voce dialogante ricalca uno schema altrettanto abusato nella letteratura antica: quello del dream-visitation, che recorre anche nel libro delle *Mythologiae*, e in quella sorta di apocalisse, che è la *Consolatio philosophiae* di Boezio. Come di norma nella tradizione apocalittica, una volta finita sua esposizione, Virgilio scompare senza che l'autore senta il bisogno di motivarne la scomparsa o avverta in sé, come il pellegrino della *Commedia*, um senso di mancamento. Il suo interesse è piuttosto rivolto alla qualità della sua rivelazione."

verdades da sabedoria espalhadas em que lugar elas estejam, inclusive séculos depois de sua existência, e condensá-las em sua poesia.⁵⁰

Fulgêncio se direciona ao espectro poeta, na sequência do texto, com grande humildade, demonstrando querer aproximar-se dessa sabedoria ao querer tocar-lhe “as pontas extremas de tuas vestes”,⁵¹ replicando uma situação vista no evangelho de Mateus (9, 20-21), em que uma enferma, a fim de obter a cura de suas mazelas, encosta nas bordas da roupa de Jesus – concedendo a Virgílio a mesma importância e reforçando-lhe o *status* de profeta, que já fora empregado outrora ao poeta. Assim, diz querer compreender em sua obra não as complexas verdades – à exemplo dos números de Pitágoras e das *enteleacias*⁵² de Aristóteles –, mas sim algo mais leve, suficiente para que ele “distribua a ouvidos pueris em troca de um salário mensal”, isso é, exerça a função própria do *grammaticus*, do professor, que ensina língua e literatura às crianças e jovens. Tratando Fulgêncio por *homunculus* e assumindo o papel professoral que lhe coube, começa a discorrer sobre o primeiro verso da *Eneida* e a relação deste com os estágios da vida.

O que se vê adiante é uma estratégia que relembra parte do que o gramático Élio Donato já fizera, para quem as três obras de Virgílio representariam as etapas pastoris, agrícolas e bélicas da humanidade. Contudo, o percurso de Enéias no épico virgiliano, segundo as disposições de Fulgêncio, é uma representação do percurso não apenas do filho de Anquises – citado nominalmente em apenas uma passagem da *Continentiae* –⁵³ mas da própria vida humana, referente a todos os indivíduos em geral.

⁵⁰ Há citações ao longo da obra de autores futuros aos tempos de Virgílio, como Petronio (p. 99: [...] *unde et Petronius in Euscion ait: 'Cerberus forensis erat causidicus'*), Tiberiano (p. 97: [...] *ut Tiberianus in libro de (deo) Socratis memorat*) e Porfírio (p. 100 [...] *unde et Porfirius in epigrammate ait [...]*). Grifos nossos.

⁵¹ Fulg, *Virg. cont.* p. 86: [...] *nobis uero erit maximum, si uel extremas tuas praestringere contingerit fimbrias.*

⁵² Do grego ἐντελέχεια, designa, na filosofia aristotélica, a realização plena e completa de uma tendência, potencialidade ou finalidade natural, concluindo um processo transformativo de todo e qualquer ser animado ou inanimado do universo.

⁵³ Fulg, *Virg. cont.* p. 101: *Denique Aeneas hoc strepitu terretur, uir enim pius superbiae uoces et malorum poenas effugit ac pauescit.*

1.2.2 Ter, reger, ornar: os três estágios da vida humana

Compreender uma peça literária alegoricamente como toda a extensão da vida dos seres humanos não foi uma interpretação feita exclusivamente à *Eneida*. Fazendo o mesmo traçado, embora com algumas lacunas, Fulgêncio parece se referir à uma tradicional separação do tempo em estágios, como mais tardiamente compilada num tratado de Beda, o *De temporum ratione*. Nesse texto, que data de 725, seu autor estabelece oito épocas em que a história do mundo se divide, seis delas se estendem da Criação até os dias atuais, e mais duas, *postmortem*.⁵⁴ Assim, a cada uma dessas fases Beda relaciona um período histórico. Vejamos

A primeira idade, de Adão até Noé, corresponde à infância anterior à fala; a segunda, de Noé até Abraão, à infância quando adquirida a faculdade da fala; a terceira, de Abraão até Davi, à juventude quando ele começa a “multiplicar sua prole”; a quarta, de Davi até o cativo da Babilônia, à maturidade, quando se adquire a habilidade de governar; a quinta, da Babilônia ao nascimento de Cristo, à velhice e seus infortúnios; e a sexta, a era Cristã, representando a senilidade e uma eventual morte (WHITBREAD, 1971, p. 182).⁵⁵

Fulgêncio adere a esse sistema também na *De aetatibus*, embora não o siga categoricamente. Dos 14 livros a que temos acesso, as fases da vida humana são distribuídas dos livros 1 ao 6.

O livro 1, sobre Adão e sua descendência, representa a inocência e o nascimento; o 2, de Enoque a Noé, as inconseqüências da adolescência, associando o Dilúvio com o catecúmeno preparando o batismo e a crisma de confirmação; o 3, na maior parte falando sobre Babel e a Babilônia, alude à juventude, ao mesmo tempo cheia de orgulho e ansiosa por aprender; o 4, sobre Abraão, trata sobre o casamento e aquisição de sabedoria; o 5, sobre Jacó, refere-se aos descendentes do casamento e à aquisição de posses; e 6, sobre Moisés, menciona o homem alcançando a maturidade (WHITBREAD, 1971, p. 183).⁵⁶

⁵⁴ Vd. Whitbread (1971, p. 182).

⁵⁵ Whitbread (1971, p. 182): The first age, from Adam to Noah, corresponds to man's infancy before speech; the second, from Noah to Abraham, man's childhood wherein the faculty of speech is acquired; the third, Abraham to David, man's youth when he "begins to propagate his kind"; the fourth, Davi to the Babylonian captivity, man's maturity when he acquires the ability to govern; the fifth, Babylon to the birth of Christ, man's old age and its misfortunes; and the sixth, the Christian era, representing senility and eventual death.

⁵⁶ Whitbread (1971, p. 183): Section 1, dealing with Adam and his sons, is the age of innocence and birth; 2, from Enoch to Noah, mentions the follies of boyhood and links the Flood to the

Os livros seguintes não seguem a mesma lógica, embora ainda representem etapas da vida humana. Tratando sobre histórias do Antigo Testamento, o livro 7 é associado à idade humana que vai dos 30 aos 35 anos, e a sequência dos livros segue essa sequência de *lustra*, isso é, períodos de 5 anos em que eram realizados sacrifícios aos deuses (MANCA, 2003b, p. 101).

Uma interpretação semelhante é elaborada no decorrer da *Continentiae*. Primeiro, conforme o modelo platônico, em três fases. Posteriormente, passagens da *Eneida* são associadas às épocas da vida humana, da infância à idade adulta.⁵⁷ Essa característica da *Continentiae*, a sua divisão da *Eneida* em fases da vida, encontra eco em Agostinho. Nas suas *Confissões*, um tratado filosófico autobiográfico, o bispo versa sobre seu nascimento, seu batismo, a conversão ao cristianismo, suas ideias de vida, alma, morte etc, de modo que, até o livro X, encontramos um traçado da sua vida tal como Fulgêncio o fez na *Continentiae*, o que leva a Agozzino e Zanlucchi dizerem que “as primeiras quatro sessões do Cosmorama agostiniano recorrem com perfeita exatidão ao tratado fulgenciano” (AGOZZINO; ZANLUCCHI, 1972, p. 18). Na seção seguinte, relacionaremos o texto do bispo de Hipona ao de Fulgêncio à medida que recorrências como essa se mostrem pertinentes entre as obras.

Na sequência da narrativa, o espectro de Virgílio faz uma longa e solene declaração sobre o *incipit* da obra, no qual repousam significados intrínsecos às palavras, revelando valores que, combinados na vida humana assim como nos versos, acompanham o homem, moldando-lhe o caráter, ao longo da sua vida. Ele discorre sobre como a virtude deve ser primordial à sabedoria, pois a primeira é a base por onde a segunda “floresce”.

Porque de fato toda a perfeição consiste na virtude do corpo e na sabedoria da mente [...].⁵⁸

catechumen preparing for baptism and the chrism of confirmation; 3, mainly to do with the tower of Babel or Babylon, alludes to youth which is both full of pride and eager for education; 4, on Abraham, speaks of marriage and the acquiring of wisdom; 5, on Jacob, refers to the offspring of marriage and the acquiring of possessions; and 6, on Moses, mentions man's reaching maturity.

⁵⁷ Vd. Agostinho, *De ciuitate Dei*, e Isidoro de Sevilha, *Etymologiae*.

⁵⁸ Fulg. *Virg. cont.* p. 87: [...] *omnis enim perfectio in uirtute constat corporis et sapientia ingenii*'.

[...] ainda que a sabedoria guie a virtude, na virtude da alma que a sabedoria floresce [...].⁵⁹

O enfraquecimento da virtude é, de fato, a enfermidade da sabedoria, pois tudo aquilo que uma decisão da sabedoria tenha se proposto, se a virtude deixar de fornecer o seu apoio diante das tarefas faltantes, a plenitude da sabedoria se esvai, reduzida em seus efeitos.⁶⁰

Baseado nisso, ele desenvolve em seguida as suas fases da vida humana, aprofundando cada vez mais e alcançando, similar a Platão, uma tripartição:⁶¹

[...] a primeira é 'ter', em seguida 'reger' o que tenhas, em terceiro, na verdade, 'ornar' o que reges. Logo, observa então esses três graus apresentados em um único verso meu, isso é: *arma*, *uirum* e *primus*: *arma*, ou seja, a virtude, refere-se à substância corporal; *uirum*, ou seja, a sabedoria, refere-se à substância intelectual; e *primus*, ou seja, o principal, refere-se à substância de julgar, pelo que a ordem seria desse modo: ter, reger, ornar.⁶²

A divisão, por sua vez, se estabelece desse modo: *arma*, isto é, *uirtus*, corresponde à substância corporal; *uirum*, isto é, *sapientia*, corresponde à substância intelectual; e *primus*, isto é, *princeps*, corresponde à substância moral, à capacidade de julgamento. Mais três características são associadas na sequência, quando o poeta explica ter demonstrado ao longo dos seus versos a plenitude da vida humana:

Assim, sob o manto de uma história alegórica, demonstrei o pleno estado do homem, que seria primeiro a natureza, em segundo a doutrina e em terceiro a felicidade.⁶³

São elas a *natura*, o que já se tem, a capacidade inata do ser humano, a substância do corpo; a *doctrina*, o que se rege, habilidade intelectual ensinada e que guia a

⁵⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 88: [...] *quod quamuis sapientia uirtutem regat, tamen in uirtute animae sapientia floret.*

⁶⁰ Fulg, *Virg. cont.* p. 88: *Defectus enim uirtutis egritudo est sapientiae hoc uidelicet pacto, quia quidquid sapientiae consultatio agendum inuenerit, si ad subrogandum posse uirtus deficiat, curtata in suis effectibus sapientiae plenitudo torpescit.*

⁶¹ Fulg, *Virg. cont.* p. 90: [...] *unde et Plato trifarium humanae uitae instruens ordinem ait [...].*

⁶² Fulg, *Virg. cont.* p. 89: *Nam ut tuis saturantius aliquid adhuc satisfaciamus ingeniis, trifarius in uita humana gradus est, primum habere, deinde regere quod habeas, tertium uero ornare quod regis. Ergo tres gradus istos in uno uersu nostro considera positos, id est: 'arma', 'uirum' et 'primus': 'arma', id est uirtus, pertinet ad substantiam corporalem, 'uirum', id est sapientia, pertinet ad substantiam sensualem, 'primus' uero, id est princeps, pertinet ad substantiam censualem, quo sit ordo huiusmodi: habere, regere, ornare.*

⁶³ Fulg, *Virg. cont.* p. 89: *Ergo sub figuralitatem historiae plenum hominis monstraui statum, ut sit prima natura, secunda doctrina, tertia felicitas.*

natureza, referente à substância do intelecto; e a *felicitas*, a fecundidade do conhecimento adquirido, as práticas decorrentes do aprendizado e a dimensão ético-social, a substância do julgamento e da moral. Por fim, a essa explicação ele ainda acrescenta:

[...] primeiro vem a virtude da alma, concedida naturalmente e que progrediria – de fato não se ensina exceto aquele que se encontra disponível para ser ensinado –, em segundo vem a doutrina, a qual realça a natureza à medida em que avança, assim como o ouro. De fato é o estado natural do ouro sua beleza e maleabilidade, mas é batendo com o martelo do ferreiro que ele chega à perfeição.⁶⁴

Essa divisão pode ser também observada na estrutura triádica interna à *Eneida*. Marques Júnior resume a jornada do herói em 3 etapas principais: os quatro primeiros livros se referem às provações por que Enéias deve passar, de modo a se mostrar do destino benfazejo que os deuses lhe reservaram; os quatro livros seguintes dizem respeito aos ritos, necessários à formação do herói piedoso, sendo vencedor; e os últimos quatro livros, que tratam das lutas, em que o herói piedoso, sendo vencedor, deverá se tornar o pai da pátria, segundo determinam os destinos (MARQUES JÚNIOR, 2011, p. 13).

O espectro de Virgílio assim desenvolve seu esquema. Pondo fim à longa explicação do seu *incipit*, requisita, de antemão, que seu aluno lhe resuma a introdução da jornada do herói – haja vista que a *Eneida* não é citada nominalmente sequer uma vez – averiguando o conhecimento do aluno sobre a obra. Fulgêncio, por sua vez, faz um sumário do enredo do livro I: a ira de Juno contra os troianos, a proposta de casar a ninfa Deiopeia com Éolo caso ele destruísse a frota de Enéias com seus ventos, o desembarque nas praias africanas, o encontro de Enéias com sua mãe Vênus, a chegada ao palácio de Dido envolto numa nuvem, as lembranças da guerra de Tróia e o deleite da música e da comida no banquete com a rainha de Cartago.

1.2.3 O caminho de Enéias

⁶⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 90: [...] *prima uirtus animi naturaliter data quae proficiat – neque enim eruditur nisi quod erudibile nascitur –, secunda doctrina quae naturam ornat cum proficit, ut est aurum; est enim natura in auro productionis et decoris, sed ad perfectionem malleo proficit excudentis.*

Após essa etapa de “verificação”, o espectro de Virgílio explica que coisas estão subjacentes a essas passagens, dando início à exploração da obra conforme as fases da vida humana se sucedem, a começar pela tempestade, causada por Éolo, a mando de Juno, deusa do parto, que representa “os perigos do nascimento” pelos quais todas as crianças passam durante o parto. A interpretação alegorizante feita por Fulgêncio vai ser largamente apoiada pelo recurso das etimologias, discutidas em sua própria seção.

Para justificar essa associação, Virgílio afirma que Éolo, o deus dos ventos, é “em grego praticamente *eonolus*, isso é, a destruição do mundo”.⁶⁵ Findada a tempestade, Enéias escapa com sete naus e alcança a costa da África. A quantidade de navios também tem sua importância simbólica, apesar de Fulgêncio “dever-nos” a explicação: ele explica ao leitor já ter tratado sobre “aritmologia”, a ciência dos números, em outro livro, o qual recomenda ao leitor da *Continentiae*. Quanto à chegada de Enéias ao litoral, o espectro de Virgílio diz:

“Como começara a dizer, logo que Enéias pisa na areia, vê a mãe mas não a reconhece, demonstrando precisamente a infância, pois que pelo parto aos recém nascidos é dado ver a mãe, mas não é dada a habilidade de reconhecê-la imediatamente. Em seguida, envolto na nuvem, reconhece os companheiros, mas não pode dirigir-lhes a palavra. Vê quão óbvio o comportamento da infância, pois, enquanto está presente a condição de fixar os olhos, está ausente a faculdade da fala [...]”⁶⁶

E quanto ao fato de que na verdade Enéias deleita a mente com imagens vãs, isto representa um certo apego infantil. A criança de fato sabe ver, mas ignora sentir o que veja, assim como nas imagens há visibilidade, mas não há compreensão [...]”⁶⁷

Em seguida, ele é convidado a um banquete e se deleita com o som da cítara. Sem dúvida, o costume dos pequenos é nada mais que se deleitar pela música e se satisfazer com comida. Sendo assim, observa agora o nome do tocador de cítara [...] Donde eu o tenha colocado [o tocador de cítara] cabeludo como a uma mulher. Então Enéias vê Cupido. De fato, querer ou desejar alguma coisa sempre remete à infância [...]”⁶⁸

⁶⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 91: *Eolus enim Grece quasi eonolus, id est saeculi interitus.*

⁶⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 92: *'Vt dicere coeperam, mox ut terram tangit, matrem uidet nec agnoscit, plenam designantes infantiam quia a partu recentibus matrem uidere datur, non tamen statim cognoscere meritum contribuitur. Dehinc nube conseptus socios cognoscit, adloqui non potest; uide quam euidentis crepundiorum mos, dum adest inspiciendi potestas et deest loquendi facultas [...].*

⁶⁷ Fulg, *Virg. cont.* p. 93: *At uero animum pictura inani quod pascit, certum puerile studium refert; infantia enim uidere nouit, sentire uero quid uideat nescit, sicut in picturis est uisibilitas, deest sensibilitas.*

⁶⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 93: *Dehinc ad epulas accipitur et citharae sono mulcetur; paruulorum quippe mos est nihil amplius quaerere quam delectari sono et saturari cibo Nam denique nomen eiusdem citharedantis*

Acrescentam-se algumas características referentes à infância, como só ser possível às crianças rir a partir do 5º mês de nascido, e também que desejar algo, e por isso chegar às lágrimas, são característicos à idade. Essa fase ainda se estende pelos livros 2 e 3, nos quais Enéias participa do banquete e ouve histórias sobre a guerra de Tróia, “histórias pelas quais a tagarelice infantil é acostumada a se distrair”.⁶⁹ Agostinho nota que o mesmo ocorrera com ele quando na infância:

Por enquanto, sabia mamar e me apaziguar nos prazeres, ou chorar pelas ofensas à minha carne, nada mais.⁷⁰

[...] amava as vitórias arrogantes nas competições e amava que meus ouvidos fossem coçados por fábulas falsas, prurindo ainda mais [...].⁷¹

Em seguida, a explicação alcança o final do livro 3, em que Enéias fala sobre o Cíclope. Valendo-se da etimologia dessa palavra – de que *ciclos* é grego para “círculo” e que *pes* significa em grego “menino” –, justifica que a infância fica para trás.

Logo, a infância [...] já afastada do temor dos cuidadores, desconhece a aflição do pensar e pratica jogos pueris.⁷²

Por causa disso, é dito também o cíclope ter apenas um olho no rosto, pois a infância não possui nem uma visão plena nem racional, e toda essa época a infância é levada ao orgulho, como o Cíclope. Por isso há um único olho na sua cabeça, para que não veja ou perceba nada exceto a arrogância.⁷³

Este [o Cíclope] o sapientíssimo Ulisses matou: logo, uma glória vã se cega pela chama da inteligência. [...] Então a cegueira acompanha arrogância da juventude e a perda da reputação dessa idade.⁷⁴

considera unde et crinitum eum posuimus uertici muliebri simillimum. Tunc etiam Cupidinem uidet; cupere enim ac desiderare aliquid semper accedit infantiae [...].

⁶⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 93: *fabulis quibus puerilis consueta est auocari garrulitas.*

⁷⁰ Aug, *conf.* 1, VI, 7: *Nam tunc sugere noram et adquiescere delectationibus, flere autem offensiones carnis meae, nihil amplius.*

⁷¹ Aug, *conf.* 1, X, 16: *Amans in certaminibus superbas victorias et scalpi aures meas falsis fabellis, quo prurirent ardentius.*

⁷² Fulg, *Virg. cont.* p. 93: *Ergo pueritia [...] iam timore nutritorum feriata tristitiam cogitandi nescit et uaginam puerilem exercit.*

⁷³ Fulg, *Virg. cont.* p. 94: *Ob hanc rem etiam Ciclops unum oculum in fronte habere dicitur, quia nec plenum nec rationalem uisum puerilis uagina portat et omnis aetas puerilis in superbia erigatur ut Ciclops. Ideo in capite oculum, quod nihil nisi superbum et uideat et sentiat.*

⁷⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 94: *Quem sapientissimus Ulixes extinguit, id est: igne ingenii uana gloria cecatur. [...] Ergo iuuentutis elationem et famae perditionem aetatis cecitas sequitur.*

Atinge-se à *pueritia*, fase na qual as crianças já se lançam às brincadeiras pueris e se afastam dos cuidadores, crescendo e agindo de maneira imprudente. Os desatinos dessa fase são relatados novamente nas *Confissões*, quando seu autor relata sua mãe saber “quantos e quais turbilhões de tentações o ameaçavam após a puerícia”.⁷⁵ Essa fase, uma espécie de meio-termo à fase seguinte, a *iuventus*, é simbolicamente representada na *Eneida* pela morte de Anquises, ou seja, época que corresponde ao fim da autoridade paterna.

[...] Enéias então enterra o pai. De fato, atingindo a juventude, repele-se o peso da autoridade paterna. Em seguida o porto de Drepanos enterrou – Drepanos de fato em grego é quase *drimipedos*, *drimos* é de fato tido como ‘áspero’, *pes* é na verdade dito ‘menino’ – para que a rebeldia infantil rechace a autoridade paterna.⁷⁶

O quarto livro da *Eneida* é dedicado à trama entre Dido, rainha de Cartago, e Enéias. Durante uma caçada, ambos se encontram numa caverna e, isolados dos demais personagens devido ao mau tempo – o que Fulgêncio insinua representar a consciência turbulenta dos jovens – eles consumam o amor que já estava flagrante entre os dois. Esses acontecimentos refletem as ações dessa idade, a “inquieta adolescência”,⁷⁷ cuja consciência se encontra “entre nuvens e tempestades”, sem claro discernimento. A saída dessa situação se dá somente por uma força externa, um chamado “instigante”, como dito pelo próprio autor, capaz de retirar o jovem desse estado, fazendo-o ingressar em uma nova etapa.

Logo, no quarto livro, com a consciência livre do jugo paterno, não só procede à caça como também inflama-se pela paixão, e, por tempestades e nuvens, como se com pensamentos conturbados, é levado a cometer o adultério. Demorando-se nesse estado por um tempo, Enéias, por meio de um insistente Mercúrio, abandona o amor erroneamente concebido pelo seu desejo. Mercúrio de fato é posto como deus do intelecto. Então a juventude abandona os terrenos do amor sob uma mente instigante. Certamente, o amor desprezado se esvai e, consumido pelo fogo, transforma-se em cinzas. Enquanto de fato a

⁷⁵ Aug, *conf*, 1, X, 16: [...] *sed quot et quanti fluctus impendere temptationum post pueritiam videbantur, noverat eos iam illa mater [...]*.

⁷⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 94: *tunc patrem sepelit. Adcrescens enim iuuenalis aetas paterni uigoris respuit pondera. Denique Drepanos portus sepelit – Drepanos enim quasi drimipedos, drimos enim acer dicitur, pes uero puer uocatur –, quod puerilis acerbitas paternam respuat disciplinam.*

⁷⁷ Aug, *conf*, 2, III, 6: *inquieta adulescentia.*

volúpia é extraída do coração dos jovens pela autoridade da mente, sepultada no esquecimento das cinzas se consome.⁷⁸

As *Confissões* relatam período de volúpia similar do jovem Agostinho. Questionando os motivos que o fizeram estar afastados da morada divina na adolescência, ele diz que, “naquele décimo sexto ano de idade da carne, a loucura da libido, impunida pela degradação humana, tomou o poder sobre mim, fazendo com que me entregasse totalmente a ela.”⁷⁹ Agostinho se penitencia mais demoradamente. Ainda segundo ele

Por um tempo, na adolescência, fervei de me saciar de baixezas, deixei brotar uma floresta de amores vários e sombrios, gastei minha imagem e apodreci perante teus olhos.⁸⁰

E o que me dava prazer, senão amar e ser amado? Porém não mantinha a justa distância de uma alma a outra, por onde passa a luminosa fronteira do afeto: vapores exalavam da concupiscência lodosa da carne e dos borbotões da puberdade, embaçando e ofuscando meu coração, até já não distinguir entre a limpidez da afeição e a caligem da libido. Uma e outra fermentavam misturadas e arrastavam minha idade frágil entre os penhascos dos desejos, imergiam-na no sorvedouro das vergonhas.⁸¹

O começo do livro 5 marca o distanciamento da etapa em que a consciência encontra-se consumida pela paixão. Aqui a *doctrina* começa a influenciar os caminhos do herói. Enéias aporta na Sicânia, 1 ano após a morte de Anquises, e dá início aos jogos fúnebres em honras ao pai, motivado, segundo Fulgêncio, pela “juventude, já mais prudente, conduzida pelo exemplo da memória paterna, para

⁷⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 94: *Feriatu ergo animus a paterno iudicio in quarto libro et uenatu progreditur et amore torretur, et tempestate ac nubilo, uelut in mentis conturbatione, coactus adulterium perficit. In quo diu commoratus Mercurio instigante libidinis suae male praesumptum amorem relinquit; Mercurius enim deus ponitur ingenii; ergo ingenio instigante aetas deserit amoris confinia. Qui quidem amor contemptus emoritur et in cineres exustus emigrat; Dum enim de corde puerili auctoritate ingenii <libido> expellitur, sepulta in obliuionis cinere fauillescit.*

⁷⁹ Aug, *conf*, 2, II, 4: *Et quam longe exulabam a deliciis domus tuae anno illo sexto decimo aetatis carnis meae, cum accepit in me sceptrum (et totas manus ei dedi) vesania libidinis.*

⁸⁰ Aug, *conf*, 2, I, 1: *Exarsi enim aliquando satiari inferis in adulescentia, et silvescere ausus sum variis et umbris amoribus, et contabuit species mea, et computrui coram oculis tuis placens mihi.*

⁸¹ Aug, *conf*, 2, II, 2: *Et quid erat quod me delectabat, nisi amare et amari? sed non tenebatur modus ab animo usque ad animum quatenus est luminosus limes amicitiae, sed exhalabantur nebulae de limosa concupiscentia carnis et scatebra pubertatis, et obnubilabant atque obfuscabant cor meum, ut non discerneret serenitas dilectionis a caligine libidinis. utrumque in confuso aestuabat et rapiebat inbecillam aetatem per abrupta cupiditatum atque mersabat gurgite flagitiorum.*

que exercite o corpo em nobres atividades.”⁸² Durante os jogos, Juno envia Íris, para que essa, fingindo-se Béroë, queime as naus troianas, representando o crescente abandono das vaidades juvenis.

Então também os navios ardem em chamas, ou seja, os meios perigosos pelos quais a juventude é seduzida, pelas correntes tortuosas da vaidade, e, por assim dizer, é lançada cotidianamente às tempestades dos perigos. Todas essas coisas são consumidas pela poderosa chama do intelecto e com o crescente saber da astúcia acalmadas, elas emigram em direção às cinzas do esquecimento.⁸³

O livro 6 da *Eneida* é deveras peculiar. No programa literário de Virgílio, encontra-se aí a propaganda e a exaltação dirigida ao império, na pessoa de Augusto. É o livro da catábase de Enéias, a descida aos infernos, orientado pela Sibila, e da previsão do futuro de Roma, após o encontro com Anquises. Para alguns, também divide a obra em duas partes, às quais muitos se referem como a primeira delas baseada na *Odisseia* e a segunda, na *Ilíada*.

O modo como os comentadores lidam com essa seção do épico atesta essa peculiaridade. Entre os antigos, por exemplo, Sérvio comentou e discutiu o livro 6 de maneira muito mais aprofundada que os demais. Modernamente, por sua vez, Rauner-Hafner (1978) sugere uma “chave de leitura” para a *Continentiae* em que os acontecimentos desse livro representariam a aquisição da *substantia sensualis*, isto é, a *doctrina* e a *sapientia*, as mais importantes habilidades do homem (RAUNER-HAFNER apud ROSA, p. 14, 1997).

Fulgêncio, seguindo o mesmo caminho, parece concentrar a maior parte da sua atenção ao livro 6. As interpretações mais bem elaboradas, nas quais ele mais faz uso das etimologias para validar seu argumento, se passam nesse livro, ou seja, no âmbito da *sapientia*, no qual ele atravessa o percurso do templo de Apolo em direção aos Campos Elíseos.

Nesse momento, o espectro de Virgílio afirma para Fulgêncio terem ficado para trás tanto os perigos da juventude, isso é, os navios incendiados, como

⁸² Fulg, *Virg. cont.* p. 95: [...] *iam prudentior aetas paternae memoriae exempla secuta liberalibus corpus exerceat causis.*

⁸³ Fulg, *Virg. cont.* p. 95: *Tunc etiam et naues ardescunt, id est instrumenta periculosa, quibus aetas tempestivus iactationum cursibus flagitatur et uelut procellis periculorum cottidie quatitur. Igne ingenii superexcellente haec omnia consumuntur et scientia astutiae coalescente in fauillam obliuionis sopita commigrant.*

também Palinuro, um dos companheiros de Enéias, que representa o mau discernimento típico da idade, em que “‘Palinuro’ de fato é praticamente *planonorus*,⁸⁴ isso é, uma ‘visão errante’”.⁸⁵ A chegada de Enéias ao templo corresponde portanto, segundo a interpretação fulgenciana, à chegada do homem à “doutrina dos estudos”:

Ali ele se interroga sobre os rumos de sua vida futura e busca a descida aos infernos, isto é, quando alguém considera sobre sua vida futura, penetra então nos mistérios secretos e obscuros da sabedoria.⁸⁶

Esse momento corresponde, em certa ordem, com aquele em que Agostinho, nas *Confissões*, relatou ter refletido e comparado sobre suas escolhas filosóficas, recusando entregar a alma a qualquer doutrina que não admitisse o nome de Cristo, resolvendo dedicar-se a catecúmeno da Igreja Católica.⁸⁷

O espectro de Virgílio, então, elabora uma série de correspondências entre os acontecimentos do livro 6 com as representações da vida humana, apontando que, a fim de se preparar para essa doutrina, deve-se executar uma série de tarefas, assim como Enéias também o fez em seu percurso de rituais.

“Por conseguinte, Miseno, com a trombeta e com a concha, também é combatido pelo Tritão.”⁸⁸

Antes, faz-se necessário que sepulte Miseno. *Misio* em grego é dito ‘sepultar’, e *enos*, na verdade, o ‘louvor’.⁸⁹

Vê de fato como essa propriedade está fixada: a efervescência dessa perturbação vã cresce de fato através de uma língua sem freios, a qual é certamente destruída pelo Tritão, que é quase *tetrimmenon*, o que nós em latim dizemos ‘contrito’.⁹⁰

Logo, se não destruíres a pompa da glória vã, nunca penetrarás os segredos da sabedoria. Aquele de fato desejoso de uma vã paixão

⁸⁴ O termo remete ao adjetivo *πλάνος*, “errante”, e *ὄρος*, “montanha”. No entanto, Fulgêncio parece ter utilizado *ὄραμα*, “visão”, deverbais de *ὄραω*, “ver”.

⁸⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 95: *Ergo postposito lubricae aetatis naufragio et Palinuro omissio, Palinurus enim quasi planonorus, id est errabunda uisio.*

⁸⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Ibique de futurae uitae consultatur ordinibus et ad inferos discensus inquiritur, id est: dum quis futura considerat, tunc sapientiae obscura secretaque misteria penetrat.*

⁸⁷ Aug. *conf.* 4, XIV, 25: [...] *curationem languoris animae meae committere omnino recusabam. Statui ergo tamdiu esse catechumenus in catholica ecclesia mihi a parentibus commendata, donec aliquid certi eluceret quo cursum dirigerem.*

⁸⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Denique etiam cum Tritone bucino atque concha certatur.*

⁸⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Sepeliat ante et Misenum necesse est; misio enim Grece orreo dicitur, enos uero laus uocatur.*

⁹⁰ Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Vides enim quam fixa proprietates; uanae enim laudis tumor uentosa uoce turgescit, quem quidem Triton interimit quasi tetrimmenon quod nos Latine contritum dicimus;*

jamais procura a verdade, mas considera como próprias as coisas falsas oferecidas a ele com adulação.⁹¹

Logo, a contrição extingue toda a glória vã. Por isso a deusa da sabedoria foi chamada Tritona, pois toda forma de contrição produz um sábio.⁹²

[...] introduzi Carino para que cremasse com fogo o corpo de Miseno. De fato, dizemos 'benevolência', em grego, *carin*, e designamos 'tempo', na verdade, *eon*. Logo, é necessário que a secular benevolência enterre as cinzas da glória vã."⁹³

Seguido a isso, a Sibila orienta Enéias a colher o ramo dourado consagrado a Juno, pois somente com isso nas mãos o herói poderia chegar ao submundo. O espectro de Virgílio sugere aqui que a aquisição do ramo dourado corresponde à aquisição da doutrina e da literatura, necessária para perscrutar os conhecimentos. O próprio ramo dourado é associado ao conhecimento, quando ele diz que "o ramo foi dito *apo tes rapsodias*, isso é, 'da escrita', assim como Dionísio lembra em seu livro, 'Sobre as articulações gregas'",⁹⁴ e que "[...] o que dizemos 'áureo', quis designar o esplendor da eloquência, lembrando a sentença de Platão, na qual, inventariando a herança de Diógenes, o Cínico, não encontrou nada ali, exceto uma língua dourada [...]".⁹⁵ As associações do conhecimento, aprendizado e doutrina com o ouro continuam. Virgílio explica ter introduzido dez maçãs de ouro representadas cada uma por uma das dez églogas, e que por isso Hércules também apanhou maçãs douradas no jardim das Hespérides,⁹⁶ como discutimos acima sobre o *topos* utilizado no prólogo.

⁹¹ Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Ergo nisi uanae laudis pompam obrueris, numquam secreta sapientiae penetrabis; uanae enim laudis appetitus numquam ueritatem inquirat, sed falsa in se adulanter ingesta uelut propria reputat.*

⁹² Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Omnis ergo contritio omnem uanam laudem extinguit. Ideo et Tritona dicta est dea sapientiae; omnis enim contritio sapientem facit.*

⁹³ Fulg, *Virg. cont.* p. 96: *Carineum posuimus eius corpus igne cremasse; carin enim Grece gratiam dicimus, eon uero seculum nuncupamus. Gratia ergo saecularis uanae gloriae necesse est sepeliat cineres.*

⁹⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 97: *Ramus dictus est apo tes rapsodias, id est a scriptura, sicut Dionisius in Grecis articulationibus memorat.*

⁹⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 97: *[...] aureum quod diximus, claritatem facundiae designare uoluimus memores Platonis sententiam, cuius hereditatem Diogenes Cincicus inuadens nihil ibi plus (nisi) auream linguam inuenit [...].*

⁹⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 97: *Nam et nos in bucolicis ideo mala aurea decem posuimus, scilicet decem eglogarum politam facundiam; nam et Hercules aurea mala de horto Hesperidum tollit.*

O espectro de Virgílio associa, então, as quatro hespérides com quatro habilidades imprescindíveis ao conhecimento, tal como um *curriculum* escolástico:

As Hespérides são ditas quatro de fato, isto é, Egle, Éesper, Medusa e Aretusa, as quais nós dizemos, em latim, 'estudo', 'intelecto', 'memória' e 'eloquência', porque em primeiro seria o estudar, em segundo, o aprender, em terceiro, ser lembrado do que se aprende, daí ornar com palavras o que está na mente. Logo, em seguida, a virtude apodera-se do ornamento áureo do estudo. Assim, como disse antes, Enéias conseguiu o ramo dourado, isto é, a doutrina, e alcança os infernos e perscruta os segredos da sabedoria.⁹⁷

No decorrer da narrativa da *Eneida*, Enéias enfim adentra os infernos e avista as moléstias que se espalham em seu vestíbulo, num catálogo de misérias que assolam a humanidade. A contemplação desses males só pode se dar após o estudo da doutrina e de alcançada a sabedoria, segundo os dizeres do espectro de Virgílio, pois assim o herói, ou seja, o indivíduo, amadurece e compreende o caminho a trilhar.

Enéias então entrega o ramo dourado ao barqueiro e cruza o lodoso rio Aqueronte, que, segundo o espectro de Virgílio, "tem, assim como as agitações ferventes dos jovens, o lodo, pois os jovens não possuem o julgamento claro e maduro".⁹⁸ Em seguida, arremata:

Assim, enquanto alguém alcança a idade de muita sabedoria, cruza o lamaçal temporário do turbilhão de águas e as impurezas dos costumes.⁹⁹

A fim de entrar nos Campos Elíseos, Enéias ainda precisa superar Cérbero. Em meio a essa passagem, que descreve o herói adormecendo o cão com bolinhos de mel, há um dos trechos que mais instigou discussões sobre incoerências internas ao texto:

⁹⁷ Fulg, *Virg. cont.* p. 97: *Quattuor enim Esperides dictae sunt, id est Egle, Esper, Medusa et Aretusa, quas nos Latine studium, intellectus, memoria et facundia dicimus, quod primum sit studere, secundum intellegere, tertium memorari quod intellegis, inde ornare dicendo quod terminas. Hinc ergo ornatum aureum studii uirtus rapit. Ergo ut antea diximus ramum aureum, id est doctrinam adeptus inferos ingreditur et secreta scientiae perscrutatur.*

⁹⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 98: *Et hic fluuius uelut aestus habet ebullientes iuuenilium actuum; ideo et cenusus, quia non habent iuuenes digesta liquidaque concilia.*

⁹⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 98: *Ergo dum ad tempus multae scientiae quis peruenerit, in temporales gurgitum cenositates morumque feculentias transit.*

Daí ele faz adormecer Cérbero com bolinhos de mel. De fato, expliquei a fábula de Cérbero, **já posta anteriormente**, como uma forma de disputa e de litígio legal (grifo nosso).¹⁰⁰

Trata-se da segunda ocorrência em que Fulgêncio remete a um dos seus outros livros. A primeira foi quando recomendou aos leitores o livro sobre fisiologia e questões naturais.¹⁰¹ Contudo, o que seria apenas uma propaganda de seus outros escritos tornou-se uma incoerência, pois o trecho acima é uma fala do espectro de Virgílio, apesar de sabermos que é de fato Fulgêncio o autor responsável pelo compilado de fábulas, as *Mythologiae*, nas quais incluiu a fábula do cão Cérbero.¹⁰² Ao inserir essa informação, atravessada, no turno de seu antagonista, Fulgêncio confunde os personagens dentro do mesmo turno de fala, gerando críticas quanto a coerência do seu texto.

Essa remissão às *Mythologiae* interna à *Continentiae* atesta ainda uma outra questão, dessa vez de caráter extratextual, que diz respeito à cronologia dos textos. Na edição à bibliografia conhecida de Fulgêncio, Rudolph Helm estabelece a anterioridade do livro de fábulas, as *Mythologiae*, em relação ao dos conteúdos de Virgílio, a *Virgilianae Continentiae*, fundamentado em questões linguísticas e em referências textuais como essa em destaque.¹⁰³

Wolff e Dain (2013, p. 141, nota 130), vão além: em sua análise das *Mythologiae*, eles sugerem que a última fábula dessa obra, sobre Alfeu e Aretusa, reflete um convite ao “exame da consciência, através da introspecção e de uma procura em si mesmo”, o que corresponde ao que Fulgêncio faz na obra seguinte, na *Continentiae*, especial e aprofundadamente no livro 6, que trata da descida de Enéias aos infernos.

¹⁰⁰ Fulg, *Virg. cont.* p. 98: *Deinde Tricerberum mellitis resopit offulis; Tricerberi enim fabulam iam superius exposuimus in modum iurgii forensisque litigii positam.*

¹⁰¹ Fulg, *Virg. cont.* p.91: *Saturanter haec [inquam] in libro fisiologo quem nuper edidimus eritque perissologiae nota si, quae in uno libro descripsimus, etiam aliis inseramus. Ergo qui ista discere cupit, nostrum physiologicum perlegat librum.* (“Falei disso exaustivamente no livro sobre fisiologia que há pouco escrevi [...] e será um sinal de redundância se aquilo que descrevi em um livro eu insira em outro. Assim, aquele que deseja aprender sobre essas coisas, que leia todo o meu livro sobre fisiologia”).

¹⁰² Fulg, *myth*, 1, 6, p. 20: *Fabula de Tricerbero.*

¹⁰³ Vd. Helm (1898, p. 17); Whitbread (1971, p. 8): Thus the priority of the *Mythologiae* over the *Content of Virgil* is well established (“Portanto, a anterioridade das *Mythologiae* em relação à *Continentiae* é bem estabelecida”).

Enéias passa por uma série de reflexões, contemplando os homens fortes e os emblemas da virtude, por um lado, assim como a pena e o sofrimento daqueles que padecem, por outro, tudo parte do caminho em que se adquire a *doctrina*. Um dos homens avistados por ele é Deífobo, irmão de Heitor e Páris, mutilado por Menelau em seu leito quando do saque a Tróia. Valendo-se da etimologia do seu nome – que segundo ele “em grego é praticamente *dimofobus* ou *demofobus*, isto é, ou o medo do pavor ou o medo das pessoas”¹⁰⁴ – Fulgêncio representa o temor “não só com as mãos, mas também com os olhos e orelhas laceradas, pois, com evidente razão, todo temor não percebe o que vê, não sabe o que escuta, nem, sem as mãos, sabe o que faz.”¹⁰⁵

Dido também lhe aparece. Desta vez como uma sombra, ela se encontra fria e distante do que costumava ser quando viva. A importância dela no trajeto de Enéias no inferno, segundo o espectro de Virgílio, representa “a paixão, agora esvaída pelo desprezo, contemplando a razão, é chamada à memória, entre lágrimas penitentes.”¹⁰⁶ Dido tornou-se uma memória dos tempos anteriores, simbolizando a passagem de Enéias rumo à *uirilis aetas*, à maturidade, marcada pela sabedoria e parcimônia.

Seguindo a narrativa, Enéias alcança e se depara com os portões do Tártaro. O espectro de Virgílio lança mão dos versos diretamente como estavam na *Eneida* e descrevem a magnitude dessa construção:

‘uma grande porta à frente, colunas de sólido diamante,
a força de nenhum homem, e nem mesmo os habitantes dos céus
a fenderiam com ferro, a férrea torre que alcança os ares’ [...]¹⁰⁷

A essa menção, o espectro de Virgílio afirma ter representado os portões de ferro e como uma torre que atinge os céus tal como imagina a arrogância

¹⁰⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 99: *Deiphobus enim Grece aut quasi dimofobus aut uelut demofobus, id est aut terroris timor aut puplicus timor.*

¹⁰⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 99: *Ergo qualislibet timor sit, iuste amputatis et manibus et oculis et auribus pingitur, illa uidelicet ratione quod omnis timor nec quod uideat sentit nec quod audiat scit nec quod gerat sine manibus nouit.*

¹⁰⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 99: *Contemplando enim sapientiam libido iam contemptu emortua lacrimabiliter penitendo ad memoriam reuocatur.*

¹⁰⁷ Fulg, *Virg. cont.* p. 100: *'Porta aduersa ingens solidoque adamante colomnae | uis ut nulla uirum, non ipsi excindere ferro | caelicolae ualeant, stat ferrea turris ad auras [...].*

particular à idade, pois ela encontra-se ereta e incurvável ante mesmo o temor aos deuses, mas que deve ser atravessada. Prostrada em sua entrada, vigiando o acesso, encontra-se Tisífone, uma das erínias, a personificação da vingança, uma “hidra monstruosa com cinquenta bocas e mais feroz”.¹⁰⁸

O espectro de Virgílio afirma ter feito as colunas de diamante pela indestrutibilidade desse material. Quanto a isso, e remetendo ao leitor através do espectro de Virgílio, Fulgêncio afirma ser essa uma informação que seu interlocutor compreenderá em grego, haja vista a formação do vocábulo nessa língua para diamante.¹⁰⁹ É sabido que Fulgêncio cresceu e se educou no âmbito das classes aristocráticas do norte da África, tendo inclusive estudado essa língua, o que é atestado em outras passagens de sua obra. O que de fato não sabemos, e partimos assim às conjecturas, é o seu grau de conhecimento do idioma, assim como o dos outros autores e literatos do seu círculo social, o que pode configurar essa referência como mais um comentário espirituoso, em que Fulgêncio parece vangloriar-se sutilmente, desdenhando dos conhecimentos do seu leitor e exaltando os seus.¹¹⁰

A narrativa tem sua continuação com Enéias avistando os castigos de Íxion, Salmoneu e de Tântalo, esse último descrito pelo espectro de Virgílio como “quase *teantelon*, isto é, aquele que quer ver, de fato toda a avareza, privada do usufruto da visão, regozija-se apenas com imagens”,¹¹¹ e chegando aos Campos da Verdade, onde ele tem a visão de Radamanto, rigoroso e severo juiz dos infernos. Identificado mitologicamente como filho de Zeus e Europa, Radamanto foi um herói cretense, irmão de Minos, cujo nome é associado pelo espectro de Virgílio à capital Cnosso. Para ele, o nome *Radamantus gnosius* designa “em grego de fato é quase *tarematadamonta*, isto é, o que doma a palavra, e ‘saber’ de fato é dito *gnosos*”,¹¹² o que justifica seu papel como juiz, pois “aquele que detém a força

¹⁰⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 100: “*Quinquaginta atris inmanis hiatibus ydra seuior*”.

¹⁰⁹ Do grego ἄδύμιας, designando “invencível”, “substância indestrutível”.

¹¹⁰ Vd. Hays (1996, p. 92); Moreno (2009, p. 150).

¹¹¹ Fulg, *Virg. cont.* p. 101: *Tantalus enim Grece quasi teantelon, id est uisionem uolens; omnis enim auaritia ieiuna fruendi usu solae uisionis imagine pascitur.*

¹¹² Fulg, *Virg. cont.* p. 101: *Radamantum enim Grece quasi tarematadamonta, id est uerbum domantem, gnoso enim sentire dicitur.*

de dominar as palavras não só é o desprezador como também o condenador da soberba.”¹¹³

Aturdido pela balbúrdia provocada pelo julgamento dos mortos, é dito Enéias rumar em direção aos Campos Elíseos, pregando o ramo dourado nos portões para poder atravessá-los. O espectro de Virgílio afirma ser essa uma demonstração de que, “quando já acabada a tarefa de aprender e alcançada a perfeição da memória, que no cérebro está, deve ser fixada para todo o sempre assim como nos portões sagrados”,¹¹⁴ isso é, o conhecimento representado pela aquisição do ramo dourado e pelo catálogo de moléstias e sofrimentos vistos pelo herói deve ser fixado na memória tal qual Enéias faz com o ramo. O ingresso de Enéias a essa seção do mundo subterrâneo representa, pois, o período em que o homem abandona o temor dos mestres, haja vista o espectro de Virgílio associar a rainha dos infernos, Prosérpina, à rainha da sabedoria, a memória.

Enéias encontra-se com seus compatriotas e demais heróis troianos nos Campos Elíseos, mas seu interesse nessa região é ouvir os conselhos do seu próprio pai, Anquises. Essa é uma passagem da *Eneida* cuja importância é fundamental não só ao desenvolvimento da narrativa como também exaltação do império. Nessa região do submundo, o herói vislumbra seu futuro e o da sua linhagem, o seu casamento com Lavínia e os membros ilustres da sua linhagem, tanto aqueles de sangue troiano e itálico, como Sílvio e os reis de Alba Longa, como aqueles nem mais troianos nem itálicos, mas sim os romanos, a *gens Iulia*, Júlio César e Augusto César, o glorioso imperador que estenderá sua reputação até o Olimpo.

Na narrativa da *Eneida*, o diálogo travado por Anquises e seu filho contém muitos elementos de filosofia pitagórica e platônica, sobretudo quando discutem o retorno daquelas almas que perambulam aos corpos terrenos, num exemplo de teoria da metempsicose (MAFRA, 2010). Na narrativa da *Continentiae*, por sua vez, Fulgêncio, através do espectro de Virgílio, também discute elementos da

¹¹³ Fulg, *Virg. cont.* p. 101: *Ergo qui uerborum impetum dominari scit, hic superbiae et damnator est et contemptor.*

¹¹⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 101: *Dum perfectionem omissio iam labore discendi memoriae quae in cerebro est sicut in postibus perpetue infigenda.*

metempsicose, e aqui o título da edição crítica faz jus à obra, pois a discussão segue de acordo com a filosofia estoíca e também dos filósofos neopitagóricos e neoplatônicos, isto é, *secundum philosophos moralis*, o que resulta a obra de Fulgêncio ser testemunha de uma grande confusão de doutrinas filosóficas (WOLFF, 2009, p. 17) e também numa tentativa de cristianização de Virgílio.

Finda-se o sexto livro e a saída de Enéias do submundo não tem lugar na *Continentiae*, preferindo o espectro de Virgílio já tratar dos acontecimentos do livro seguinte. Essa atenção redobrada ao sexto livro torna os livros anteriores uma espécie de introdução a essa parte do comentário e ressalta o grau de simplificação dos livros posteriores, o que faz a crítica julgar a obra como inacabada. Wolff, por exemplo, considera sua composição retórica “desequilibrada”, ainda mais na falta de fontes que comprovem lacunas ou problemas na transmissão, tendo em vista a estruturação da primeira metade e a simplificação da segunda, encerrada de modo abrupto (WOLFF, 2009, p. 18).

No sétimo livro é narrada a morte da ama do herói, Caieta, o que representa o ingresso a uma nova fase da vida. Assim, Enéias avança rumo à *uirilis aetas*, após cumprir os rituais impostos a ele no submundo e, em seguida, sepultar a ama, isto é, “o peso do temor do professor, donde Caieta ser dita ‘condutora da juventude’”.¹¹⁵ Nessa idade, o homem já terá abandonado os vícios naturais às outras épocas, como a arrogância, a soberba e a luxúria, avistadas por Enéias como sombras de seu passado. O espectro de Virgílio utiliza um verso da *Eneida* para representar a nova etapa. Ao dizer que “morrendo, ó Caieta, deixaste uma vida eterna”,¹¹⁶ floresce o que Fulgêncio chama de semente eterna da memória, isto é, a disciplina, os estudos e o amor pela sabedoria, qualidades inerentes à *uirilis aetas*.

A consagração dessa nova etapa começa com três episódios: a chegada do filho de Anquises à Ausônia, as terras itálicas, a aliança com Evandro, e o casamento com Lavínia. Enéias está no auge de sua vida, correspondente ao ápice de toda vida humana, e isso representa, nos dizeres do espectro de Virgílio, a

¹¹⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 103: *In septimo uero Caieta nutrice sepulta, id est magistriani timoris proiecta grauidine, unde et Caieta dicta est quasi coatrix aetatis.*

¹¹⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 104: *'Aeternam moriens famam Caieta dedisti'*.

perfeição da virilidade à procura da afinidade com a benevolência humana, as virtudes e as boas qualidades. Enéias governa completamente aquilo que ele já tem, sua *natura*, através dos estudos e da sabedoria, a *doctrina*. Seu objetivo final, recuperando o programa fulgenciano antevisto na explicação do *incipit* da *Eneida*, é alcançar agora a *felicitas*.

Estabelecido o domínio sobre as *arma* e alcançado o estado de *uirum*, cabe ao filho de Anquises agora tornar-se o *princeps*. No oitavo livro, Enéias ceia com o rei Evandro e sua corte, onde ouve sobre Hércules e a morte do monstro Caco, e recebe das mãos de Vulcano as armas e o escudo, que tem gravado em sua superfície os fatos essenciais à história romana, desde a fundação mítica da cidade até a batalha do *Actium*, batalha essa que definiu os rumos da nação e abriram caminho para o império. Quanto a isso, o espectro de Virgílio diz

Por esse motivo, nessas armas, todas as virtudes dos romanos foram representadas, pelo que, com auxílio da deliberação da sabedoria, todas as felicidades ou reúnem-se ou são previstas. Praticar o bem de fato é o princípio da benevolência futura.¹¹⁷

Obedecendo a estrutura vista em Marques Jr. (2011, p. 13), que afirma os últimos livros representarem o combate, o *ingens Aeneas* parte para a batalha e enfrenta Turno, o rei rútilo, Mezêncio, rei etrusco, e um seu general, Messapo. Segundo o espectro de Virgílio,

De fato, Turno em grego é quase dito *turosnus*, ou seja, 'senso furioso'. De fato, as armas da sabedoria e do engenho lutam contra toda a fúria [...].¹¹⁸

Em seguida [...] Enéias mata Mezêncio, o desprezador dos deuses.¹¹⁹

Agora quem é dito ser amigo de Turno? Nenhum outro que Messapo, praticamente *misonepos*, que em latim dizemos 'aquele que tem horror às palavras'.¹²⁰

¹¹⁷ Fulg, *Virg. cont.* p. 105: *Ideo illic etiam omnes Romanorum depictae uirtutes sunt, quod in sapientiae consulto munimine felicitates omnes aut conueniunt aut praeuidentur; bene enim agere futurae bonitatis est seminarium.*

¹¹⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 105: *Turnus enim Grece quasi turosnus dicitur, id est furibundus sensos.*

¹¹⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 105: *Exhinc etiam Mezentium contemptorem deorum interficit.*

¹²⁰ Fulg, *Virg. cont.* p. 106: *Nam quis amicus Turni esse dicitur? Nihilominus Messapus, quasi misonepos quod nos Latine orrens sermonem dicimus [...].*

O percurso de Enéias acaba com a morte dos seus últimos inimigos, na *Eneida*, e as explicações do espectro de Virgílio na *Continentiae* não se prolongam muito mais que além disso. São feitas algumas considerações acerca de Metisco, o auriga de Turno, e Juturna, irmã do rei dos rútuos e que dirige seu carro de guerra, afastando-o por vezes do combate, prolongando a destruição causada por Turno. A submissão desses dois perante o filho de Anquises representa, por sua vez, o fim da jornada, mas não só a jornada do herói, e sim a de todos os homens, os quais são representados através das provações, rituais e batalhas do herói a fim de atingir a plenitude da vida humana.

1.2.4 Virgílio segundo Fulgêncio

Em sua exposição, Fulgêncio passa boa parte da introdução explicando seu projeto ao interlocutor e demonstrando que caminhos seguirá. Sua importância como personagem no diálogo diminui com a chegada de Virgílio, afinal, são “dele” os conteúdos discutidos, e ninguém melhor que o próprio autor para divulgá-los. Entretanto, embora Fulgêncio siga na mesma esteira de comentadores que elegeram Virgílio um ícone da *uerecundia* e da *sapientia*, a representação do poeta feita por ele é distinta dos demais comentadores, sobretudo por duas características que discutiremos abaixo.

Tácito, pouco tempo depois de Virgílio, já o considerava digno de veneração. Tibério Donato o considerou o perfeito orador, enquanto Prisciano tornou o seu nome sinônimo de gramática. Sérvio e Macróbio pintaram-no douto em todas as artes as quais os homens timidamente dominavam. Cada um desses literatos foi responsável por forjá-lo como antecessor e enriquecer sua reputação. Fulgêncio, por sua vez, foge a essas características tradicionais, representando Virgílio como um *magister*, um preceptor que ensina letras e literatura aos jovens (HAYS, 1996; WOLFF, 2009, p. 19).

Fulgêncio vai além: ao contrário de Macróbio, para quem a leitura de Virgílio se mostrava um retorno nostálgico a um passado o qual ele revivia

através dos livros e via se perder diante do avanço do cristianismo, ele parece associar o poeta aos seus próprios mestres e às suas próprias lembranças dos dias de estudante. Carrancudo e rude, o espectro de Virgílio chama seu aluno de “homenzinho” (*homunculus*), “grosseiro” (*adipata grassedo ingenii*) e de “saturado intelecto” (*saturantius aliquid ingeniis*). Em seguida, se põe à maneira de um *conductus narrator, grammaticus* de seu próprio texto.

“Julgava que tu, homenzinho, delirasse alguma coisa incerta, para o transporte de cuja consciência eu tivesse deixado minhas pequenas bagagens mais pesadas, mas tu, mais sólido que a casca terrestre, proclamas qualquer coisa consistente.”¹²¹

“Receio até que ponto não a grosseria de teu intelecto, mas a perigosa decadência de sua época, se mostra uma dificuldade no aprender. Darei, por isso, uma pequena mostra da minha impetuosidade de torrente engenho a qual não poderia provocar náusea em plenitude de embriaguez. Portanto, deixa vazias as sedes de teus ouvidos, para que possam passar as minhas palavras.”¹²²

Após mostrar suas intenções, e baseado no acordo tácito firmado entre ambos, ele se empertiga, “disposto ao modo de um orador, com dois dedos levantados em forma de um *i* e o polegar comprimindo o terceiro dedo”,¹²³ e inicia a exposição dos seus conteúdos, retirando-os do *integumentum*, isto é, do invólucro da poesia, trazendo-os às claras.

Escrevendo por volta dos séculos V e VI e sendo um cristão, Fulgêncio contribui com a reutilização do texto de Virgílio, agindo como um conciliador entre a tradição pagã, revestindo-o de valores cristãos, ressaltando sobretudo convergências filosóficas e intelectuais presentes na *Eneida* e na moral religiosa. Particularmente, no entanto, Fulgêncio introduz modificações ao *ethos* de Virgílio. Na exposição de seus conteúdos, o poder de sua onisciência reside no fato de que ele condensa não só os conhecimentos passados e futuros, como

¹²¹ Fulg, *Virg. cont.* p. 86: 'Putabam, inquit, uel te homuncule creperum aliquid desipere, in cuius cordis uecturam meas onerosiores exposuissent sarcinulas, at tu telluris glabro solidior adipatum quidpiam ruptuas'.

¹²² Fulg, *Virg. cont.* p. 86: 'Quatenus, inquit, in his tibi discendis non adipata grassedo ingenii quam temporis formido periculosa reluctat, de nostro torrentis ingenii impetu breuiorem urnulam praelibabo, quae tibi crapulae plenitudine nausiam mouere non possit. Ergo uaciuas fac sedes tuarum aurium, quo mea commigrare possint eloquia'.

¹²³ Fulg, *Virg. cont.* p. 86: 'Itaque compositus in dicendi modum erectis in iotam duobus digitis tertium pollicem comprimens ita uerbis exorsus est [...]'.
[...].

também as verdades da fé. No trecho abaixo, Fulgêncio assim se refere a seu antagonista:

Disse a ele: “Nem nisto o teu justo discurso te enganou: de fato, a divina sabedoria, muito mais elevada que tua inteligência, estabeleceu tal princípio dizendo: ‘Bem-aventurado’ disse, ‘aquele que não anda em conselho dos ímpios.’¹²⁴

Fulgêncio faz do seu Virgílio uma *auctoritas* não só da matéria erudita pagã, como também da cultura cristã, tornando seu discurso compatível com os dos defensores da Igreja. Durante a estadia de Enéias com seu pai, no mundo subterrâneo, o espectro de Virgílio relaciona os conselhos e previsões de Anquises ao filho com a sabedoria divina divulgada entre os homens:

Só um Deus é de fato o pai, rei de todas as coisas, único habitando as alturas, o qual sem dúvida é contemplado como aquele que mostra o caminho da sabedoria. Pois veja o que ele de fato ensina ao filho:

‘No princípio, o céu, a terra, as campinas líquidas,
O globo luminoso da lua e os astros titânicos.’

Logo, vê que, assim como convém a um Deus criador, ele não só ensina sobre os segretos mistérios naturais, demonstrando por sua vez as almas regressadas da vida, como também apresenta as coisas futuras.”¹²⁵

De fato Deus não somente cria como também ordena que todas as coisas sejam boas, mas o espírito, que se encontra no meio do corpo, não completa as coisas boas – desprezando-as – e resiste a elas em seu próprio dano.¹²⁶

Fulgêncio menciona também a quarta égloga, que faz referências à vinda de período de paz e prosperidade e a um messias. Geralmente atribuída a Augusto, que sai herói da guerra civil e dá início à sua *pax augusta*, os comentadores cristãos adequam o texto à sua visão de mundo.

Acaso tu [Virgílio], que há pouco tempo tinhas dito nas *Éclogas* expondo em linguagem alegórica:

¹²⁴ Fulg, *Virg. cont.* p. 89: *Cui ego: ‘Nec in hoc iusta te fefellit oratio: diuina enim sapientia uestris supereminetior sensibus tale sumpsit principium dicens: Beatus, inquit, uir qui non abiit in consilio impiorum’.*

¹²⁵ Fulg, *Virg. cont.* p. 102: *‘Vnus Deus enim pater, rex omnium, solus habitans in excelsis, qui quidem scientiae dono monstrante conspicitur. Nam et uide quid filium docet:*

*‘Principio caelum ac terram camposque liquentes
lucentemque globum lunae Titaniaque astra’.*

Vides ergo quia sicut Deum creatorem oportuit et de secretis naturae mysteriis docet et reduces iterum animas iterum de uita demonstrans et futura ostendit’.

¹²⁶ Fulg, *Virg. cont.* p. 105: *Deus enim omnia bona fieri et praestat et imperat, sed animus qui est in corpore medius contemnendo bona non complet relupatque bonis inlesione sua.*

‘Já regressa a virgem, e regressam os reinos satúrnios;
Já uma nova prole é prometida pelos altos céus’.¹²⁷

Por último, em uma das passagens de teor mais filosófico de toda a *Eneida*, quando Enéias avista as almas passarem pelo Lete, o rio do esquecimento, preparando-se para voltar aos “corpos densos” do mundo dos vivos, Fulgêncio reforça as ideias de ressurreição, afirmando o espectro de Virgílio ter se utilizado de conceitos platônicos:

Agora, na verdade, com uma mente sonolenta, sem dúvida, dizes algo que é à maneira acadêmica. ‘As sublimes almas retornam aos seus densos corpos’.¹²⁸

Contudo, apesar de às vezes falar como um cristão, inclusive citando passagens bíblicas, o posicionamento final do espectro de Virgílio é assumir-se pagão. Vejamos:

A isso, ele disse, sorrindo: “Se entre tantas verdades estóicas eu não tivesse intrometido também algo epicurista, eu não seria um pagão.”¹²⁹

Então ele: “Fico feliz”, diz, “pelos seus dizeres, homenzinho, pois, ainda que a verdade não tenha se apresentado a mim conforme uma questão da boa vida, todavia, por uma uma boa sorte misteriosa, ela espalhou suas faíscas até mesmo em mentes estultas.”¹³⁰

De fato a ninguém acontece conhecer todas as coisas verdadeiras, exceto a vós, aos quais o sol da verdade ilumina.¹³¹

Virgílio, um dos últimos bastiões da cultura clássica pagã, ainda que como personagem na obra de Fulgêncio, recusa ser cristianizado, assim como ele, mesmo tendo andado entre o Inferno e o Purgatório de Dante, recusa a acompanhar o poeta da *Comédia* rumo ao Paraíso.

¹²⁷ Fulg, *Virg. cont.* p. 102: *Tunc ille qui dudum in bucolicis mystice persecutus dixerat:*

*'Iam redit et uirgo, redeunt Saturnia regna;
iam noua progenies caelo promittitur alto'.*

¹²⁸ Fulg, *Virg. cont.* p. 103: *nunc uero dormitanti ingenio Academicum quippiam stertens ais: 'Sublimes animas iterumque ad tarda reuertit corpora'.*

¹²⁹ Fulg, *Virg. cont.* p. 103: *Ad haec ille subridens: 'Si, inquit, inter tantas Stoicas ueritates aliquid etiam Epicureum non desipissem, paganus non essem.'*

¹³⁰ Fulg, *Virg. cont.* p. 89: *Tum ille: 'Gaudeo, inquit, mi omuncule, his subrogatis sententiis, quia etsi non nobis de consultatione bonae uitae ueritas obtigit, tamen ceca quadam felicitate etiam stultis mentibus suas scintillas sparsit.'*

¹³¹ Fulg, *Virg. cont.* p. 103: *nullo enim omnia uera nosse contingit nisi uobis, quibus sol ueritatis inluxit.*

2 Fulgêncio, o Mitógrafo

Nesse capítulo, serão apresentadas e discutidas as informações que temos a respeito do nosso autor, Fábio Placíades Fulgêncio. Devido à proeminência do seu texto mais conhecido, o livro das *Mythologiae*, ele foi denominado pelos posteriores como “Mitógrafo”, embora seja responsável por uma produção literária diversificada, como aqui atestaremos. Decidimos aqui, então, manter a nomenclatura tradicional, haja vista a bibliografia existente sobre ele que utiliza esse termo, e no intuito de diferenciá-lo do seu homônimo Fulgêncio, o bispo de Ruspe.

2.1 A questão dos dois Fulgêncios

As informações a respeito de Fábio Placíades Fulgêncio, o Mitógrafo, se limitam àquelas poucas que estão presentes em sua própria obra. Não obstante à precariedade de documentos e a dificuldade que se impõe a partir disso, uma segunda questão se apresenta aos estudiosos: há séculos ele é identificado por comentadores de sua obra como sendo o mesmo Fulgêncio que o bispo da cidade norte-africana de Ruspe, cuja vida foi extensamente documentada. Esse problema, que discutiremos mais abaixo, foi possivelmente gerado por uma confusão fortuita na transmissão dos textos dos dois autores ou de más interpretações acerca da autoria dos códices, o que serviu para perpetuar a questão fulgenciana de um único autor.

No âmbito das pesquisas da transmissão dos textos fulgencianos, os pesquisadores se alternam na argumentação entre a identificação dos dois autores como sendo apenas um, a hipótese unitária, e a separação dos indivíduos, responsáveis por bibliografias diferentes, a hipótese separatista. Essa discussão se baseia na análise dos elementos biográficos, especialmente os do prefácio da *Mythologiae*, e literários atribuídos a Fulgêncio, como também dos textos de autores contemporâneos cujos elementos estabelecem alguma referência com seu

período de escrita. Contudo, esses testemunhos não são capazes de identificar precisamente Fulgêncio como sendo autores diferentes ou um só.

A partir da análise dos testemunhos, salta aos olhos um conjunto de características que sustentou por décadas a hipótese unitária, mesmo que atualmente essa perspectiva seja posta à prova repetidas vezes, sem demonstrar mais vigor. Ambos os autores estão inseridos no contexto do norte da África, são provenientes de família aristocrata – donde receberam uma educação que incluía conhecimentos de grego – escreveram obras alegadamente cristãs, e ainda tinham o mesmo nome. Essas aproximações fizeram conveniente que, com o tempo, o mitógrafo e o bispo pudessem ser identificados como um só. Nessa seção, faremos um apanhado acerca das informações que temos sobre Fulgêncio e, em seguida, a argumentação adotada pelos pesquisadores, como tratam a questão e que argumentos embasam essas perspectivas que se opõem.

2.1.1 O bispo

Segundo nos conta o biógrafo Ferrandus¹³², o bispo de Ruspe teve por nome Fábio Cláudio Gordiano Fulgêncio e nasceu numa família aristocrata, no norte da África, por volta do ano 460, e recebeu uma boa educação. Dessa forma, talvez tendo aprendido grego, foi empregado no serviço público e exerceu a função de coletor de impostos, até que se voltou para a fé. Retirou-se para a vida religiosa, e frequentou mais de um mosteiro, devido a questões políticas e perseguições religiosas. Viajou pelo norte da África, esteve em Roma, por volta do ano 500 – onde testemunhou a chegada de Teodorico – e, tendo retornado, foi ordenado presbítero, sendo logo em seguida consagrado bispo de Ruspe. Nesse período, por conta das crescentes tensões sociais e religiosas, foi exilado na Sardenha, junto a outros clérigos, por ordem do então imperador Trasmundo. Embora afastado, o bispo se engajou num extenso debate público com o imperador sobre questões de fé, e só retornou ao norte da África no ano 523,

¹³² Vd. Lapeyre (1929).

quando Hilderico tornou-se imperador. Produziu uma extensa bibliografia teológica, dentre tratados e epístolas, em que criticava o arianismo.¹³³ Sua morte ocorreu em torno dos anos 530.

2.1.2 O mitógrafo

É possível situarmos o Fulgêncio mitógrafo historicamente quando analisamos suas próprias obras, assim como analisamos a influência exercida em/por outros autores e textos, sejam eles anteriores ou posteriores. Ainda que não o possamos fazer com extrema precisão, pode-se ter uma visão, mesmo parcial, do contexto em que esse autor viveu e produziu.

Primeiramente, faremos isso através de referências intratextuais, pontuadas em sua produção.

Alguns dos primeiros manuscritos das *Mithologiae* incluem uma dedicatória a um presbítero de Cartago chamado Cato, da mesma cidade que também se admite como sendo o berço do mitógrafo e seu local de atuação (*myth.* 1 praef. p. 2).

Mais à frente, o mitógrafo menciona as perturbações dos *galagetici*:

E, adormecidos na cinza do silêncio, os roucos sinais das trombetas das contendidas com os quais os ataques *galagéticos* me abalaram [...].¹³⁴

¹³³ O arianismo é uma corrente teológica, introduzida por Ário, religioso cristão em Alexandria, que negava a consubstancialidade entre Deus e Jesus. De acordo com ele, Jesus é um ser pré-existente e criado, a mais excelsa de todas as criaturas, mas não é identificado com Deus, que é um grande e eterno mistério, oculto em si mesmo. Vd. SPINELLI, Miguel. *Helenização e Recriação de Sentidos. A Filosofia na Época da Expansão do Cristianismo – Séculos II, III e IV*. 2ª Edição Revisada e Ampliada. Caxias do Sul: EDUCS (Editora da Universidade de Caxias do Sul), 2012, pp.629-644.

¹³⁴ Fulg, *myth*, 1 praef. p. 4: *Sopitisque in fauilla silentii raucisonis iurgiorum classicis quibus ꝑ me galageticiꝑ quassauerant impetus defecatam silentio uitam agere creditabam [...]*. Devido à ausência de outras ocorrências desse termo, assim como uma difícil explicação para sua proveniência, haja vista erros durante o processo de transmissão, Pennisi (1963) sugere seu emprego entre *cruces* (vd. Amarante, 2017).

A crítica tradicional considera esse um termo que designa os povos que assolaram o norte da África, descendentes dos godos.¹³⁵ Contudo, Venuti – reelaborando Pennisi (1963) – sugere que,

Com base em uma leitura mais ampla do texto [...] se trate de um termo para se referir às atividades citadinas e do fórum, provavelmente corrompido, já originalmente loquaz e quiçá técnico, talvez um *hapax* construído sobre um greicismo (μέγα λαλητικοί?), claramente num estilo fulgenciano (VENUTI, 2016, p. 183).¹³⁶

De acordo com essa perspectiva, essa seria uma referência às características urbanas, aplicáveis tanto a Cartago quanto a qualquer outra cidade, das quais o reverbério e a atividade pública em excesso poderiam forçar o autor a se exilar no campo.

Fulgêncio menciona a escola de Medicina e vielas da cidade de Alexandria, referência urbana do norte da África:

[...] a gente de Galeno, mais cruel do que as guerras, ela que está disseminada assim em quase todos os becos de Alexandria, de forma que podem ser contados mais pequenos açougues de carnificina cirúrgica que habitações.¹³⁷

Mais recentemente, Hays (2003, p. 167) destacou como um indício histórico as pegadas deixadas pelos mouros na soleira das casas:

[...] sobre os quais ainda afundadas as pisadas dos combatentes – a que chamam ‘mouriscos’ – marcaram os seus passos e com o temor ainda não limpo da mente temíamos os inimigos por meio das suas pegadas [...].¹³⁸

Em outras passagens, Fulgêncio vai além em suas referências.¹³⁹ Ora estende-se, como quando dedica a primeira de suas fábulas a uma lenda egípcia, o primeiro dos ídolos (*myth* 1, 1),¹⁴⁰ ora pontua pequenos detalhes, como quando cita o fato de os

¹³⁵ Vd. Pius (1498) apud Venuti (2016): [é] *Galatas* il nome greco dei Galli, i *Galagetici* sono “*miscellanea gothi [sic] cum gallis turba*” e in questo caso possono essere considerati semplicemente *gothi* (“*Galatas* é o nome grego dos Gauleses, e *Galagetici* são uma ‘miscelânea de godos com uma multidão gaulesa’, e nesse caso podem ser considerados simplesmente *Gothi*”).

¹³⁶ Venuti (2016, p. 183): Sulla scorta di una lettura più ampia del testo [...] si tratti di un termine – probabilmente corrotto, già in origine magniloquente e forse tecnico, magari un *hapax* costruito su un greicismo (μέγα λαλητικοί?), di sicuro in pieno stile fulgenciano – da riferire alle attività cittadine e del foro.

¹³⁷ Fulg, *myth*. 1 praef. p. 9: [...] *Galenī curia exclusisset, quae pene cunctis Alexandriae ita est inserta angiportis, quo chirurgicae carnificinae laniola pluriora habitaculis numerentur.*

¹³⁸ Fulg, *myth*. 1 praef. p. 6: [...] *quibus adhuc impressae bellantium plantae mauricatos quod aiunt sigillauerunt gressus et formidine menti nondum extersa hostes in uestigiis pauebamus.*

¹³⁹ Vd. Whitbread (1971).

¹⁴⁰ Essa lenda está na Bíblia, presente no capítulo “Cantares de Salomão”, o livro da Sabedoria, escrito aproximadamente no século I a. C. e inserido no Antigo Testamento.

egípcios louvarem a barca de Ísis (*myth 1, 20*), indicando que o culto a Ísis e à cultura oriental já se encontrava disseminado em Roma,

[...] também Ísis em uma vaca da mesma forma sobre um navio de tal pintura;¹⁴¹

e comenta sobre o forte vinho da cidade egípcia de Meroé (*myth 2, 12*)

[...] seja porque lá haveria o vinho de Falerno ou de Méroe.¹⁴²

Através da obra *De aetatibus*, temos mais informações que acentuam o posicionamento geográfico do mitógrafo. Essas primeiras notícias vieram com a tradução de três dos 14 livros subsistentes, no século XIX.¹⁴³ Nessas passagens listadas abaixo, Fulgêncio menciona o latim falado na Líbia como nossa língua,

Entre os hebreus, o alfabeto dispõe de vinte e dois elementos, a riqueza de nossa língua, que é pois aquela de Roma, recebe mais um.¹⁴⁴

repete a menção, já encontrada anteriormente nas *Mithologiae*, ao vinho de Meroé, e cita as cataratas do Nilo

[Alexandre, o grande] intolerante, penetra em Méroe, desconhecida naquele período, e além dos vapores de Siene, que irrompem do líquido Falerno [...] intrépido, contempla as cataratas do Atlante que espalham as águas do Nilo.¹⁴⁵

e qualifica as terras africanas

Na verdade, ele viu as majestosas terras etíopes, a as imponentes costas do Atlântico, os fogos febeus e as geleiras citas.¹⁴⁶

¹⁴¹ Fulg, *myth 1, 20*: [...] *et Isidem in uacca, similiter in nauem huiusce picturae.*

¹⁴² Fulg, *myth 2, 12*: [...] *siue quod ibi sit Falernum uinum uel Meroitanum.*

¹⁴³ Conforme sugestão de Manca (2003), vd. Reifferscheid A. *Mittheilungen aus Handschriften*. RhM N.F. 23, 1868, pp. 127-146.

¹⁴⁴ Fulg, *aet. mund.* praef. p. 131: *Viginti igitur et duobus elementis penes Hebreos ordo loquendi disponitur, uno itidem superiecto nostrae linguae profusio, sed et Romae colligitur* (“Entre os hebreus, por sua vez, o alfabeto dispõe de vinte e dois elementos, e a riqueza de nossa língua, que é aquela de Roma, acolhe mais um”). Whitbread identifica o latim líbico com o mesmo alfabeto latino, mas acrescido de um *y* (WHITBREAD, 1971, p. 181).

¹⁴⁵ Fulg, *aet. mund.* 10, p. 166: [...] *incognitam quoque saeculis Meroen et ultra Sieneticos uapores Falernis liquoribus ruptuantem inpatiens penetrat* [...] *Atlanteas Niliaci liquoris diffusitricas cataractas intrepidus exspectat* (“Destemido, penetra em Méroe, desconhecida na época, e além dos vapores de Siene, que irrompem do líquido de Falerno [...] intrépido, contempla as cataratas atlânticas que despejam sua água no Nilo”).

¹⁴⁶ Fulg, *aet. mund.* 10, p. 167: *Vidit enim et Aethiopicas uires et Atlanticas moles et Foebeos ignes et Scythicas glacies* (“Ele vê, de fato, as majestosas terras etíopes, a costa do Atlântico, as chamadas Febeias e as geleiras Cíticas”).

Para além de afirmá-lo como um autor de origem africana, pode-se também inferir como o próprio Fulgêncio se consideraria em relação aos romanos. O Virgílio-personagem da *Continentiae* se propõe a lhe apresentar os *interna uiscera* de seu épico, mas prontamente o mitógrafo lhe responde:

Eu disse a ele: guarda isso para seus romanos [...].¹⁴⁷

Nos dizeres de Hays, se perguntarmos que termo Fulgêncio usaria para descrever-se a si próprio, a resposta mais provável seria *Libycus* (HAYS, 2004, p. 104).

O prólogo das *Mithologiae* oferece, ainda, mais um dado que os pesquisadores utilizam a fim de atestar o período em que ele viveu. Trata-se do advento de um rei soberano:

Mas porque jamais o mal é imortal aos mortais, enfim a boa sorte de um rei soberano que está chegando fez desaparecer os medos, como o crepúsculo do sol, com as sombras se abrindo ao mundo.¹⁴⁸

Esse título – *dominus rex* – não seria distintivo de nenhum romano ou bizantino, mas sim um título ostentado pelos monarcas vândalos. Hays (2003, p. 178), contudo, sugere que esse *dominus*, haja vista o caráter dessa introdução, se refira a qualquer monarca, representando um “*topoi* panegírico”, o que Venuti (2016, p. 188) reafirma, quando diz chegar a essa conclusão atendo-se exclusivamente ao texto, que esse seria um monarca genérico. O mesmo *topos* ocorre, de maneira mais vaga, com o prólogo da *Continentiae* (Virg. cont. p. 83):

[...] mas porque nosso tempo está baseado num novo regime de caridade e o desprezo nunca é admitido no preceito da compaixão.¹⁴⁹

Até aqui, baseado nos dados fornecidos pelos próprios textos de Fulgêncio, a crítica tende a situar nosso autor entre os anos 429, quando os povos vândalos cruzaram o estreito de Gibraltar rumo à África, e 533, ano em que os bizantinos retomaram destes o controle da região, já que ele é mais comumente apontado como tendo vivido sob o governo dos vândalos.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Fulg, Virg. cont. p. 86: *Cui ego: serua ista quaeso tuis romanis [...]*.

¹⁴⁸ Fulg, *myth.* 1 praef. p. 5: *Sed quia numquam est malum inmortale mortalibus, tandem domini regis felicitas adventantis uelut solis crepusculum mundo tenebris dehiscens pauores abstersit.*

¹⁴⁹ Fulg, Virg. cont. p. 83: [...] *sed quia nouo caritatis dominatui fulcitur et in amoris praecepto contemptos nunquam admittitur.*

¹⁵⁰ Sobre a tentativa de datação a partir do *dominus rex*, vd. Hays (1996, p. 3 ss; 2003, p. 244) e Venutti, (2009, p. 191) para as abordagens mais atuais ao tópico.

À parte os próprios comentários feitos à região norte-africana, é sobretudo através da formação de Fulgêncio como leitor que observamos suas referências e estreitamos as hipóteses. Ainda que cite autores e obras imprecisamente, muitas vezes a partir apenas da memória,¹⁵¹ observa-se uma predominância – um gosto? – por autores de origem também africana, como Orósio, Dracôncio e Marciano Capella.¹⁵² Vejamos abaixo.

Os livros X, XI e XIV da *De aetatibus* aludem em várias ocasiões à *Historia aduersum Paganos* de Orósio, notadamente publicada em 417.¹⁵³ Também na *De aetatibus*, no relato sobre a arca de Noé (*aet. mund.* 10, p. 135), são próximas as coincidências dos usos de Fulgêncio com as obras do poeta Dracôncio *De laudibus Dei* e *Satisfactio*, publicadas em torno dos anos 490 (HAYS, 2003, p. 160-1). Embora esses empréstimos não demonstrem exatidão quanto ao período em que foram utilizados por Fulgêncio, representam, por outro lado, uma aproximação à data-limite mínima para que o mitógrafo tenha escrito seu texto.

Com Marciano Capella, ele demonstra aproximação na predileção que ambos exprimem por Apuleio (HAYS, 2004, p. 107) – autor africano, talvez o mais ilustre entre todos da região, que predomina dentre as citações do mitógrafo.¹⁵⁴ Aliado a isso, temos a primeira referência da história à obra *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, de Capella, por Fulgêncio. A datação da *De nuptiis* é imprecisa, mas os indícios apontam para uma publicação entre os anos 430 e 470 (CAMERON, 1986, págs 9 s.),¹⁵⁵ e ele, tendo entrado em contato com a obra

¹⁵¹ No prólogo à *Expositio Sermonum Antiquorum*, Fulgêncio propõe fazer um glossário completo a partir do que sua memória poderia lembrar. Vd. Fulg., *serm. ant.* praef. p. 111: [...] *libellum etiam quem de abstrusis sermonibus impertiri iussisti, in quantum memoriae enteca subrogare potuit absolutum retribui* (“[...] também o livrinho que, sobre os termos abstrusos, ordenaste a preparar, entrego-o aqui, completo – a partir do quanto a arca da minha memória pode agregar”; tradução de Shirlei Almeida).

¹⁵² Hays cita exemplos de ecos de Fulgêncio em poetas posteriores (vd. HAYS, 2003, p. 180).

¹⁵³ Vd. Helm, R. *Der Bischof Fulgentius und der Mythograph*. Rh, Mus. 54 (1899), 111-134 at 116f.

¹⁵⁴ Apuleio, romano de origem africana, foi um dos mais conhecidos escritores do seu continente, e muito conhecido na Antiguidade tardia. St. Agostinho (*epist.* 138, 19) o citou como *Apuleius*, [...] *qui nobis Afris Afer est notior* (“Apuleio, que entre nós africanos é o africano mais conhecido”). Sua influência em Fulgêncio foi estudada por Silvia Mattiacci (Mattiacci. S. Apuleio in Fulgenzio. In *Studi italiani di filologia classica*. N° 4. Firenze. Editora Felice Le Monnier, 2003).

¹⁵⁵ O ano de 430 corresponde ao período da morte de santo Agostinho, que não fez registros dessa “grande obra do conhecimento pagão” que foi a *De nuptiis* de Capella, considerada um dos maiores monumentos intelectuais da Antiguidade tardia. Já o ano 470 é uma hipótese de que a

durante esse período, refere-se a ela, ainda que não necessariamente *ipsis litteris*, na *Sermonum* (*serm. ant.* 45, p. 123). Ademais, há um padrão entre a produção dos dois, como destaca Hays, quando se compara excertos da *De nuptii* com a *Mythologiae*, cuja semelhança lembra um decalque: enquanto em Marciano, a Filologia é interrompida pela súbita entrada de sua mãe Frônese (*Nupt.* 2, 114: “*secretum cubiculi repente Phronesis [...] irrupit*”), na *Mithologiae*, o Fulgêncio personificado é também interrompido pela súbita entrada de Calíope (*myth*, pref. 13, 20: “*cubicularis [...] fores inrupit*”) (HAYS, 2004, p. 107).

2.1.3 Identificação x separação

Adotando um intervalo com extremos cada vez mais aproximados para que nosso autor tenha vivido e escrito, é possível um cenário em que o mitógrafo e o bispo tenham sido até mesmo contemporâneos. De acordo com as obras supérstites sobre o Fulgêncio mitógrafo, não há notícias de alguém que se dedicasse a lhe recontar os passos, o que certamente lhe deixou à sombra do seu homônimo, cuja vida, como visto anteriormente, foi mais precisamente documentada, causando maior imprecisão metodológica a respeito dos indivíduos.

A tradição de comentadores da obra fulgenciana, sobretudo durante a Idade Média, foi responsável por essa situação, com a qual lidamos há algum tempo, já que não havia um consenso a respeito da identidade do autor. Se, por um lado, os comentadores já se encontravam distantes do período em que Fulgêncio havia escrito, tendo alguns deles entrado em contato apenas indiretamente com suas obras, por outro, não havia preparo o suficiente, por parte deles, para lidar com questões filológicas como, por exemplo, a autoria atestada pelos manuscritos, o que permitiu a contenda atravessar o medievo e durar até hoje.

obra tenha sido fruto do interesse em filosofia pagã sob influência da Escola de Atenas, dirigida agora por Proclo, filósofo neoplatônico (SHANZER, 1986; CAMERON, 1986).

Testemunha provavelmente mais antiga, o diácono Ferrandus, anteriormente citado, produziu uma *Vita Fulgentii*.¹⁵⁶ Nessa biografia, não há referências ao bispo ter escrito as *Mythologiae*, *Continentiae*, *Sermonum* ou *De aetatibus*. Contudo, mesmo essa omissão não representa uma argumentação para a hipótese separatista: devido ao caráter eclesiástico da *Vita*, seu autor pode ter selecionado apenas a bibliografia relevante ao papel exercido pelo bispo.

Cerca de um século à frente, Isidoro de Sevilha, em seu *De uiris illustribus*, destina um capítulo ao bispo de Ruspe. Limitando-se à listagem das suas obras, todas de teor religioso, também não fez referências às outras obras 4 obras, hoje comumente aceitas tendo o mitógrafo por autor. Assim como a *Vita* escrita pelo diácono Ferrandus, essa omissão não representa muito para resolver a querela.

Por volta dos anos 800, na França carolíngia, dois autores deram outras pistas acerca da obra de Fulgêncio. Pascásio Radberto, abade em Corbie, produziu um comentário sobre o evangelho de Mateus no qual faz referência a Fulgêncio, a primeira e mais clara na história em que se identifica o mitógrafo. Em sua crítica à escrita de obras de teor pagão, em detrimento àquelas de saber teológico, Pascásio cita a *Continentia*:¹⁵⁷

Em outros tempos, ainda que essas coisas tomem parte de nosso Virgílio, que por 'arma' quis dizer virtude e por 'uirum', sabedoria, e assim com as demais que seguem, elas devem, contudo, aprazer mais, as quais agora nos dispomos a tratar.¹⁵⁸

Por volta desse mesmo período, o bispo Prudêncio de Troyes, em uma epístola, cita a obra *Ad monimum*, de autoria do bispo de Ruspe, e em seguida refere-se a ele:

Se tu ou ignoras ou desconheces Fulgêncio ter conhecimento em língua grega, lê seus livros, intitulados *Mythologiae* e *Virgilianae Continentiae*, e descobrirás ele ter sido dotado de grande perícia nessa língua.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Vd. Lapeyre (1929).

¹⁵⁷ Vd. Hays (2003, p. 185).

¹⁵⁸ Paschas. *epist.* 6: *Quorundam nostrorum etsi libeant illa Maronis, quod per 'arma' uirtutem uelit significare et per 'uirum' sapientiam sicque cetera quae secuntur, magis tamen placere debent ista, quae nunc tractare disponimus.*

¹⁵⁹ Prud. *epist.* 12: *Quem si Atticae linguae scientiam habuisse aut ignoras, aut negas, lege libros illius, qui Mythologiarum seu Virgilianae Continentiae inscribuntur, et inuenies ei maximam illius linguae affuisse peritiam.*

Embora Prudêncio se refira a um texto teológico creditado ao bispo de Ruspe, recomenda ao seu interlocutor que leia as suas outras obras, aquelas de caráter pagão. Isso demonstra um conhecimento da sua parte de dois tipos de bibliografia, mesmo que ele não tenha explicitado claramente se tratarem de dois autores.

Os testemunhos posteriores a esses estão situados entre os séculos XI e XIV. Não obstante o fato de serem mais tardios, os escritos são todos frutos de historiografia literária. Como os autores desses compêndios precisavam dar conta de um número extenso de outros autores e suas obras, é possível que não só esses autores tenham entrado em contato com os textos que citaram de maneira indireta, de segunda mão, como também, por organizarem os manuais baseado em autores, acabaram por reunir obras cuja autoria permanecia indefinida sob a chancela de autores mais ilustres (HAYS, 2003, p. 186).

Entre os anos 1035 e 1123, Sigisberto de Gembloux falou assim sobre Fulgêncio, em um capítulo de seu *De scriptoribus ecclesiasticis* (1974):

O bispo Fulgêncio de Ruspe, distinto pelo saber de latim e grego [...] escreveu livros, os quais intitulou 'sem as letras': desse modo, o livro sobre Adão sem *a*, de Abel sem *b*, de Cain sem *c*, e os livros restantes de acordo com as próximas letras. É o próprio Fulgêncio que escreveu os três livros de mitologias ao presbítero Cato de Cartago [...].¹⁶⁰

Sigisberto faz uma referência à *De aetatibus*, mas de modo equivocado: tanto Adão quanto Abel e Caim são personagens do primeiro livro, *sine A*, enquanto os livros seguintes tratam de outros personagens. Isso evidencia como ele pode ter se apropriado dessas obras indiretamente, sem lê-las. Por último, aponta que o bispo, conhecido por seu saber em latim e grego, seria o mesmo que aquele que escreveu os livros de mitologias, mesmo com o descompasso apresentado entre a autoria dos manuscritos da *Mythologiae* e da *De aetatibus*, em que se encontram em um, respectivamente, o nome *Fabius Planciades Fulgentius*, e em outro, *Fabius Claudius Gordianus Fulgentius*.

¹⁶⁰ *Fulgentius Ruspensis episcopus, in Graeca et Latina lingua clarus [...] scripsit libros, quos pretitulavit, 'sine litteris': librum scilicet de Adam sine A; de Abel sine B; de Cain sine C; et ceteros libros secundum consequentiam litterarum. Quodsi is est ipse Fulgentius qui tres libros mithologiarum scripsit ad Catum presbiterum Carthaginiensis [...].*

Mais à frente, em torno de 1290 a 1360, Guglielmo da Pastrengo fala sobre Fulgêncio em seu *De uiris illustribus* (1991):

Fulgêncio Afer, da cidade de Lepto, bispo de Ruspe, notável em literatura divina e humana. Escreveu livros distintos sobre coisas ditosas. Compôs não só tratados como também muitas homilias e numerosos sermões. Escreveu sobre alegorias em um livro de fábulas, o qual intitulou com o nome de Mitologias, no período do governador Anastácio.¹⁶¹

Também Guglielmo aponta para a identificação, embora não vá além disso.

Entre os anos 1462 e 1520, Johannes Trithemius, abade beneditino na moderna Alemanha, refere-se a Fulgêncio, em seu *De scriptoribus ecclesiasticis* (1974):

É dito ter escrito muitas coisas, as quais não vieram ao meu conhecimento. De fato era habituado tanto em língua grega como latina. É de se notar realmente que o título do livro sobre Adão é *sine A*. O livro sem as letras, ou o sobre Adão sem *a*, sobre Abel sem *b*, sobre Cain sem *c*, e assim sobre os outros personagens segundo a sequência das letras. Por sua vez, no livro cujo título é *Expositio Virgilianae continentiae secundum philosophos morales*, deliberadamente buscou o ouro na admirável imundície (como assim eu diga), e descobriu como a obra do poeta tendia aos conhecimentos naturais. Dedicou essa obra a algum diácono. Escreveu outro, de fato, de mitologias, ao presbítero de Cartago Cato e de palavras antigas ao gramático Calcídio, já idoso, ainda que ele mesmo tenha sido jovem, além de retor e doutor de letras e humanidades na escola. Tornou-se ilustre nos tempos do rei Trasamundo, dos Vândalos, de perseguições às igrejas católicas sob o imperador Anastácio. No ano de 500 do Senhor.¹⁶²

Por fim, a leitura do testemunho de Trithemius que aponta como a hipótese unitária parece ter se desenvolvido ao longo dos anos. Seu comentário se inicia com a afirmação de que ele não teve acesso direto às obras, dada a miríade de textos e autores que precisam ser considerados pelo gênero historiográfico. Não

¹⁶¹ *Fulgentius Affer, de ciuitate Lepti, Ruspensis episcopus, uir in diuina et humana literatura prestans, Aduersus Faustum elegans scripsit uolumen; composuit et tractatus et omelias multas plurimosque sermones; scripsit fabullarum allegorica libro, quem Mithologiarum uocabulo intitulauit, Anastasio primo imperium moderante.*

¹⁶² *Sed et alia multa scripsisse dicitur, quae ad notitiam meam non uenerunt. Erat enim tam graeco quam latino sermone imbutus. Notandum uero quod libri de Adam sine a titulus est. Liber sine literis s<ie> de Adam sine a, de Abel sine b, de Cain sine c et sic de caeteris secundum consequentia literarum. In libro autem cuius titulus est, Expositio Virgilianae continentiae secundum philosophis morales, mirabili industria aurum in luto (ut sic dicam) quaesiuit, et inuenit, dum opus poetae ad physicam rationem inclinauit. Scripsit hoc opus ad quendam diaconum. Aliud uero mitologiarum ad Catum presbyterum Carthaginensem et de abstrusis sermonibus ad Calcidium grammaticum, iam senem, cum ipse adhuc iuuenis esset, et literarum humanitatis scholae doctor et rector. Claruit temporibus Trasemundi regis Wandalarum, catholicas Ecclesias persequentis sub Anastasio imperatore. Anno domini 500.*

obstante, esse registro é devedor daqueles anteriores, sobretudo ao feito por Sigisberto, e mais nada acrescenta a respeito do autor que nos dê mais informações. Essa prática demonstra como o saber sobre esses autores foi se consolidando erroneamente ao longo da Antiguidade tardia e Idade Média, em que o desconhecimento e a incompreensão da cena literária, dos autores e das obras consolidaram esse quadro, o que não foi resolvido com o advento da imprensa, e que se perpetuaram com as edições impressas de Fulgêncio.

Durante alguns séculos as pesquisas sobre Fulgêncio mantiveram-se sem produções relevantes, até chegarmos no século XIX. O recrudescimento das pesquisas sobre a questão fulgenciana, a autoria das obras e dos manuscritos presenciou a fixação de seus textos numa edição crítica, promovendo um aumento na pesquisa a respeito do autor.

No século XIX, Lersch (1844) apontou para uma diferença entre o bispo e o gramático¹⁶³ – além de situá-lo na Nova Cartago, na península Ibérica.¹⁶⁴ Zink (1867) afirmou que Fulgêncio pode não ter sido um gramático ou pedagogo, no sentido antigo da função, mas um funcionário público em Cartago.¹⁶⁵ Müller (1867), embora não tenha argumentado sobre a questão premente, concordou com Lersch sobre a origem espanhola do autor, considerando o livro das *Mythologiae* ser dirigido ao presbítero de Cartago se entendermos que ele escreve de outra cidade, Nova Cartago. Essa hipótese veio a mostrar-se infundada à medida que outras análises e traduções foram feitas. Reifferscheid (1868), na publicação supracitada, apoia a separação afirmando que o mitógrafo seria mais novo que o bispo.¹⁶⁶ Jungmann (1877) não argumenta sobre a questão, mas restringe a datação para a escrita do prefácio das *Mythologiae* entre os anos de 523 e 530.¹⁶⁷ Gasquy (1887), por sua vez, “com grande certeza, mas com escassa

¹⁶³ Lersch. Den Unterschied des Bischofs Fulgentius vom Grammatiker Fabius Planciades Fulgentius (1844).

¹⁶⁴ Para mais informações acerca dos teóricos que se dividem na questão fulgenciana, vd. Hays (2003) e Venutti (2009).

¹⁶⁵ Zink (1867): Fulgentius kann nicht blos, wie Lersch deduciert, ein Grammaticus im alten Sinne des Wortes – ein Privatphilolog – er kann ein öffentlicher Lehrer in Carthago gewesen sein.

¹⁶⁶ Reifferscheid (1868, p. 146): Fabius jünger war als der Bischof.

¹⁶⁷ Jungmann (1877): die Vorrede zur Mythologiae nur in der ersten Regierungszeit des Königs Hilderich [523-530] so geschrieben werden konnte.

argumentação” (VENUTI, 2009, p. 87), declara que o mitógrafo não foi o mesmo indivíduo que o bispo de Ruspe.¹⁶⁸

Rudolph Helm, que fixou os textos naquela que é a primeira edição crítica do autor (e ainda a edição considerada de referência), defendeu que as obras, devido às suas características distintas e interesses opostos, representam dois momentos da vida de Fulgêncio. Em duas ocasiões (HELM, 1897 e HELM, 1899) ele sugere um momento de conversão religiosa, que implica numa mudança drástica no estilo do autor.¹⁶⁹ As narrativas pagãs, que eternizavam conteúdos seculares, pertenceriam à sua fase mais jovem, e as de caráter teológico, à sua maturidade. Afirmando a alteração no *status quo* do tom de sua produção literária ser facilmente compreensível pela consagração religiosa, essa ideia foi bem aceita, sobretudo se pensarmos que ela se assemelha ao caso de Santo Agostinho.¹⁷⁰ Logo depois, nas primeiras décadas do século seguinte, Skutsch (1910) defende categoricamente que a identificação dos dois pode ser considerada um fato da história literária romana.¹⁷¹ Friebel (1911) afirma, ainda durante a introdução de sua longa análise de cunho linguístico-estilístico, que as pessoas do bispo e do mitógrafo coincidem em uma só. Novamente Helm (1912) reafirma sua posição de que os escritos do mitógrafo estão bem situados na vida do bispo.¹⁷² Courcelle, em dois momentos distintos (COURCELLE, 1948 e COURCELLE, 1969), é favorável à hipótese unitária baseando-se na comparação

¹⁶⁸ Gasquy (1887): *Fulgentius Planciades non idem fuit atque Fulgentius Ruspensis*.

¹⁶⁹ Helm (1897): den Fabius Planciades und den Fabius Claudius Gordianus für ein und denselben Fulgentius zu halten. Helm (1899), “Bischof und Mythograph”, 133: Die Aenderung im Still wird eben durch die innere Veränderung des Fulgentius völlig verständlich. Uma revisão dessa publicação, feita por um autor não identificado (ALLG 11 (1898), 295: Dass dann durch die Lektüre der lateinischen Bibelübersetzung und der Schriften der Kirchenväter der Stil sich wesentlich veränderte, begreift sich leicht (“Era fácil ao entender que, ao ler a tradução da Bíblia Latina e os escritos dos padres, o estilo tenha mudado consideravelmente”).

¹⁷⁰ *Confissões* de Agostinho é o livro que mais reflete esse comportamento, em que o próprio autor evidencia sua educação literária baseada em modelos pagãos e narra a sua conversão religiosa.

¹⁷¹ Skutsch (1910): die Identität der beiden darf als Faktum der römischen Literaturgeschichte gelten.

¹⁷² Helm (1912): ich habe [...] versucht zu zeigen, daß die Schriften des Mythographen sich sehr wohl in das Leben des Bischofs einreihen lassen.

com as obras de Boécio, responsável pela produção de uma literatura pagã, mas também cristã.¹⁷³

Na década de 1920, dois autores voltam a classificar como errônea a hipótese de identificação. É o caso de Schanz-Hosius-Krüger (1920) e de Laistner (1928). Esse último argumenta que os comentadores e escritores do século IX parecem nunca ter confundido os autores ou identificado um pelo outro.¹⁷⁴ Lapeyre (1929) aprofundou-se nas obras do bispo, sobre quem nos deu extensas informações em respeito à sua biografia e produção literária, e defendeu a separação dos dois Fulgêncios por considerar impossível atribuir ao douto bispo de Ruspe obras tão bizarras, frívolas e infantis como as *Mythologiae* e a *De aetatibus*.¹⁷⁵ Anos depois, movimentando a discussão e utilizando-se de nova argumentação, Pennisi (1963) opõe-se à hipótese de separar os indivíduos datando o mitógrafo como tendo vivido até a metade do século IV, baseado na citação feita à *De nuptiis*, de Marciano Capella, publicada em torno dos anos 430, e que este teria vivido nos anos de Valentiniano I – imperador sobre o qual trata o último livro da *De aetatibus* – pois não teria visto outro imperador ao qual precisasse representar em sua obra.¹⁷⁶

Na década de 1970, poucos trabalhos infundiram vigor à discussão. Whitbread (1971) oferece a possibilidade de Fulgêncio ter sido um gramático ou retórico, além de fazer um retrato pitoresco acerca da África vandálica baseado nas extravagâncias linguísticas de Fulgêncio. Agozzino e Zanlucchi (1972) não se debruçam sobre a questão, preocupando-se com a tradução num caráter mais filosófico. Bertini (1974) reitera a possibilidade helmiana de que os trabalhos de conteúdo pagão fizeram parte da juventude do bispo, e Rauner-Hafner (1978), embora também não se detenha longamente na questão, afirma, na análise que

¹⁷³ Courcelle (1948; 1969): J'estime que le problème est analogue à celui des Opuscules théologiques de Boèce, que l'on a longtemps crus inauthentiques: d'un côté un oeuvre purement profane, voire païenne d'aspect, de l'autre une oeuvre de théologien chrétien.

¹⁷⁴ Laistner (1928): the scholars and writers of the ninth century themselves appear never to have identified or confused the bishop with the mythographer. Venutti (2009) chama atenção posteriormente para a incompletude de informações baseadas na transmissão manuscrita dos textos de Fulgêncio.

¹⁷⁵ Lapeyre (1929): à notre avis, on ne saurait [...] attribuer au saint et savant évêque de Ruspe des ouvrages aussi bizarres, aussi frivoles et aussi puérils que les *Mythologiae* [...].

¹⁷⁶ Pennisi (1963): [...] perché non vi sono altre aetates, in particolare altri imperatores di cui trattare.

fez da *Continentiae*, que o autor deste trabalho conhece bastante da Bíblia e recebeu uma educação fundamentalmente cristã.¹⁷⁷

Nos anos seguintes, os trabalhos de Lamberton (1986), Baldwin (1988) e Relihan (1986 e 1993) posicionam-se de acordo com a hipótese unitária, também sem introduzir novas premissas na questão.

Moreschini-Norelli (1996), tomando o lado da hipótese separatista, diz que os assuntos abordados pela obra do bispo dificilmente correspondem com aqueles do Fulgêncio “neoplatônico”, ainda que sejam ambos cristãos, reforçando a ideia de distinguir as duas identidades.¹⁷⁸ Rosa (1997), em sua tradução da *Continentiae*, não aborda o assunto, limitando-se a uma análise superficial da questão e aprofundando-se na obra. Manca (2003a) afirma primeiramente que ambas as hipóteses se apresentam muito equilibradas, e assume uma posição ligeiramente mais definida em seu trabalho seguinte (MANCA, 2003b), quando diz que a hipótese unitária parece pouco provável.¹⁷⁹ No entanto, Hays (1996), apresenta a proposta mais convincente: comparando amostragens quantitativas de ocorrências linguísticas, análise de referências internas, como aspectos estilísticos, e externas, como a transmissão dos manuscritos, as *subscriptions* e evidências em autores contemporâneos a Fulgêncio, ele afirma que tanto as referências internas quanto externas apontam para o mitógrafo e o bispo serem indivíduos diferentes.¹⁸⁰ Essa perspectiva reforça a hipótese separatista como verdadeira, sobretudo quando analisamos que alguns anos depois, o próprio Hays (2003) reconstrói os passos que reforçaram os dois lados da questão e, em sua conclusão, afirma que o maior entrave para a confirmação do mitógrafo e do bispo como um único autor é a precariedade de evidências externas e as grandes divergências linguísticas entre

¹⁷⁷ Rauner-Hafner (1978): Der Verfasser der Expositio kennt die Bibel recht gut, und die Zielsetzung seiner Schrift gipfelt in einer Erziehung, die man christlich nennen kann.

¹⁷⁸ Moreschini-Norelli (1996): Gli interessi che emergono dalle opere di Fulgenzio di Ruspe difficilmente possono essere posti in accordo con quelli del Fulgenzio neoplatonico, nonostante fossero entrambi cristiani.

¹⁷⁹ Manca (2002a): I due partiti sono piuttosto equilibrati. Manca (2002b): la tesi unitária poco probabile.

¹⁸⁰ Hays (1996): In fact, both internal and external evidence agree: the mythographer and the bishop are different men.

ambos.¹⁸¹ Reforçando a hipótese separatista, Hays utiliza o exemplo do verso de Coripo. Esse poeta, também um africano, escreveu sua obra mais conhecida, o poema épico *Iohannes*, por volta do século VI. Pela datação, torna-se óbvio, segundo Hays, que o verso original não tenha sido o do mitógrafo, tendo esse copiado Coripo.¹⁸² Hays, com isso, insere mais precisão quanto à datação, determinando o autor ter produzido mais tardiamente, em torno do ano 550 em diante, época dos imperadores bizantinos, mas não após os anos 642.

Foram produzidos trabalhos posteriores à essas afirmações de Hays, mas pouco convincentes em suas argumentações. É o caso de Wolff (2003), que, embora declare a questão da autoria do *corpus* resolvido – talvez até a *Super Thebaidem*, segundo o autor –, diz que os prefácios remetem ao período vandálico, o que torna possível, a partir dessa perspectiva, identificar o bispo e o mitógrafo como apenas um autor.¹⁸³ Isola (2004) reaquece a antiga perspectiva, a partir de pontos específicos da biografia do bispo, de que as biografias díspares representariam momentos diferentes na vida do mesmo indivíduo, mas não avança além disso.

2.2 Tradição manuscrita

São muitos os códices que contêm as obras creditadas a Fulgêncio, o mitógrafo. O único trabalho em que se propõe um *stemma codicum* de sua obra, e mesmo assim, restrito à tradição das *Mythologiae*, foi feito por Jungmann (1871) que serviu como ponto de partida para o processo de fixação dos textos fulgencianos. Nesse trabalho, ele pontuou cada um dos manuscritos, dando informações de sua composição física e quais textos abarca (JUNGMANN, 1871 apud VENUTI, 2009).

¹⁸¹ Hays (2003): The most powerful objections to the identification are [...] the lack of external evidences and the serious linguistic divergences between the two authors.

¹⁸² O verso de Coripo em *Ioh.* 8, 279 (*tunc Phoebus disiunxit equos, tunc Cynthia iunxit*) é muito semelhante ao de Fulgêncio em *myth.* 13, 9: (*Iam Phoebus disiungit equos, iam Cynthia iungit*).

¹⁸³ Wolff (2003): Les préfaces [scil. delle opere] font alors allusion aux temps troublés qui sont ceux de la domination vandale [439-533]. Cette chronologie incontestable rend de ce point de vue possible une identification du mythographe Fulgence, clairement chrétien, avec l'évêque.

A partir dessa análise dos manuscritos, Helm (1899) apresenta aquela que é a primeira e única edição crítica dos textos de Fulgêncio até hoje – com nova reimpressão em 1970 contendo um adendo feito por Jean Préaux. Nessa edição, Helm insere 5 obras. Adotando um critério conservador quanto à autoria das obras, se atendo ao que é mais tradicionalmente reportado pelos manuscritos, ele apresenta, após um prefácio, i) as *Mythologiae*, a *Continentiae* e a *Sermonum*, atribuídas a *Fabius Planciades Fulgentius*, ii) a *De aetatibus*, atribuída a *Fabius Claudius Gordianus Fulgentius*, e, por último, embora controversa quanto à sua autoria, iii) a *Super Thebaiden*, atribuída ao *Sanctus Fulgentius Episcopus*.

No tocante à *Continentiae*, ao longo da introdução específica a essa obra, Helm tece comentários acerca dos manuscritos que transmitiram os conteúdos de Virgílio, identificando o nome, a data, o estado do texto e sua relação com os demais manuscritos, propondo uma família de códices, hierarquizando-os conforme critérios como, por exemplo, aqueles com menor intervenção do copista ou aqueles com os registros mais recorrentes. Abaixo, ilustramos o conjunto de famílias de códices como classificados por Helm (1899) e, em seguida, comentamos sobre os manuscritos.

Palatinus 1578	= P	
Reginensis 1462	= R	
Reginensis 208	= I	
Palatinus 1579	= U	
Harleianus 2685	= H	
Gudianus 333	= D	
Reginensis 1567	= E	
Gudianus 331	= G	
Leidensis Vossianus 96	= L	
Omnes códices qui supra memorantur aut praeter eos qui nominatim afferuntur reliqui	= ω	
(Bernensis 427	= Bern)	
(Barberinus XVI 76	= Barb)	
(Deteriores	= deterr)	

Quadro 1: famílias de pergaminhos da *Continentiae*

A primeira família de códices do texto da *Continentiae* (α) contém 6 manuscritos, uns com mais afinidades entre si que outros.¹⁸⁴

Primeiro manuscrito citado por Helm, o Palatinus 1578 é do IX século e compreende *Mythologiae*, *Sermonum* e *Continentiae*. Helm o considera um *optimus* entre os demais manuscritos em sua edição, embora o texto das *Mythologiae*, por exemplo, tenha uma lacuna que vai da terceira fábula do livro I até a segunda fábula do livro II.

O Reginensis 1462 é datado por Helm como pertencente ao século XI, e considerado, ao lado do anterior, como um dos *optimi*. O manuscrito compreende, nessa ordem, os textos da *Sermonun*, *Continentiae* e *Mythologiae*. Essa última, ao contrário do manuscrito anterior em que se encontra mutilada, está registrada por inteiro. Ambos são referidos por ele como vindos do melhor grupo de manuscritos nos quais podem ser lidas as mitologias.¹⁸⁵

¹⁸⁴ Sobre a tradição manuscrita e a qualidade dos códices, vd. a edição de referência de Fulgêncio (HELM, 1899) e o estudo de Venutti sobre o prólogo das *Mythologiae* (2009).

¹⁸⁵ Helm, 1899, p. IX: [...] *ex meliore librorum genere in quibus mythologiae leguntur longe optimi* (“[...] das melhores famílias de manuscritos nos quais as *Mythologiae* são lidas em ótimo estado, sem contestação”).

O Reginensis 208, embora inserido na primeira família, traz somente uma pequena parte do texto das *Mythologiae*, começando apenas a partir da 5ª fábula do livro III, na narrativa sobre Berecíntia e Atis (HELM, *myth* 3, 5). Em seguida, o texto da *Continentiae* aparece integralmente.

O Palatinus 1579, datado do século X, se aproxima dos mais confiáveis P, R e I, concordando na maior parte das lições, todavia discordando em alguns locais (HELM, 1899, p. X), orientando, assim, a maior parte das lições acatadas pelo editor.

O manuscrito Harleianus 2685 é datado do século IX e, em seu corpo, os textos estão dispostos de modo a apresentar uma espécie de coletânea tardo-antiga: do fólio 1^r ao 23^r, tem-se Boécio, do fólio 24^r ao 35^v, o texto das *Mythologiae* e, do 35^v ao 39^r, o texto da *Continentiae*. Do fólio 39^r ao 44^r, tem-se Marciano Capella.

Último manuscrito da família mais fidedigna, o Gudianus 333 é datado do século XII, e, segundo Helm, foi corrompido por muitos erros.¹⁸⁶ O códice compreende outros textos que não apenas o da *Continentiae*.

A segunda família de códices (β) contém 3 textos, caracterizados por serem mais tardios, dos séculos XI e XII. São os códices Reginensis 1567, que compreende inteiramente os textos das *Mythologiae* e da *Continentiae*, o Gudianus 331 e o Leidensis Vossianus, mutilado, com o texto da *Continentiae* começando a partir da p. 85 da edição de Helm, muito após a introdução.

Os códices restantes, devido às lacunas e às oscilações entre suas ocorrências comparadas às dos mais confiáveis, são agrupados separadamente. É o caso do Bernensis 427, do Barberinus XVI 76 e dos deteriorados, que englobam o Vaticanus 1552, Vaticanus 3898, Ambrosianus 498 e Gothanus 55. Helm ilustra a má qualidade desses outros quando comenta sobre o Bernensis 427, datado do século X, que contém, por exemplo, o prefácio das *Mythologiae*, introduzindo esse texto a partir das fábulas, abruptamente. Segundo Helm, este é um códex do

¹⁸⁶ Helm, 1899, p. XI: [...] *et multis erroribus inquinatus est et saepissime cum alterius generis libris* (“[...] e corrompido por muitos erros e muitíssimas vezes com textos de outras famílias”).

melhor grupo e oferece poucos recursos, devido tanto ao estado descuidadíssimo como por ter sido maculado por muitos erros.¹⁸⁷

2.3 Tradição impressa

O estudo da tradição impressa do nosso autor é tratado com indiferença pela maior parte dos pesquisadores do autor. Aqui, fizemos um apanhado sobre essas edições e suas características, visto que elas oferecem informações de cunho filológico e literário aos estudos. Ademais, essas edições também foram responsáveis, mesmo que em parte, por fomentar a contenda a respeito da atribuição dos manuscritos, replicando a questão fulgenciana ao manter a associação do mitógrafo com o bispo durante os séculos que se seguiram.

A primeira edição impressa de Fulgêncio, a *Enarrationes allegoricae fabularum Fulgentii Placiadis (sic)*, teve lugar em Milão, 1498. Foi organizada por Giovan Battista Pio, é uma edição inteiramente dedicada ao autor, com o texto das *Mythologiae*, seguido de comentários de Pio, e com o texto da *Sermonum*, esse sem comentários de qualquer ordem. (VENUTI, 2009, p. 68). Essa edição obteve reimpressão em Augsburg, em 1521, por Jacob Locher. Nesse volume, tanto o texto das *Mythologiae* quanto os comentários do organizador anterior foram mantidos.

¹⁸⁷ Helm, 1899, p. XII: *codex melioris generis est et haud paruum afferret auxilium, nisi negligentissime scriptus atque tot et tantis erroribus maculatus esset; neque temerariae absunt ab eo emendations* (“o manuscrito é da melhor família e oferece pouco auxílio, exceto pelo negligenciamento em sua escrita como também por estar corrompido por muitos erros.”)

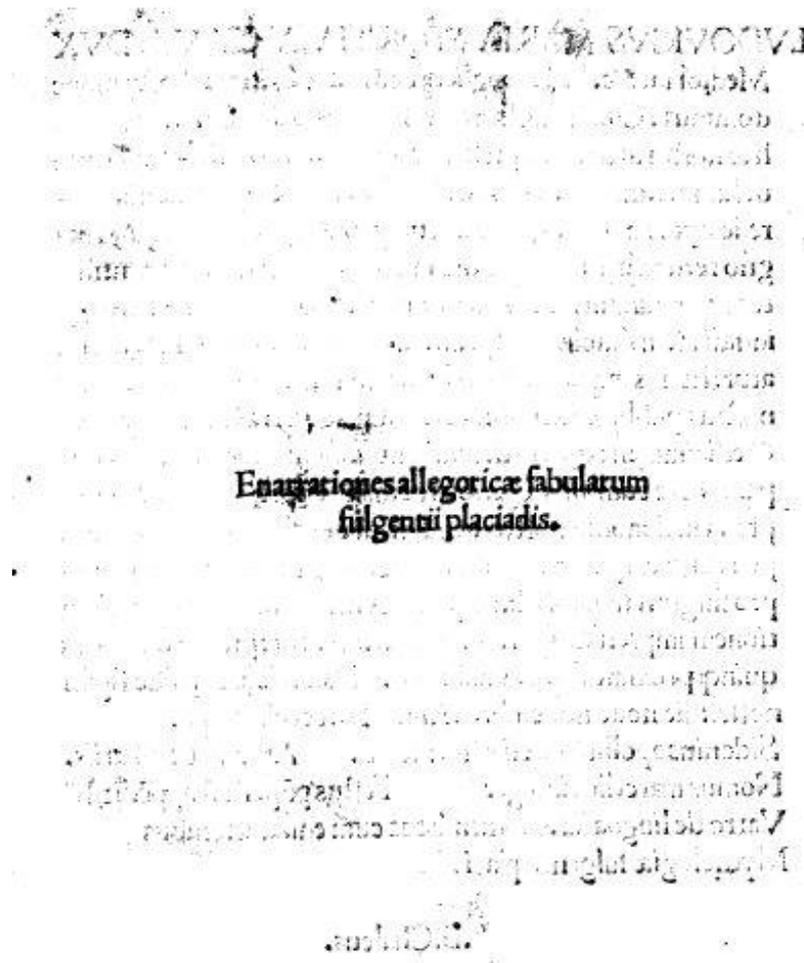


Imagem 1 – *Editio princeps* de Fulgêncio, Milão, 1498

A edição seguinte é de caráter mais complexo, trazendo Fulgêncio inserido num projeto que obteve sucesso na Europa, evidente pelas muitas reimpressões em anos sucessivos. Publicada em Basileia, 1535, organizada por Jacob Moltzer, essa compilação traz como destaque Higino. Ao lado de outros autores, são apresentados em seguida os *Mythologiarum libri III Fabii Fulgentii Placiadis Episcopi Carthaginensis*, além do *De uocum antiquarum interpretatione liber I* (título dado à *Sermonum*).

C. I V L I I
HYGINI AVGVSTI

LIBERTI FABVLARVM LIBER, AD OMNIVM
poëtarum lectionem mire necessarius & ante
hac nunquam excusus.

EIVSDEM POETICON ASTRONOMICON,
libri quatuor.

Quibus accesserunt similis argumenti.

PALAEPHATI de fabulosis narrationibus, liber I.

F. FVLGENTII PLACIADIS Episcopi Carthaginensis
Mythologiarum, libri III.

EIVSDEM de uocum antiquarum interpretatione, liber. I.

ARATI PHAINOMENON fragmentum, Germanico Cæsare
interprete.

EIVSDEM Phænomena Græce, cum interpretatione latina.

PROCLIDE sphaera libellus, Græce & Latine.

INDEX rerum & fabularum in his omnibus scitu dignarum
copiosissimus.

Imagem 2 – Compilação de fábulas, Basileia, 1535:
Higino, Paléfato, Fulgêncio, Aratus e Proclus

Essa edição conheceu uma reimpressão cerca de um ano depois, em março de 1536, também em Basileia, em que o texto das *Mythologiae* veio de forma mais enxuta, acompanhando as fábulas de Paléfato (VENUTI, 2009, p. 70).

F. P. FVL
GENTII CHRISTIANI PHI
losophi Mythologiarum libri tres, in
quibus enarrat quid omnes insignio
res ueterum fabulæ significant, quo do
cendi genere, miscentes utile dulci, sa
pientissimè σοφώτατοι poetæ & forma
uere mores & rerum tradi
diderunt causas.

HIS NON TEMERÈ, OPI
nor, adiunximus græcum autorem
PALAEPHATVM de fabulis su
pra fidem confictis. Philip
po Phasianino Ita
lo interprete.

Imagem 3 - Compilação de fábulas, Basileia, 1536:
nessa reimpressão, apenas Fulgêncio e Paléfato

Uma nova impressão das *Mythologiae* veio à luz, em Basileia, 1566, organizada por Henricus Petrus. Inteiramente dedicada a *Beati Fulgentii Episcopi Ruspensis*, essa edição, no entanto, compreende todos os textos teológicos de autoria do bispo de Ruspe.



Imagem 4 - Compilação de obras atribuídas ao bispo de Ruspe, Basileia, 1566

Embora Fulgêncio já tivesse obtido certa popularidade, haja vista as 5 edições já impressas contendo seu trabalho mais reconhecido, a primeira edição da *Continetiae* levou mais quase cem anos de espera para ser produzida. Em Heildeberg, 1589, é impressa a edição *Mythologici latini*, organizada por Hieronymus Commelinus. Nela, ao lado das obras de Higino, aparecem os textos da *Mythologiarum libri III* e da *De alegoria librorum Virgiliti liber I*, seguidos por textos de Materno e de Alberico. Esse volume obteve reimpressão 10 anos depois (WHITBREAD, 1971, p. 31).

FABII PLANCIADIS
FULGENTII

De

ALLEGORIA LIBRORVM
VIRGILII,

AD CALCIDIUM GRAMMATICUM.

10 **E**XPETEBAT quidem, Leuitarum sanctissi-
me, nostri temporis qualitas grande silen-
tium, vt non solum mens expromtare desisset
quod didicit, quantū etiam obliuionem sui ef-
ficere debuit quia viuit. Sed quia noua caritas
25 dominatu fulcitur, & in amoris præcepto con-
temptus nunquā admittitur; ob hanc rem Vir-
gilianę cōtinentię secreta physica tetigi, vitantē
illa quę plus periculi possent prærogare, quam
laudis. Væ inquā nobis, apud quos & nosse ali-
30 quid periculum est, & habere. Ob quam rem &
bucolicam georgicamq; omisimus, in quibus
tā mysticę sunt interstinctę rationes, quo nul-
lius pene artis in iisdem libris interna Virgilij
præterit viscera. Deniq; in prima Ecloga, secun-
35 da & tertia, physice trium vitarū reddidit con-
tinētiā. In quarta vaticinij artem assumpsit. In
quinta Pontificalia designauit. In sexta artem
musicā cum suis perfectissimis posuit numeros.
In parte verō eiūdem eclogę physiologiam se-
40 cundū Stoicos exposuit. Septima nota kinēn
dūram tetigit. Octaua apotelesmaticen Musi-
corū & magicam designauit; in parte verō ex-

Imagem 5 - Compilação de mitos, Heildeberg, 1589, com Fulgêncio, Higino, Materno e Alberico

A *Continentiae* teve mais algumas reimpressões. O século XVII abriu espaço para o que Venuti (2009, p. 73) chamou de “tripé das maiores obras”, isso é, *Mithologiae*, *Continentiae* e *Sermonum*. Em Amsterdam, 1681, organizada por Thomas Muncker, é impressa uma edição sobre *Mythographi latini*. Dividida em duas partes, o primeiro tomo foi dedicado apenas a Higino, e o segundo, a Fulgêncio, Lactância e Alberico.



Imagem 6 – A *Continentiæ*, Amsterdam, 1681, num volume com Lactânçio e Alberico

No século XVIII, mais especificamente em 1742, em Leiden, é impressa uma nova edição de mitógrafos latinos, sob organização de Augustinus van Staveren. Compreendendo os mesmos textos e autores da edição de Muncker (1681), essa edição teve sua seção de comentários enriquecida com o acréscimo daqueles feitos por outros organizadores, permitindo o leitor ter à mão os

melhores comentários disponíveis naquela época para aqueles autores (VENUTI, 2009, p. 75).



Imagem 7 – A *Continentiae*, Leiden, 1742:
ampliação e revisão da edição anterior de Muncker

O século XVIII abriu espaço para a já citada edição crítica organizada por Rudolph Helm, junto à Biblioteca Teubneriana, em Leipzig, 1898. Compreendendo os três textos mais importantes do mitógrafo, ela traz também os textos *Fabii Claudii Gordiani Fulgentii V. C. De aetatibus mundi et hominis* e *S. Fulgentii Episcopi Super Thebaidem*, demonstrando a manutenção da atribuição das obras a indivíduos diferentes. Em 1970, essa edição obteve nova reimpressão e foi acrescida de um adendo crítico por Jean Preaux. Permanece até hoje como edição de referência para aqueles que estudam e traduzem as obras do mitógrafo.

FABII PLANCIADIS FULGENTII V. C.

O P E R A

ACCEDUNT

FABII CLAUDII GORDIANI FULGENTII V. C.

DE AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS

ET

S. FULGENTII EPISCOPI SUPER THEBAIDEN

RECENSUIT

RUDOLFUS HELM



LIPSIAE

IN AEDIBUS B. G. TEUBNERI

Imagem 8 - A edição crítica de Helm (1898), referência para tradutores e críticos, compreende os textos da *Mythologiae, Continentiae, Sermonum, De aetatibus* e *Thebaiden*

3 Fulgêncio: tradutor traduzido

O projeto de Fulgêncio foi ousado, mas está longe de ser pioneiro. A opção por traduzir Virgílio tem por princípio aquele circuito de traduções e comentários que promovidos desde a Antiguidade. A *Eneida*, narrativa da jornada de Enéias à procura de realizar os desígnios dos deuses para seu povo, não é tópico exclusivo ao poeta de Mântua, pois faz parte da mitologia que compõe a cultura latina, principalmente no que tange à fundação de Roma. Há elementos que distinguem esse épico de outras obras que narraram a empreitada de Enéias, mas o que diferencia ainda mais o texto de Virgílio é que ele está inserido numa circunstância favorável de condições sócio-históricas, como a estabilidade conseguida através da *pax Augusta*, que permitiu um florescimento da literatura e de outras artes, as proximidades do autor com os centros de difusão cultural, suas relações institucionais com agentes do poder público, etc.

A seleção do que é digno de tradução, que implica também na exclusão de outros autores, reforçou a reputação e a longevidade da literatura virgiliana séculos após sua morte. Sua obra atingiu aquele estado que Walter Benjamin denominou de maturação, em que a obra não se contenta em sua materialidade e, através de traduções, renovando-se constantemente, atinge desdobramentos futuros (BENJAMIN, 2011, p. 23). A questão não envolve julgar a *Eneida* ser boa ou má literatura, e sim que a seleção de textos e autores, aliada a estratégias de desenvolvimento de tradução, podem estabelecer cânones que se amoldam a valores estéticos específicos, e a tendência das obras selecionadas pe afastar-se das tradições literárias em que originalmente estabeleceram seu significado (VENUTI, 2002, p. 130). E isso de fato ocorreu com Virgílio. Todos os autores aqui citados que o traduziram são responsáveis no processo de canonizá-lo literariamente, instituindo-o como original, elencando-o como autoridade. A poética antiga evidencia ainda mais a relação da originalidade com a autoria quando o próprio Virgílio é venerado através das manifestações literárias, tais como a de Macróbio e a de Fulgêncio, em que não apenas a literatura é exaltada, mas também o “gênio” por trás dela.

Utilizando as figuras de linguagem de Derridà, podemos afirmar que o texto de Fulgêncio é uma etapa no estado de maturação de um texto precedente, do qual a *Eneida* é ponto de partida: esta detém o caroço que permite a reprodução, enquanto aquela, a tradução, atividade derivada, reveste-se de uma autoridade simbólica que excede a morte “biológica” do autor e do texto-fonte, levando-a ao estágio pleno de sobrevivência (DERRIDÀ, 2006, p. 54). Nesse processo, Fulgêncio é responsável por consolidar o deslocamento da cultura antiga em torno da cristianização, que há tempos já se imprimia não só sobre a literatura, mas sobre toda a cultura antiga. Ainda que opere uma tradução intralinguística, de acordo com os critérios de Jakobson (1970 [2003]), em que a língua do texto de partida se mantém ao longo do texto de chegada, sua tradução mobilizou uma domesticação do texto de uma cultura que já era estrangeira à sua. A cultura da Antiguidade tardia foi sendo forjada à medida que elementos da cultura antiga eram domesticados em seu interior, sancionados por traduções como as da *Continentiae*. Ocorre que Fulgêncio também foi alçado à categoria de precedente, por conta dos autores que tomaram sua obra como ponto de partida e a fizeram alcançar um momento ulterior ao da sua escrita.

O século XII testemunhou um entusiasmo por parte das populações letradas na recuperação dos saberes antigos, motivado por vários fatores. Desde os séculos IX, X e XI, obras científicas e filosóficas eram traduzidas do grego antigo para o árabe, língua do império muçulmano, e, por conta dessas traduções, textos de Platão, Aristóteles e outros filósofos foram reintroduzidos na Europa. Isso resultou num estímulo aos estudos em filosofia, medicina, matemática, astronomia e astrologia, e despertou novamente o interesse pela mitologia e pela poesia clássica.

Os centros intelectuais e de difusão cultural também são responsáveis por esse florescimento: as antigas escolas monásticas do começo da Idade Média, afastadas das comunidades urbanas, aos poucos cederam espaço para as escolas catedrais, que se popularizaram nas grandes cidades, e se especializaram no ensino de leis, retórica, lógica, teologia, entre outros assuntos. Essas escolas foram responsáveis por reorientar a busca do conhecimento e por promover uma

flexibilização do *curriculum*, encorajando estudos outrora não muito incentivados (WETHERBEE, 1990, p. 1). O estudo da cultura clássica era novamente incentivado nesse período, numa espécie de florescimento cultural, o que culminou, séculos à frente, com o auge do período Renascentista, que vai dos meados do século XIV até o fim do século XVI, movimento que imprimiu mudanças consideráveis nas artes, na filosofia e na ciência da sociedade medieval. Novamente os intelectuais se debruçaram sobre a cultura antiga a fim de investigar, através dos conhecimentos que orientaram os homens durante séculos, nosso papel no mundo e na história.

Até que a imprensa surgisse e se consolidasse, os textos manuscritos eram quase exclusivamente fontes de pesquisa. Esses textos, por sua vez, eram sujeitos a alterações e não tinham uma versão definitivamente estabelecida, sofrendo interferências, por exemplo, dos copistas e escribas, no intuito não só de multiplicar as edições, mas também de corrigir, adequar e expandir os seus conteúdos, numa prática que reproduzia famílias de textos, derivados uns dos outros. Esse processo de reescrita, marca indelével da cultura da Antiguidade e uma das maiores heranças para os séculos seguintes, envolve textos e autores que dialogam entre si, ao longo dos anos, e que acabam por constituir textos cada vez mais densos.

Localizadamente, os compêndios gramaticais e comentários de textos também foram estimulados entre os séculos X e XII, se desenvolvendo na mesma tradição literária que data da Antiguidade, ampliando a relação de complementariedade entre textos, atualizando textos antigos, produzindo novos, contribuindo no processo de transmissão das ideias, configurando um cânone e criando uma espécie de texto orgânico, formado por uma malha de outros textos. Isso ocorreu sobremaneira com o texto de Virgílio, autoridade entre as autoridades, mas também ocorreu com Fulgêncio. Assim como o mitógrafo produziu suas obras na esteira dessa tradição literária, e assim como buscou por informações em fontes mais antigas, também serviu de fonte para escritores posteriores.

Falaremos nessa seção sobre seus comentadores posteriores e de como eles estabeleceram Fulgêncio como predecessor, reutilizando-o, expandindo-o, enfim, mantendo-o vivo séculos após sua produção através de sua obra e constituindo uma cadeia orgânica de cultura e bibliografia e uma tradição textual. Mais à frente, discutiremos sobre os usos linguísticos e as estratégias adotadas por Fulgêncio para a sua tradução da *Eneida*, a saber, o emprego de alegorias e o uso de etimologias.

3.1 Traduções de Fulgêncio nos séculos posteriores

A consolidação da tradição escoliasta e tradutória da Antiguidade, assomada pelos conhecimentos (re)introduzidos na Europa pelos árabes, fez com que o Ocidente adotasse uma perspectiva mais abrangente com relação às outras partes do mundo. Agora, eles entravam em contato com o sistema árabe de numeração, álgebra, obras de Ptolomeu, Hipócrates e Galeno, e muitos conhecimentos de medicina e astronomia, por exemplo, “e o impacto desse movimento sobre a renovação e o crescimento intelectual foi tão grande que a época já foi chamada de ‘Renascença do século XII’” (SALAMA-CARR, 1998, p. 130).

O método alegórico voltou a ser uma técnica empregada na exegese e tradução no século XII, e a interpretação mitológica cresceu novamente junto com o número de comentadores que a utilizavam. Esses escritores, mesmo que indiretamente, faziam alusão aos métodos empregados por Fulgêncio. O primeiro desses que aqui veremos não é representado por um único autor, mas sim um grupo, os Mitógrafos do Vaticano. Em seguida, veremos o caso de Bernardo Silvestre, escritor e filósofo da escola de Chartres.

3.1.1 Os Mitógrafos do Vaticano

Os mitógrafos de fato foram indivíduos que compilaram e escreveram mitos clássicos, mas o que se sabe sobre a identidade deles ainda é precário e a discussão permanece aberta. Esse grupo é composto por 3 *scriptores*, diferenciados entre si por questões intralinguísticas, estéticas e filológicas, e são fontes de informações mitológicas importantes na cena dos séculos X, XI e XII.

Esse pseudônimo foi dado por Ângelo Mai, diretor da biblioteca do Vaticano em 1831, que publicou três volumes de histórias mitológicas compostas por eles na Idade Média. O que constitui esse grupo como interesse à nossa pesquisa é que todos esses três *grammatici* estavam interessados também em transmitir os mitos clássicos e em ensinar os conhecimentos que lhes fossem subjacentes, sendo o evemerismo e a alegorização moral suas principais ferramentas, abundantemente encontradas em seus escritos (PEPIN, 2008, p. 2). Essa prática remete ao que nosso autor fez ao compilar o seu próprio conjunto de histórias mitológicas, os livros das *Mythologiae*. O que nos interessa na relação estabelecida entre Fulgêncio e o texto dos Mitógrafos do Vaticano é como o texto daquele foi reaproveitado por estes, como se deu a manipulação e tradução dos textos e ideias entre os autores que constituem essa relação.

No século X, a Igreja Católica já estava mais que consolidada, mas ainda assim a sabedoria pagã representava uma ameaça à sua autoridade e visão de mundo, o que se mostra patente na produção de volumes como esses. Ainda se fazia necessário o uso de manuais *ad auctores*, na tentativa de elucidar, em conformidade com o Cristianismo, os temas e figuras recorrentes nos autores presentes no *curriculum*, de modo a reapropriar esses conhecimentos e facilitar sua leitura para fins educativos e escolásticos (PEPIN, 2008, p. 4).

O primeiro destes 3 mitógrafos tem sua linguagem e estilo considerados insípidos. Embora cite autores do *curriculum*, como Virgílio, Horácio e Ovídio, as citações são esparsas e descuidadas. Cruzando referências de sua produção com a de outros autores, consegue-se identificar que seus textos são dependentes dos de Fulgêncio, assim como Sêrvio e Higino (PEPIN, 2008, p. 5). Seu texto sobreviveu através de apenas um manuscrito.

O segundo mitógrafo é, com relação ao anterior, mais extenso, e sua apresentação e desenvolvimento o aludem claramente. Seus mitos estão agrupados de maneira mais sistemática e seu texto depende de mais fontes, haja vista a frequência com que ele faz *explanationes* que aludem a outras histórias em outras obras. Sobre sua datação, alguns críticos o inserem no período carolíngio, mas a certeza reside apenas no fato dele ter vivido e escrito após o primeiro mitógrafo (PEPIN, 2008, p. 7). Seu texto sobreviveu através de onze manuscritos.

O terceiro destes é unanimemente reconhecido como mais interessante, devido ao seu estilo e à sua linguagem, também por sua extensa interpretação alegórica e pela maneira como ele congrega opiniões de diferentes fontes, às vezes conflitantes, sobre os mitos e histórias que ele narra. Seu texto traz citações diretas de autores do *curriculum*, e depende também de um conjunto de fontes mais amplo que o dos anteriores. As ocorrências encontradas são menções a Fulgêncio e sua *Mythologiae*, mas também aos *Commentarius ad Aeneidos* feitos por Sêrvio, à *Saturnalia* e ao *Commentarii in Ciceronis somnium Scipionis* de Macróbio, e ao *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, de Marciano Capela, e um comentário deste feito por Remígio de Auxerre mais tardiamente. Este mitógrafo em especial cita Fulgêncio recorrentemente, confrontando por vezes a perspectiva dele com a de Remígio no tocante a alguns mitos (PEPIN, 2008, p. 8). Seu texto sobreviveu através de 40 manuscritos, o que evidencia sua popularidade em detrimento dos anteriores.

O segundo e o terceiro mitógrafos, em especial, fazem uso corrente de alegorizações a fim de elucidar os conhecimentos intrínsecos aos mitos, elaborando uma *philosophia moralis*, tal como Fulgêncio operou na *Mythologiae* e na *Continentiae* e outros escritores também o fizeram.

Assim, todos os deuses, deusas e heróis foram identificados com vícios e virtudes. Perseu mata a Górgona com a ajuda de Minerva, isto é, a virtude conquista o medo através da sabedoria. Baco é um jovem nu que monta um tigre, isto é, a ebriedade nunca amadurece, nos desnuda das nossas posses e gera ferocidade. Ulisses, marido de Penélope, passa incólume pela monstruosa Cyla, isto é, um homem sábio compelido à castidade sobrepõe a luxúria (PEPIN, 2008, p. 4).

3.1.2 Bernardo Silvestre

Bernardo Silvestre foi um escritor e filósofo medieval, tendo vivido no século XII, situado pelo editor de uma de suas obras aproximadamente entre os anos de 1085 e 1178. O máximo que se sabe sobre ele é através de referências internas à sua obra, como por exemplo as dedicatórias. A atribuição da autoria de suas obras não está definitivamente estabelecida, haja vista que alguns manuscritos trazem seu nome como autor (WHITERBEE, 1990, p. 3). É o caso da *De mundi uniuersitate*, um texto prosimétrico que compõe uma cosmografia cristã sobre a criação do mundo, seu trabalho de maior popularidade. Seus editores apontam como tendo sido escrito em 1150, por conta da apresentação ao papa Eugênio III (PADOAN, 1977). Mas, “se o autor do *Commentum* não for Bernardo Silvestre, esse autor é alguém que se parece muito com ele, que leu os mesmos textos e os interpretou segundo o mesmo espírito” (JEAUNEAU, 1988, p. 452).

O *Commentum super sex libros Aeneidos Virgilio*, no entanto, é o que se faz de mais importante para a nossa pesquisa, pois é nesse texto que Bernardo evidencia a confluência do pensamento clássico de diversos autores, como Boécio, Marciano Capella, Sérvio, Macróbio e Fulgêncio, no que diz respeito à *Eneida* e também a Virgílio. Seu texto é devedor de três destes autores em especial:

- A maior parte do comentário se apresenta em lemas, numa explicação linha a linha, emulando a exposição feita por Sérvio, assemelhando-se a ele no que diz respeito ao formato;
- A concepção da *Eneida* é a de uma obra poética fictícia e simultaneamente um guia filosófico. Segundo ele, o poeta utiliza uma ordem artificial (*ordo artificialis*), isto é, começa *in medias res*. O filósofo, por sua vez, utiliza uma ordem natural (*ordo naturalis*), narrando os eventos como de fato eles ocorreram, isto é, a vida humana, a partir do nascimento em diante (PIKE, 1995, p. 347);
- Os conhecimentos que Bernardo expõe são vislumbrados de acordo com a alegoria moral e tendem a moralizar Virgílio, na tentativa de conciliar o paganismo clássico com a doutrina cristã, a linguagem poética com a

autoridade teológica. Além disso, ele estabeleceu a divisão dos livros da *Eneida* como fases da vida em consonância com a divisão da exposição feita por Fulgêncio na *Continentiae*.

A primeira metade da jornada de Enéias segue tal como Fulgêncio o fez, em que o percurso representa as etapas da vida humana, e o herói, como representação do ser humano, trilha rumo ao conhecimento e à sabedoria. Bernardo introduz sua lição de alegoria ao afirmar que cada um desses livros contém, *sub integumentum*, isto é, sob o véu da alegoria, as fases da vida.

Integumento é o gênero da demonstração sob uma narrativa fabulosa envolvendo a compreensão das verdades, donde também é dito invólucro.¹⁸⁸

O que Virgílio fez, e o que Bernardo pretende explicar, é como o poeta utilizou a *ordo artificialis*, a poesia, como um *integumentum* para a *ordo naturalis*, os caminhos do homem. Assim, ele interpreta o primeiro livro como representação do nascimento e infância (*infans*), o segundo como primeira juventude (*pueritia*), o terceiro como adolescência (*adulescentia*), o quarto e o quinto como a juventude (*iuuentus*) e idade adulta (*uirilis aetas*), e o sexto como compreensão do saber filosófico, compartilhada por Anquises, o *pater omnium* (ALCOCER, 1995, p. 26).

Há uma série de ocorrências que atestam uma leitura da *Continentiae* para a composição do *Commentum* e essa divisão é apenas uma delas, já que nenhum outro autor anterior a Fulgêncio a utilizou desse mesmo modo (MORENO, 2005, p. 132). Os eventos que compreendem os livros I ao V são narrados sumariamente, sustentados por explicações alegóricas e etimológicas, aproximando-se por vezes ao texto da *Continentiae*. No recorte abaixo, referente à narrativa do livro 1 da *Eneida*, a destruição da frota de Enéias a mando de Juno, comparamos algumas referências tomadas indiretamente à exposição feita por Fulgêncio:

¹⁸⁸ Bern, *Aen* (3, 14-15): *Integumentum est genus demonstrationis sub fabulosa narratione ueritatis inuoluens intellectum, unde etiam dicitur inuolucrum.*

<i>Expositio Virgilianae Continentiae</i>	<i>Commentum super sex libros Aeneidos Virgilii</i>
[...] primum Iuno Eolum petit, quo naufragium Troianis inportet. Dehinc cum septem nauibus euadit. Libico in litore accipitur. Matrem uidit nec agnoscit. Nube caua cum Acate contegitur. Dehinc picturis animum aduocat. Posthaec cena acceptus citharae sono mulcetur. Habes breuiter decursam primi libri continentiam.	1: In primo ergo uolumine uenit Iuno ad Eolum. Dat ei Deiopeam. iactatur Eneas tempestatibus. Euadit cum septem nauibus. Cartaginem uenit nube tectus. Videt socios neque alloquitur eos. Quam nubem Venus remouet. Deinde suscipitur in epulis et carminibus citharedi Iope. Dido recipit Cupidinem in specie Aschanii. Hec omnia quia in prima etate contingunt, in primo uolumine enarrantur.
Eolus enim Grece quasi eonolus, id est saeculi interitus [...].	4-5: [...] qui dicitur Eolus quasi eonolus, id est saeculi interitus.
Deiopea in coniugium; demos enim Grece puplicum dicitur, iopa uero oculi uel uisio [...].	8: [...] Dicitur autem Deiopea quasi demoiopa, id est communis oculus.
Iopas enim Grece quasi <i>siopas</i> dictus est, id est taciturnitas puerilis.	13: [...] Iopas enim puerilis taciturnitas dicitur.
Poliphemum diximus quasi <i>apolunta femem</i> , quod nos Latine perdentem famam dicimus.	22-23: [...] Polifemum quasi <i>polimunta femem</i> , id est perdentem famam, intelligimus esse superbum

O livro VI é aqui também um marco, pois é não só onde a obra assume um novo formato como também as explicações tomam outro direcionamento. É aqui que Bernardo começa a imprimir mais as características da tradição literária do século XII e distanciar-se mais dos seus predecessores. A partir da chegada de Enéias e dos troianos ao templo da Sibila, a exposição adota o modelo serviano, o de explicação linha a linha, e seus comentários sobre esses eventos compreendem mais da metade do texto. Sua justificativa assemelha-se à observação feita por Sêrvio ante o livro VI:

Visto que no livro VI é narrado a descida de Enéias aos infernos [...] e porquê Virgílio introduz verdades filosóficas mais profundas nesse livro.¹⁸⁹

¹⁸⁹ Bern, *Aen* (28, 6, 10): *Quoniam in hoc sexto uolumine descensus Enee ad inferos enarratur [...] et quia profundius philosophicam ueritatem in hoc uolumine declarat Virgilius.*

Na *Eneida*, o herói e seu amigo Acates alcançam o templo de Apolo, onde encontram a Sibila. A descida ao submundo também é representada como uma descida à consciência e ao pensamento, de maneira mais complexa. Bernardo começa a partir de então a apresentar sua teoria do conhecimento, partindo de um verso virgiliano

E já de Trívia entram nos sacros bosques e áureos tetos (tradução de José Victorino Barreto Feio).¹⁹⁰

Segundo ele, o *triuia* constitui-se das três matérias que compõem o *triuium*, isto é, lógica, gramática e retórica, e o *aurea tecta*, o *quatriuium*. Quanto a isso, ele diz que “a faculdade da memória chama-se de Trívio, isto é, aplica-se a vontade dos estudos da eloquência.”¹⁹¹ Esse é o caminho para que o herói decifre os dizeres no templo de Apolo e as profecias da Sibila, de acordo com a *ordo artificialis*, e para que o ser humano, em geral, tenha acesso à sabedoria, de acordo com a *ordo naturalis*. Assim, na sequência, a chegada de Acates junto ao templo e à Sibila é a representação de que “o estudo exercitado nessas artes aproxima-se do conhecimento”¹⁹² (PIKE, 1995, p. 349).

O encontro de Enéias com seu pai, o *pater omnium*, demonstra como Bernardo foi além na conciliação de visões de mundo. Sua nota para descrever Anquises diz este estar “habitando os céus [...] e aquele que compreendemos ser o pai de todos e senhor sobre todas as coisas”¹⁹³. Bernardo o situa não somente como pai de Enéias, ou como representação da autoridade paterna de todo e qualquer indivíduo, e sim como o Pai. A descida ao mundo inferior torna-se, no *Commentum*, uma apoteose cristã, um encontro com Deus. Essa representação, contudo, não é feita de modo direto. É antes uma alegoria submetida ao caráter duplo da *Eneida*, poético e filosófico, artificial e natural.

O *Commentum* ainda contempla questões sobre Deus, morte e redenção da alma. No entanto, ele evita criar uma saída do mundo subterrâneo, o que seria uma solução poética, artificial, para o que ele discute, optando por representar os

¹⁹⁰ Virg, *Aen* (29, 2): [...] iam subeunt Triuia lucos atque aurea tecta.

¹⁹¹ Bern, *Aen* (32, 2): Appellit classem memori Triviae i.e. applicat voluntatem studiis eloquentiae.

¹⁹² Bern, *Aen* (32, 1) Studium in artibus exercitatum adducit intelligentiam.

¹⁹³ Bern, *Aen* (9, 8-9): Celsa inhabitans [...] quem intelligimus esse patrem omnium omnibus presidentem.

Campos Elíseos em desdobramentos do paraíso cristão. De todos modos, utilizando-se do caráter dúbio da *Eneida*, Bernardo lida com poesia e teologia, eloquência e filosofia, emulando algo de Agostinho e reconciliando a linguagem poética com a autoridade teológica (PIKE, 1995, p. 348).

3.2 Linguagem e estilo

Partindo das informações espalhadas em suas obras e através do cruzamento de referências com textos do período parecido, sabe-se que Fulgêncio viveu e escreveu em torno dos séculos V e VI, no norte da África, e que, além de dominar o líbico, tinha conhecimentos em latim, grego e hebraico (MANCA, 2003b, p. 100). No que diz respeito aos estudos de cultura latina, essa época se afasta em séculos do período conhecido pelo alto grau de estilização da língua literária, em torno dos séculos I a. C. e I d. C., que culminou com o surgimento de poetas e prosadores que consolidaram as normas gramaticais do latim, parâmetros que orientam até hoje o ensino dessa língua. Aliado a isso, o império não mais se organizava como nos tempos da dinastia júlio-claudiana, pois se encolhia cada vez mais, perdendo territórios para povos germânicos, o Estado tinha dificuldades em administrar a máquina pública, e, com o passar dos anos, o cristianismo avançou sobre a Europa, introduzindo uma nova visão de mundo, reorganizando a vida e a cultura.

Esse panorama de decadência é reforçado por boa parte da crítica literária que se debruça sobre o período da tardoantiguidade. Fala-se em rompimento, turbulência, levantes populares e caos social, no que parece ser uma amplificação dos *topoi* fulgencianos alçados do nível retórico-literário para o nível histórico-documental. Um dos primeiros críticos de Fulgêncio – e um dos mais ferrenhos – contribuiu para a manutenção do *status* decadente dado à tardoantiguidade. Domenico Comparetti, crítico e filólogo italiano, em 1895, na obra *Vergilio nel Medioevo*, traçou as vicissitudes às quais o poeta de Mântua fora submetido ao longo da Idade Média. Assim ele se refere ao período:

Por este enfraquecimento de vínculos entre as letras e o pensamento em geral, fez-se suscetível um abismo entre a linguagem falada e a escrita, e o latim vulgar, plebeu ou rústico, se incrementou e ganhou força, de tal modo que o ofício do gramático se tornou uma atividade de pouca monta, e já devia ser comum que se ensinasse a escrever corretamente. Proporcional à necessidade e qualidade dessa tarefa é a produção dos gramáticos desse século de decadência, rica em número de obras, mas extremamente pobre quanto à originalidade destas. Nesse campo de estudos gramaticais, como em alguns outros, vê-se um extraordinário empobrecimento de ideias: ninguém dá um passo por conta própria sem se apoiar nos mais antigos. Como na arte todas as produções se tornaram imitações pouco inteligentes, o mesmo se estende às obras doutas e científicas: todas carecem de originalidade, sendo apenas resumos ou compilações. Agora a literatura, disposta a viver artificial e restritamente, reduz o seu armamento, eliminando o que lhe parecia supérfluo, procurando atalhos e manifestando um grande desejo de compendiar todo o resto. A idade da decadência é rica de tais compêndios e compilações, e a esse gênero pertencem a maior parte das obras gramaticais que nos resta (COMPARETTI, 1943, p. 61-2).¹⁹⁴

O percurso que a literatura de Virgílio, e sua própria representação, percorreram durante a Idade Média é longo, e em um dado momento, Comparetti cruzou caminhos com a *Expositio Virgilianae Continentiae*, “um dos textos mais estranhos e curiosos do medievo latino, e, ao mesmo tempo, é o mais característico monumento da reputação do poeta em meio à barbárie cristã” (COMPARETTI, 1943, p. 70).¹⁹⁵ Assim ele se refere a Fulgêncio e à sua exposição:

Mas o ritmo de Fulgêncio é tão violento e incoerente, pisoteando cada regra do bom senso aberta, grosseira e brutalmente, que mal se entende como um cérebro saudável pôde conceber como sério um trabalho tão

¹⁹⁴ Per questo indebolimento di legami fra le lettere e il pensiero in generale, avveniva pure che il divario fra la lingua parlata e la scritta si facesse sempre più sensibile, e il latino volgare, plebeo o rustico che si voglia dire, prendesse incremento e anche ardire; talché l'ufficio del grammatico diveniva cosa meno elevata, e già doveva parere assai se s'insegnava a scrivere correttamente. Proporzionata al bisogno e alla qualità di questo è la produttività dei grammatici di questi secoli della decadenza, produttività ricca per numero di opere ma estremamente misera quanto a originalità di vedute. In questo campo degli studi grammaticali, come in ogni altro vedesi uno straordinario impoverimento d'idee: niuno sa muovere un passo di forza propria, senza appoggiarsi ai più antichi. Come nell'arte tutto è poco intelligente imitazione, nell'opera dotta o scientifica tutto è poco intelligente riassunto o compilazione. Ormai la letteratura, disposta a vivere artificialmente e ristrettamente, riduce il suo armamento, eliminando quanto appariva utensile superfluo, cercando scorciatoie e manifestando un gran desiderio di tutto compendiare. Di tali compendi o compilazioni, coi quali si voleva liberarsi dal leggere un gran numero di scrittori, è ricca l'età della decadenza, e a questa appunto appartengono la maggior parte delle opere grammaticali che ci rimangono.

¹⁹⁵ [...] Uno dei più strani e curiosi scritti del medio evo latino, e ad un tempo è il più caratteristico monumento della nominanza del poeta in mezzo alla barbarie cristiana.

incoerente e menos ainda como cérebros saudáveis puderam aceitá-lo e levá-lo a sério (COMPARETTI, 1943, p. 60).¹⁹⁶

Comparetti não foi minimamente cortês nesse julgamento. E, não obstante a falta de afabilidade com o autor e seu contexto de produção, ele atribuiu a Fulgêncio a alcunha de falsário, ao afirmar que ele inventou os próprios poetas que citou. Ademais, seu tom pessimista a respeito da literatura, da língua e do estilo de Fulgêncio se perpetuou, e décadas depois dessa obra e do estabelecimento da edição por Helm em 1898, os ecos do seu posicionamento ainda reverberam entre os críticos. Em 1968, Ubaldo Pizzani, na sua tradução da *Expositio Sermonum Antiquorum*, ainda discute a possibilidade de o autor africano ser um falsário, embora ele atribua essa fama à falta de escrúpulos na consulta às fontes e à possibilidade dos manuscritos terem se perdido. Em 1971, Whitbread, em sua tradução às obras de Fulgêncio, critica o autor por conta de seu “latim empolado e decadente”, e também por seu estilo difícil, “impedindo a todos exceto os estudantes mais perseverantes e avançados [...], assim como seu estilo retorcido e pomposo, ocasionalmente beirando o coloquialismo, às vezes soando como uma paródia dos períodos de Cícero” (1971, p. 5).¹⁹⁷ Muitos outros ainda o farão ao longo das décadas de 1970 e 1980.

Ainda que a língua e o estilo de Fulgêncio tenham permanecido os mesmos, a década de 1990 trouxe uma abordagem mais científica para os estudos de seus textos. Gregory Hays, em 1996, afirma que sua obra é uma composição erudita séria, não um exemplo de frivolidade poética por parte do autor, e que ele não demonstra as atitudes de um cristão lidando com as más interpretações do paganismo, mas sim a de um investigador filosófico sondando as trivialidades da poesia (HAYS, 1996, p. 119).¹⁹⁸ Essa perspectiva contribui para um aumento

¹⁹⁶ “Ma il procedere di Fulgenzio è così violento ed incoerente, egli calpesta ogni regola di buon senso in modo così aperto, grossolano e quasi brutale, che mal s’intende come un cervello sano abbia potuto concepire sul serio un così pazzo lavoro e meno ancora come cervelli sani abbiano potuto accettarlo e prenderlo in seria considerazione.

¹⁹⁷ [...] General flamboyance and decadence of his Latin [...] difficult style, forbidding to all but the most persevering and advanced students [...] and his strained, pompous style, occasionally descending to colloquialism, at times reading *like a parody* of Ciceronian periods.

¹⁹⁸ Fulgentius’ work is to be a serious scholarly composition, not a piece of poetic frivolity, as the contrast between sober interpreter and raving poet indicates [...] Here again the author presents

nos estudos e traduções desse autor para outras línguas, como aqueles feitos por Rosa (1997), Manca (2003), Wolff (2003, 2009), Moreno (2005) e Venuti (2009). No Brasil, os trabalhos se desenvolvem sobretudo no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, com as traduções das *Mythologiae* (AMARANTE, 2016), da *Sermonum* (ALMEIDA, 2018) e da *Continentiae*, na presente dissertação. Estão em andamento também os trabalhos para uma tradução da *De aetatibus* (SANTOS JÚNIOR, 2018).

Consideradas as circunstâncias do autor e da obra, esses estudiosos já se referem às condições de produção como uma encruzilhada cultural, fruto da convergência linguístico-literária entre os autores clássicos e os padres da Igreja. É dessa confluência de fatores que as características de Fulgêncio são identificadas, pois aos usos clássicos da língua são associados aqueles das comunidades cristãs da época, e essas características incidem sobre uma tradição literária secular, e no caso da *Continentiae*, a da interpretação da *Eneida* (MORENO, 2005, p. 146). De todas as formas, embora haja ressalvas quanto ao tratamento dado ao autor e à sua literatura, a sobrevivência de inúmeros manuscritos desse texto nos informa que sua existência poderia se justificar apenas pelo seu formato, isto é, esse libelo é um testemunho de uma das modalidades de tradução característicos da Antiguidade.

3.2.1 Alegorias e etimologias

Os tempos e os costumes se refaziam, e ainda que Virgílio ocupasse papel central na educação da Antiguidade tardia, seus escritos foram sujeitos a interpretações e traduções cada vez mais afastadas da esfera cultural e social romana dos séculos I a. C e I d. C.¹⁹⁹ Fulgêncio vive e escreve num período em que o cristianismo já havia se robustecido e já fazia forte concorrência à antiga cultura, e seu texto, resultado dessa conjuntura, funciona como uma tradução do

himself not primarily as a Christian setting straight the misapprehensions of paganism, but rather as a sober philosophical investigator probing beneath the trivialities of the poets.

¹⁹⁹ Esse período é denominado como mais profícuo à cultura latina na Europa.

épico de Virgílio aos novos modelos estéticos, filosóficos e literários que caracterizaram a tardoantiguidade.

Em seu texto, Fulgêncio foge às estratégias gramaticais recorrentes e atravessa todos os livros do poema virgiliano destacando apenas os conteúdos essenciais obscurecidos pelo rebuscamento literário, as *continentiae*, a representação das fases da vida humana mediada por um conjunto de valores morais, que jazem atrás de um enredo aparente, sendo ele devedor de comentadores latinos, estóicos, e neoplatônicos de Homero. Embora criticado pelas excentricidades na língua e pelos exageros interpretativos, Fulgêncio não é pioneiro, nem seu trabalho tem caráter inovativo, se encontrando, pois, em conformidade com o que foi produzido no período (HAYS, 1996, p. 107).

Na sua tentativa de revelar os conteúdos subjacentes aos textos da Antiguidade, Fulgêncio emprega métodos diferentes. Um deles, largamente usado na leitura das *Mythologiae*, é o evemerismo, uma linha hermenêutica de interpretação de mitos criada por Evêmero de Messina (IV ou III a. C.). De acordo com essa teoria, seres lendários são nada mais que versões distorcidas de humanos notáveis, isto é, personagens históricos de um passado remoto, amplificados pela tradição folclórica. Outra linha de interpretação se baseia na “alegoria física” (HAYS, 1996, p. 101), na qual os mitos – deuses, heróis, criaturas etc – correspondem a processos naturais cosmológicos. Alguns sofistas já se utilizavam dessa linha ao afirmarem, por exemplo, que as flechas de Apolo eram uma representação dos raios do sol (WHITBREAD, 1971, p. 33).

Não menos importante à exposição dos conteúdos de Virgílio é, no entanto, a alegoria ética: segundo essa linha, a mitologia e os saberes antigos são um vetor para o ensinamento de lições sobre filosofia e moral. Essa tradição é antiga, remonta a Anaxágoras, que defendia a representação dos deuses em Homero carregar significados mais aprofundados, inclusive naturais, e seus seguidores insistindo também em significados morais (TZAMALIKOS, 2017). Essa forma de interpretação também já era aplicada aos textos cristãos e à Bíblia, evidenciando como Fulgêncio, desse modo, está inserido numa encruzilhada cultural de tradutores e traduções.

Fulgêncio procura elucidar os significados morais inerentes aos mitos, e às vezes às palavras latinas e gregas, e vai utilizar-se de conhecimentos morais e éticos, assim como de conhecimentos etimologizantes em grego e latim. Sua intenção quanto a isso está bem delineada nas *Mythologiae*, quando, em sua introdução, diz que

Queremos, então, as verdadeiras essências das coisas, a fim de que, com a fabulosa ficção da enganosa Grécia sepultada, reconhecamos que coisa oculta a nossa razão deva compreender nelas.²⁰⁰

Um dos artifícios para reconhecer o *mysticum cerebrum*, isto é, as coisas ocultas, os significados subjacentes à ficção, é a interpretação etimológica. Todas essas abordagens, em especial as de cunho físico e moral, fazem amplo uso dos aspectos etimológicos dos mitos (CURTIUS, 1996, p. 495), e é nessa tradição que Fulgêncio se situa e serve de exemplo a futuros comentadores. De acordo com sua base metodológica, as coisas ocultas dispostas na literatura clássica não só foram introduzidas na obra pelo próprio autor como estão lá para serem encontradas. Isso justificaria inserir Virgílio como personagem na sua exposição, pois segue um modelo específico, o de uma “alegoria consistente”.²⁰¹ A potência da obra reside no fato de ela trazer consigo matérias complexas e também entreter o público leigo, no intuito de restringir os conhecimentos místicos entre um grupo de iniciados e controlar o que é dito sobre esses assuntos a partir de um estudo mais aprofundado (HAYS, 1996, p. 115).

Há de se ressaltar, todavia, que, embora Fulgêncio seja declaradamente um autor cristão, as revelações apontadas por ele, através de seus métodos de compreensão, pouco recaem sobre “verdades sagradas”, mas sim sobre questões de cunho moral e filosófico, caros à religião cristã, mas não exclusividade teórica desta. Essa postura se reflete também por conta do título da obra, já que a exposição dos conteúdos de Virgílio se dará *secundum philosophos moralis*, ou seja, segundo a filosofia moral e os autores que sustentam essas ideias.

²⁰⁰ Fulg., *myth.* 1 praef. p. 11: *Certos itaque nos rerum praestolamur effectus, quo sepulto mendacis Graeciae fabuloso commento quid mysticum in his sapere debeat cerebrum agnoscamus.*

²⁰¹ Vd. Hays, 1996, p. 115: “strong allegory”.

É importante notar, como diz Amsler (1976, p. 89), que para Fulgêncio a língua grega funciona como uma espécie de ponte entre a sabedoria moral e a língua latina, sendo isso o núcleo do projeto interpretativo do autor africano, utilizado nas *Mythologiae*, na *Continentiae* e na *Sermonum*.²⁰² Para ele, ambas as línguas representam a mesma realidade conceitual, e a interpretação etimológica procura localizar os conceitos primevos, quicá inconscientes, das línguas, sendo o grego privilegiado apenas por anteceder o latim (AMSLER, 1976, p. 88).

Essa prática, por sua vez, não possui rígidos critérios metodológicos, sobretudo se compararmos aos atuais. Uma vez que Fulgêncio não consegue extrair sentido de um nome, ainda assim, se o mito mantiver relações com sua interpretação, segue-se adiante. É o caso da fábula de Dionísio nas *Mythologiae*:

São quatro as fases da embriaguez, isto é, a primeira é a bebedeira, a segunda é o esquecimento das coisas, a terceira é a libido, a quarta é a loucura; daí também as quatro Bacantes receberem seus nomes: são chamadas Bacantes como 'as que se enfurecem por conta do vinho'; a primeira é Ino – de fato vinho em grego dizemos *inos* –; a segunda é Autônoe, por assim dizer *autenunoe*, isto é, 'aquela que não conhece a si própria'; a terceira é Sêmele, por assim dizer *somalion*, que nós em latim dizemos 'corpo desenfreado', donde também se diz que ela própria gerou o Pai Líber, isto é, a embriaguez nascida da libido; a quarta, Agave, que é comparada à loucura por este motivo: porque, arrebatada, arrancou a cabeça do filho.²⁰³

Mesmo não encontrando correspondência para Agave, uma das bacantes, ele prossegue com a explicação, já que o mito, em sua extensão, convém ao que ele pretende dizer. A interpretação etimológica, portanto, não sustenta *per se* à leitura feita por Fulgêncio, mas é antes uma ferramenta para a investigar o mito, esse sim foco de seu projeto.

²⁰² Fulg, *serm. ant.* 16: *sed ne quid te Grecum turbet exemplum, ego pro hoc tibi Latinum feram* ("mas para que não te perturbe algum exemplo grego, em virtude disto eu próprio para ti apresentarei o latino"). Tradução de Shirlei Almeida (NEVES, 2018).

²⁰³ Fulg, *myth.* II, 12, p. 52: *Quattuor sunt ebrietatis genera, id est prima uinolentia, secunda rerum obliuio, tertia libido, quarta insania; unde et nomina haec quattuor Baccae acceperunt: Baccae dictae sunt quasi uino baccantes, prima Ino – inos enim Grece uinum dicimus –, secunda Autonoe quasi autenunoe, id est se ipsam non cognoscens, tertia Semele quasi somalion quod nos Latine corpus solutum dicimus, unde et ipsa genuisse Liberum patrem dicitur, id est de libidine nata ebrietas, quarta Agaue quae ideo insaniae comparatur, quod caput filii uiolenta absciderit.*

Ainda segundo Amsler (1976, p. 91), a tarefa de interpretar torna-se um teste para as habilidades de interpretação do leitor, o que o próprio Fulgêncio sugere ao seu interlocutor das *Mythologiae*:

Se antes desconheceras estas coisas, tens aqui a arena de meu esforço, onde pratiques a habilidade de teu talento.²⁰⁴

É nessa “tarefa” da qual ele fala, na qual os esforços intelectuais serão testados, que repousa o convite à leitura feito ao seu interlocutor. Valero Moreno sugere, como uma chave de leitura para o texto fulgenciano, tratar-se de um jogo erudito: tanto o autor quanto seu interlocutor têm noção dos excessos interpretativos alegóricos e etimológicos de seu tempo, seja de caráter pagão ou cristão, e acabam por brincar com as múltiplas possibilidades que o texto virgiliano oferece quando abordados sob essa perspectiva (MORENO, 2005, p. 150).

3.3.2 A língua de Fulgêncio

Devido à época em que escreve e às suas características linguísticas, o latim de Fulgêncio se insere no que chamamos de latim tardio ou medieval. Ele mesmo chama atenção para sua eloquência ao referir, na *De aetatibus*, sobre seu *copiosum dictionis enormeque fluentum*, isto é, uma vasta e abundante torrente de eloquência (MANCA, 2003b, p. 94). Algumas peculiaridades chamam muita atenção aos seus usos da língua. Vejamos, na *Continentiae*, alguns desses usos que mais chamam atenção dos linguistas nos níveis morfológico e sintático:²⁰⁵

- Ablativos de comparação em -i no lugar de -e (*leuiori fasciculo; altiori scientia*);
- Mudanças nas conjugações verbais (*exercit* no lugar de *exercet*; *fugiret* no lugar de *fugeret*; *desisset* no lugar de *desineret*);

²⁰⁴ Fulg, *myth.* II, praef, p. 35: *Si haec ante nescieras, habes arenam nostri studii ubi tui exerceas palestram ingenii.*

²⁰⁵ Para mais explicações sobre questões linguísticas de Fulgêncio, do nível morfossintático ao lexical, vd. Hays (1996, 2003), Rosa (1996) e Wolff (2009).

- Preposições *sine* e *sub* com acusativo (já documentado em textos como Coríntios I, 9, 13);
- Neutros singulares no lugar de masculinos singulares (*talem exordium; omnem temptamentum*) e femininos singulares no lugar de neutros plurais (*bucolicam georgicamque*);
- Simplificação das construções comparativas, com omissões de *tam*, *magis* ou *potius*;
- Substituição de *cum* por *dum*, *quatenus* por *quia*, *pro* por *propter*;

É no léxico, porém, que Fulgêncio mais faz valer a atribuição de extravagante. Ele nunca opta por uma palavra curta, concreta, quando há uma mais longa, abstrata – e preferencialmente grega – que ele possa substituir. Seu vocabulário peculiar é uma amálgama de eloquência filosófica e de polêmica religiosa, contendo referências diretas a Plauto, Petrônio, Apuleio e Marciano Capella, mas também a Tertuliano, Orósio, Lactâncio (HAYS, 1996, p. 51). Ademais, detecta-se um número significativo de *hapax*, palavras cuja existência não se detecta em quaisquer outros textos ou autores, antes ou depois. Vejamos algumas:

- *hapax* (*caiatio, crassedo, erudibilis, expromptare, favilescere, figuralitas, magistrarianus, mensualis, prouectibilis, resopio, sprebilis, uocitatio*)
- greicismos (*apotelesmatice, arcaicus, authenta, eufemesis, efemericus*);
- arcaismos (*antilogium, crementum, oculatus, pedagogantis*)
- cristianismos (*caenositas, delusio, deiectio* e os antônimos *elatio e inflatio, dulcoratus, faeculentia, indigestio, lucidare, lucidare, perditio, uisibilitas*)
- formas raras e inusitadas (*blandiloquium, coactrix, caligare, dulciscas, glabro, fragumen, acerbitas, saturanter, tempestiuus, tractatus*)

As críticas ao seu estilo baseiam-se sobretudo nas suas escolhas linguísticas. Fulgêncio, no entanto, parece apropriar-se da linguagem com perspicácia e utilizá-la conforme seus próprios desígnios, estabelecendo um

desafio para com seu leitor, e, de acordo com Hays, propositalmente introduzindo humor (HAYS, 1996, p. 92).

À parte seu estilo “barroco”, nem Dante, nem Bocaccio, nem Petrarca teriam escrito como fizeram, não fosse por uma longa e rica tradição em que se inserem, na qual também se insere Fulgêncio, por menor que seja sua contribuição. O autor da *Divina Comédia* tomou dele o recurso de dialogar com o próprio Virgílio, assim como seus comentadores posteriores. Bocaccio, autoridade na poesia de Dante, remete as escolhas do poeta florentino a Fulgêncio, no que tange a invocação às musas e a representação de Virgílio como aquele que, através da poesia, demonstrou as paixões que atormentam os homens e o caminho da sabedoria (WHITBREAD, 1971, p. 114). Apesar de suas excentricidades, Fulgêncio e sua bibliografia são mais que testemunhos históricos, pois possuem valor estilístico e literário, além de participarem da tradição que difundiu e popularizou um dos textos mais caros à cultura ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a traduzir para a língua portuguesa a *Expositio Virgilianae Continentiae*, e podemos dizer que tivemos sucesso na empreitada. No entanto, seria um engano pensar que os trabalhos cessam por aqui. Essa dissertação torna-se um contributo a um projeto maior, que tem por objetivo debruçar-se sobre a Antiguidade tardia, seus autores e sua literatura.

Primeiramente, traçamos os caminhos que levaram à escrita do texto que traduzimos, como ele se insere na sua tradição literária e como ele é fruto das condições sócio-históricas e culturais de seu próprio tempo. Em seguida, fizemos uma pequena explanação sobre como seu autor traçou a jornada de Enéias e de que modo ele a traduziu para as novas circunstâncias pelos quais a Europa atravessava.

Discutimos, também, sobre a questão histórica que levou nosso autor, Fulgêncio, o Mitógrafo, a ser continuamente confundido com seu homônimo, o bispo Fulgêncio de Ruspe, e que elementos contribuíram para que comentadores posteriores mantivessem a noção de um único autor.

Por fazer parte de uma tradição que remonta à Antiguidade clássica e sobrevive com sucesso, também trouxemos a posição dos autores e tradutores posteriores a Fulgêncio que foram responsáveis por introduzi-lo nessa corrente, elegendo-o como um predecessor, e de que forma seu texto contribuiu no entendimento que temos sobre Virgílio e sua *Eneida*.

Por mais que o projeto, o grupo de pesquisadores que o compõem, os estudiosos na área, alunos e curiosos tenham agora acesso ao texto em português da *Exposição dos conteúdos de Virgílio*, no que diz respeito ao processo tradutório, essa é apenas uma etapa. O fim de uma tradução significa, sim, a culminância de um trabalho, como é o dessa dissertação, que obedece a critérios normativos e burocráticos. Contudo, o fim dessa etapa mostra-se mais um convite aos colegas para que continuem com a tarefa da tradução, lendo, questionando, criticando, enfim, movimentando o circuito.

Essa tradução, assim como todas as outras, é baseada em escolhas por parte do tradutor, as quais compartilho aqui no intuito de estabelecer um diálogo com nossos leitores, quer especialistas, quer curiosos. Virgílio foi de fato um grande autor, e sua obra é o maior legado de sua sabedoria. Enquanto a tradução feita por Fulgêncio, por um lado, evidencia o respeito e a devoção que os antigos tinham pelo poeta, por outro, ela é apenas uma fração do que Virgílio, a *Eneida* e a Antiguidade representaram para um indivíduo, situado em um contexto histórico específico, assim como a nossa própria tradução.

Nosso texto foi produzido a partir da edição crítica de Rudolph Helm (1898), e contou com o auxílio de todas as outras traduções modernas à *Continentiae* e aos outros trabalhos de Fulgêncio. Nossa tradução optou por estabelecer uma paragrafação que se aproximasse das normas textuais modernas, estabelecendo, com isso, algumas pausas que não estão presentes na edição crítica e procurando realçar a separação entre os turnos de fala e a continuidade do discurso dos personagens.

As dificuldades provenientes de sua língua e de seu estilo foram consideráveis, mas lembramos que o latim em que se escrevia já não era seu idioma nativo, embora tenha sido nessa língua a qual ele decidiu realizar sua tradução e dividir com seus leitores suas interpretações acerca do mundo antigo. Aliado a isso, pelo caráter didático e explanatório do seu texto, escolhemos manter alguns usos linguísticos, cujos outros tradutores sacrificam em prol de uma certa fluidez ao texto, o que também procuramos manter. Foi o caso de alguns conectores, como *uero* e *enim*, abundantes em sua escrita. Esses elementos, para alguns críticos, marcam a prolixidade típica à retórica da Antiguidade tardia. Para nós, no entanto, destacar esses elementos é, além da possibilidade do nosso leitor compreender as nuances do latim tardio, a hipótese de uma manifestação linguística do didatismo fulgenciano, em que o autor continuamente reforça sua interpretação e quer validar seus argumentos ao se dirigir aos estudantes.

Há outros fulgêncios que ainda não foram descobertos, assim como outros que não descobriremos. Importante é sabermos que nossa atividade, no presente,

assim como a de Fulgêncio, séculos atrás, não morre conosco, mas se assoma a uma série de perspectivas, moldando como os leitores futuros conceberão os personagens históricos que movimentam a história, a literatura e a cultura.

TEXTO DA
EDIÇÃO CRÍTICA

Fabii Planciadis Fulgentii v. c. Expositio Virgilianae continentiae secundum
philosophos morales

Expetebat quidem, Leuitarum sanctissime, nostri temporis qualitas grande silentium, ut non solum mens expromptare desisset quod didicit, quantum etiam obliuionem sui efficere debuit quia uiuit; sed quia nouo caritatis dominatui fulcitur et in amoris praecepto contemptus numquam admittitur, ob hanc rem Virgilianae continentiae secreta phisica tetigi uitans illa quae plus periculi possent praerogare quam laudis. Vae inquam nobis, aput quos et nosse aliquid periculum est et habere. Ob quam rem bucolicam georgicamque omisimus, in quibus tam misticae interstinctae sunt rationes, quo nullius pene artis in isdem libris interna Virgilius praeterierit uiscera. Denique in prima egloga, secunda et tertia phisice trium uitarum reddidit continentiam; in quarta uaticinii artem adsumpsit; in quinta pontificalia designauit; in sexta artem musicam cum suis perfectissimis posuit numeris, in parte uero eiusdem eglogae physiologiam secundum Stoicos exposuit; septima botanica dinamin tetigit; octaua apotelesmaticen²⁰⁶ musicorum et magicam designauit, in parte uero extrema tetigit eufemesin, quam etiam in nona egloga prosecutus est, in octaua quidem ubi dicit:

'Aspice, corripuit tremulis altaria flammis
sponte sua, dum ferre moror, cinis ipse. Bonum sit.
Nescio quid certum est et Hylas in limine latrat',

in nona uero egloga ubi dicit: 'de caelo tactas memini praedicere quercus', [et] iterum: 'lupi Moerim uidere priores'. Primus uero georgicorum est omnis astrologus et in parte postrema eufemeticus, secundus phisiognomicus et

²⁰⁶ O dicionário Gaffiot (1934) registra a forma *apotelesmatice* como astrologia, derivado de *apotelesma*, a influência dos astros sobre o destino humano, e seu uso se restringe ao feito por Fulgêncio na *Verg. cont* e em *myth* 3, 10, na fábula sobre Orfeu e Eurídice [...] *in musicis prima musica, secunda apotelesmatice* ("[...] nas artes musicais, primeiro a música em si, depois a sua parte astrológica.").

medicinalis, tertius omnis aruspicinam continet, quam quidem et in sexto tetigit, dum dicit:

'Et summas carpens media inter cornua setas
ignibus inponit sacris libamina prima';

quartus uero ad plenissimam rationem est musicus cum sua apotelesmatice in fine carminis dicta. Ergo doctrinam mediocritatem temporis excedentem omisimus, ne, dum quis laudem quaerit nominis, fragumen repperiat capitis. Esto ergo contentus, mi domine, leuiori fasciculo quem tibi Hesperidum florulentis decerpsimus hortulis; aurea enim mala si expetis, esto Euristeus alio fortiori, qui ut Alcides suam pro nihilo reputet uitam. Poteris enim ex his tacite multa colligere quae ad instrumentum tui proficiant desiderii. Ego uero Chrisippi ellebori rancidulo acrore postposito cum Mysis aliquid blandius fabulabor.

Vos, Eliconiades, neque enim mihi sola uocanda est
Calliope, conferte gradum,²⁰⁷ date praemia menti.
Maius opus moueo;²⁰⁸ nec enim mihi sufficit una.
Currite, Pierides, uos enim mea <maxima cura,>²⁰⁹
Parrasias niueo compellite pectine cordas.

²⁰⁷ Também empregada no prólogo das *Mythologiae* (1 praef. p. 7) em um contexto poético semelhante, de invocação às musas, a sequência em questão remonta à *Eneida* (Virg, *Aen*, 6, 486-8), na passagem em que Enéias encontra antigos companheiros no Hades, e eles o circundam, perguntando-o sobre o que ele viera fazer: *Circumstant animae dextra laeuaque frequentes, nec uidisse semel statis est; iuvat usque morari et conferre gradum et veniendi discere* ("Ao redor dele as almas se apinham; De vê-lo uma só vez não se contentam; Desejam demorar-se, acompanhá-lo e da vinda os motivos perguntar-lhe"; todas as traduções da *Eneida* são de José Victorino Barreto Feio).

²⁰⁸ Virg, *Aen*, 7, 45. Carlos Alberto Nunes, em sua tradução, assim define a *maior empresa*: "a gesta guerreira, como na *Iliada* e na segunda metade da *Eneida*, é tida por mais elevada que as errâncias da *Odisseia* e da primeira metade da *Eneida*" (p. 449, n. 10). Diferente da invocação tradicional, em que o poeta solicita às musas as condições para narrar uma história, a "maior empresa" que Fulgêncio pretende é a de dar prosseguimento ao seu projeto, iniciado nas *Mythologiae* e tendo continuidade na *Continentiae*.

²⁰⁹ Virg, *Aen*, 1, 678. Segundo Wolff (2009, p. 168), essa seria uma introdução feita a um manuscrito tardio de Virgílio.

Haec tam parua precatio credo quod Virgilianis satisfecerit Musis. Cede mihi nunc personam Mantuani uatis, quo fugituos eius in lucem deducamus amfractus. Nam ecce ad me etiam ipse Ascrei fontis bractamento²¹⁰ saturior aduenit, quales uatum imagines esse solent, dum adsumptis ad opus conficiendum tabulis stupida fronte arcanum quiddam latranti intrinsecus tractatu submurmurant. Cui ego: Seponas quaeso caperatos optutus, Ausonum uatum clarissime, rancidamque altioris salsuram ingenii iocundioris quolibet mellis sapore dulciscas: nam non illa in tuis operibus quaerimus, in quibus aut Pitagoras modulos aut Eraclitus ignes aut Plato ideas aut Hermes astra aut Crisippus numeros aut endelecias Aristoteles inuersat, nec illa quae aut Dardanus²¹¹ in dinamemis aut Battiades in paredris aut Campester in catabolicis infernalibusque cecinerunt, sed tantum illa quaerimus leuia, quae mensualibus stipendiis grammatici distrahunt puerilibus auscultatibus. Tum ille contracto rugis multiplicibus supercilio: 'Putabam, inquit, uel te homuncule creperum aliquid desipere, in cuius cordis uecturam meas onerosiores exposuissem sarcinulas, at tu telluris glabro solidior adipatum quidpiam ruptuas. Cui ego: Serua ista quaeso tuis Romanis, quibus haec nosse laudabile competit et inpune succedit; nobis uero erit maximum, si uel extremas tuas praestringere contingerit fimbrias. Ad haec ille: 'Quatenus, inquit, in his tibi discendis non adipata grassedo ingenii quam temporis formido periculosa reluctat, de nostro torrentis ingenii impetu breuiorem urnulam praelibabo, quae tibi crapulae plenitudine nausiam mouere non possit. Ergo uaciuas fac sedes tuarum aurium, quo mea commigrare possint eloquia'. Itaque compositus in dicendi modum erectis in iotam duobus digitis tertium pollicem comprimens ita uerbis exorsus est: 'In omnibus nostris opusculis fisici ordinis argumenta induximus, quo per duodena librorum uolumina plenior humanae uitae monstrassem statum. Denique ideo talem dicendi exordium sumpsimus: 'arma uirumque cano', in armis

²¹⁰ O dicionário Gaffiot (1934) indica *bractementum*, *hapax* empregado por Fulgêncio, como sinônimo de líquido ou bebida que fornece inspiração poética.

²¹¹ Dárdano é tido como ancestral dos troianos, daí o topônimo. Também é considerado o inventor da magia. Cf Antônio Feliciano de Castilho. *Os Fastos*. Academia Real de Ciências, Lisboa, 1862. p. 333.

uirtutem, in uiro sapientiam demonstrantes; omnis enim perfectio in uirtute constat corporis et sapientia ingenii'. Ad haec ego: Si me tuae orationis adserta²¹² non fallunt, uates clarissime, ideo etiam diuina lex nostrum mundi redemptorem Christum uirtutem et sapientiam cecinit, quod perfectum hominis diuinitas adsumpsisse uideretur statum. Ad haec ille: 'Videris ipse quid te uera maiestas docuerit; nobis interim quid uisum sit edicamus. Et quamuis oportuerit secundum dialecticam disciplinam primum personam edicere sicque personae congruentia enarrare, quo prima poneretur substantia, deinde accidens substantiae, ut primum uirum, sic etiam arma edicere, uirtus enim in subiecto est corpore: sed quia laudis est adsumpta materia, ante meritum uiri quam ipsum uirum ediximus, quo sic ad personam ueniretur iam recognita meriti qualitate; solet quippe etiam in epistolis hoc ipsud communis obseruare loquacitas, quo primum 'domino merito', sic ponatur nominis uocitatio²¹³. Sed quo cognoscas me plenius laudis adsumpsisse materiam, uide quid in sequentibus dictum sit, et quod 'fato profugus' et 'ui superum', quo intenderemus fortunae fuisse culpam, non uirtutis debilitatem ut fugiret et deos quam sapientiam esse culpabiles ut pericula sustentaret, illam nihilominus Platonis antiquam firmantes sententiam, ubi ait: *nous anthropinos theos outos ean agathos, theos eu er<gakso>menos*, id est: sensus hominis deus est; is si bonus est, deus est propitius; nam et Carneades in libro Telesiaco ita ait: *pasa tuche aisthesin fronimois chatoichei*, id est: omnis fortuna in sensu habitat sapientis. Nam identidem ideo uirtutem primum dici uoluimus et sic sapientiam, quod quamuis sapientia uirtutem regat, tamen in uirtute animae sapientia floret. Defectus enim uirtutis egritudo est sapientiae hoc uidelicet pacto, quia quidquid sapientiae consultatio agendum inuenerit, si ad subrogandum posse uirtus deficiat, curtata in suis effectibus sapientiae plenitudo torpescit. Nam ut ab armis inciperem, – sciui enim quod uiri uocabulum significatio sexus sit, non honoris; si uiri primum nomen ponerem: multi uiri sunt, non tamen omnes laudandi; ergo uirtutem primum posui, pro qua uirum

²¹² O dicionário Forcellini (FURLANETTO, 1842) registra *assertum* como empregado por Marciano Capella.

²¹³ O dicionário Forcellini (FURLANETTO, 1842) registra *vocitatio* como um *hapax* proveniente de *vocitare*.

laudandum adsumpsi Homerum uidelicet secutus qui ait: *Menin aeide thea peleiadeo Achileos*, ante iracundiam uiri quam ipsum uirum significans. Nam et ipse sub figura Mineruae uirtutem monstrans dicit uerticem Acilli detentum'. Cui ego: Nec in hoc iusta te fefellit oratio: diuina enim sapientia uestris supereminetior sensibus tale sumpsit principium dicens: *Beatus, inquit, uir qui non abiit in consilio impiorum*'. Denique ut bonae uitae perfectissimus institutor profeta prouocans ad bene uiuendi certamen ante praemium beatitudinis quam sudorem certaminis posuit. Tum ille: *Gaudeo, inquit, mi omuncule, his subrogatis sententiis, quia etsi non nobis de consultatione bonae uitae ueritas obtigit, tamen ceca quadam felicitate etiam stultis mentibus suas scintillas sparsit*. Ergo ut dicere coeperamus, uirtus substantia est, sapientia uero quae substantiam regit, sicut et Sallustius ait: *'nam nostra omnis uis in animo et corpore sita est*'. Nam ut tuis saturantius aliquid adhuc satisfaciamus ingeniis, trifarius in uita humana gradus est, primum habere, deinde regere quod habeas, tertium uero ornare quod regis. Ergo tres gradus istos in uno uersu nostro considera positos, id est: *'arma'*, *'uirum'* et *'primus'*: *'arma'*, id est uirtus, pertinet ad substantiam corporalem, *'uirum'*, id est sapientia, pertinet ad substantiam sensualem, *'primus'* uero, id est princeps, pertinet ad substantiam censualem, quo sit ordo huiusmodi: habere, regere, ornare. Ergo sub figuralitatem²¹⁴ historiae plenum hominis monstrauius statum, ut sit prima natura, secunda doctrina, tertia felicitas. Hos ergo gradus uiuaciter intueri: quo sit ut supra diximus prima uirtus animi naturaliter data quae proficiat – neque enim eruditur nisi quod erudibile nascitur –, secunda doctrina quae naturam ornat cum proficit, ut est aurum; est enim natura in auro productionis et decoris, sed ad perfectionem malleo proficit excudentis. Ita et ingenium natum est prouectibile; proficit quia natum fuit; accedit felicitas ut prode sit quod proficit. Ergo et infantibus quibus haec nostra materia traditur isti sunt ordines consequendi, quia omne honestum docibile nascitur, eruditur ne naturae uacet commoditas, ornatur etiam ne donum doctrinae inane sit; unde et Plato trifarium humanae uitae instruens ordinem ait: *'Omne bonum aut nascitur aut eruditur aut cogitur'*; nascitur quidem ex natura,

²¹⁴ O dicionário Forcellini (FURLANETTO, 1842) registra *figuralitas* como *hapax*.

eruditur ex doctrina, cogitur ex utilitate. Omisso ergo antilogii circuitu coepti operis adgrediamur exordium. Sed ut sciam me non arcaicis²¹⁵ expromtare fabulam auribus, primi nostri libri continentiam narra; tunc demum haec tibi, si uisum fuerit, reserabimus'. Cui ego: Si me scolarum praeteritarum non fallit memoria, primum Iuno Eolum petit, quo naufragium Troianis inportet. Dehinc cum septem nauibus euadit. Libico in litore accipitur. Matrem uidit nec agnoscit. Nube caua cum Acate contegitur. Dehinc picturis animum aduocat. Posthaec cena acceptus citharae sono mulcetur. Habes breuiter decursam primi libri continentiam. Quid de his senseris, audire desidero. Tum ille: 'Naufragium posuimus in modum periculosae natiuitatis, in qua et maternum est pariendi dispendium uel infantum nascendi periculum. In qua necessitate uniuersaliter humanum uoluitur genus. Nam ut euidentius hoc intellegas, a Iunone, quae dea partus est, hoc naufragium generatur. Nam et Eolum inmittit; Eolus enim Grece quasi eonolus, id est saeculi interitus; unde et Homerus ait: OULOMENEMETA MURIA ACHAIOS ALGE EDOCHEN. Nam uide quid etiam ipso Eolo promittatur. Deiopea in coniugium; demos enim Grece puplicum dicitur, iopa uero oculi uel uisio; ergo nascentibus in mundo seculare est periculum; cui quidem perfectionis puplica a dea partus promittitur uisio. Nam et cum septem nauibus euadit, quo ostendatur septenum arithmeticum numerum armonicum esse partui. Cuius formulam, si uidetur, breuiter explanabo'. Cui ego: 'Saturanter haec [inquam] in libro fisiologo quem nuper edidimus de medicinalibus causis et de septenario et de nouenario numero omnem arithmeticae artis digessimus rationem eritque perissologiae nota si, quae in uno libro descripsimus, etiam aliis inseramus. Ergo qui ista discere cupit, nostrum fisiologicum perlegat librum. Nunc uero a te quae restant expeto.' Tum ille: 'Vt dicere coeperam, mox ut terram tangit, matrem uidet nec agnoscit, plenam designantes infantiam quia a partu recentibus matrem uidere datur, non tamen statim cognoscere meritum contribuitur. Dehinc nube conseptus socios cognoscit, adloqui non potest; uide

²¹⁵ O termo *arcaicis* também é empregado no nas *Mythologiae*, com o sentido de grosseiro ou rude, primeiro no prólogo (*myth*, 1 praef, 15, 13) e em seguida no livro 3 (*myth* 3, 73, 18). Há a ocorrência de *asininis auribus* ("com orelhas de burro"). Em três manuscritos o termo *arcaicis* foi grafado sobrescrito como *asininis*.

quam euidens crepundiorum mos, dum adest inspiciendi potestas et deest loquendi facultas. Huic quoque Acaten ab initio coniungimus et post naufragium armigerum et in nube aequae conclusum; Acates enim Grece quasi aconetos, id est tristitiae consuetudo ab infantia enim erumnis coniuncta est humana natura, sicut Euripides in tragoedia Figeniae ait: OUCH ESTIN OUDEN DEINON OD' EIPEIN EPOS OUDE PATHOS OUDE SUMFORA THEELATOS ES OUCH AN ARAIT ACHTHOS ANTHROPON FUSIS, id est: non est aliquid pessimum neque accedentia extrema quod non pertulerit natura humana. Arma uero tristitiae non sunt nisi lacrimae, quibus se ipsa et uindicat et commendat infantia; denique uix nobis quino mense ridere permittitur, dum lacrimae in ipsa uitae ianua profluant. At uero animum pictura inani quod pascit, certum puerile studium refert; infantia enim uidere nouit, sentire uero quid uideat nescit, sicut in picturis est uisibilitas, deest sensibilitas. Dehinc ad epulas accipitur et citharae sono mulcetur; paruulorum quippe mos est nihil amplius quaerere quam delectari sono et saturari cibo. Nam denique nomen eiusdem citharedantis considera; Iopas enim Grece quasi *siopas* dictus est, id est taciturnitas puerilis. Infantia enim blandiloquiis semper nutricum (et) cantibus oblectatur; unde et crinitum eum posuimus uertici muliebri simillimum. Tunc etiam Cupidinem uidet; cupere enim ac desiderare aliquid semper accedit infantiae. Nam denique ideo et talem uersum in secundo libro post citharae sonum posuimus: 'temperet a lacrimis'. In secundo uero libro et tertio auocatur fabulis quibus puerilis consuetudo est auocari garrulitas. Nam in fine tertii libri Ciclopas uidet Achemenide monstrante; *acos* enim Grece tristitia dicitur, *ciclos* Grece circulus uocatur. Ergo pueritia, quoniam *pes* puer Grece dicitur, iam timore nutritorum feriata tristitiam cogitandi nescit et uaginam puerilem exercit. Ob hanc rem etiam Ciclops unum oculum in fronte habere dicitur, quia nec plenum nec rationalem uisum puerilis uagina portat et omnis aetas puerilis in superbia erigatur ut Ciclops. Ideo in capite oculum, quod nihil nisi superbum et uideat et sentiat. Quem sapientissimus Ulixes extinguit, id est: igne ingenii uana gloria cecatur. Ideo eum et Poliphemum diximus quasi *apolunta femem*, quod nos Latine perdentem famam dicimus. Ergo iuuentutis elationem et famae perditionem aetatis cecitas sequitur.

Nam ut ordo se euidenti manifestatione delucidet, tunc patrem sepelit. Adcrescens enim iuuenalis aetas paterni uigoris respuit pondera. Denique Drepanos portus sepelit – Drepanos enim quasi *drimipedos*, *drimos* enim acer dicitur, *pes* uero puer uocatur –, quod puerilis acerbitas paternam respuat disciplinam. Feriatus ergo animus a paterno iudicio in quarto libro et uenatu progreditur et amore torretur, et tempestate ac nubilo, uelut in mentis conturbatione, coactus adulterium perficit. In quo diu commoratus Mercurio instigante libidinis suae male praesumptum amorem relinquit; Mercurius enim deus ponitur ingenii; ergo ingenio instigante aetas deserit amoris confinia. Qui quidem amor contemptus emoritur et in cineres exustus emigrat; Dum enim de corde puerili auctoritate ingenii <libido>²¹⁶ expellitur, sepulta in obliuionis cinere fauillescit. In quinto uero paternae memoriae contemplatione adtractus ludis iuuenalibus exercetur. Et quidnam aliud est nisi ut iam prudentior aetas paternae memoriae exempla secuta liberalibus corpus exerceat causis. Nam uide quia et pugillationem exercent, id est: uirtutis artem Entellus et Dares peragunt; *entellin* enim Grece imperare dicimus, *derin* cedere; quod et magistri in disciplinis faciunt. Tunc etiam et naues ardescunt, id est instrumenta periculosa, quibus aetas tempestiuis iactationum cursibus flagitatur et uelut procellis periculorum cottidie quatitur. Igne ingenii superexcellente haec omnia consumuntur et scientia astutiae coalescente in fauillam obliuionis sopita commigrant. Sed hoc incendium Beroe efficit quasi ueritatis ordo. Ad uero in sexto ad templum Apollinis adueniens ad inferos descendit; Apollinem deum studii dicimus, ideo et Musis additum; ergo postposito lubricae aetatis naufragio et Palinuro omisso, Palinurus enim quasi planonorus, id est errabunda uisio, unde et in quarto libro de aspectu libidinis ita posuimus: 'totumque pererrat luminibus tacitis', nam et in bucolica: 'errabunda bouis uestigia', ergo omissis his rebus ad templum Apollinis, id est ad doctrinam studii, peruenitur; ibique de futurae uitae consultatur ordinibus et ad inferos discensus inquiritur, id est: dum quis futura considerat, tunc sapientiae obscura secretaque misteria penetrat. Sepeliat ante et

²¹⁶ Helm (1899, *Virg. cont.* p. 94) insere *libido* na ausência de um sujeito para *expellitur*, mesmo sendo possível que o termo ao qual se refere o verso seja *amor contemptus*, na oração anterior.

Misenum necesse est; misio enim Grece obruo²¹⁷ dicitur, enos uero laus uocatur. Ergo nisi uanae laudis pompam obrueris, numquam secreta sapientiae penetrabis; uanae enim laudis appetitus numquam ueritatem inquirat, sed falsa in se adulanter ingesta uelut propria reputat. Denique etiam cum Tritone bucino atque conca certatur. Vides enim quam fixa proprietas; uanae enim laudis tumor uentosa uoce turgescit, quem quidem Triton interimit quasi tetrimmenon quod nos Latine contritum dicimus; omnis ergo contritio omnem uanam laudem extinguit. Ideo et Tritona dicta est dea sapientiae; omnis enim contritio sapientem facit'. Cui ego: Certior ego hanc tuam comprobo doctor sententiam; nam et nostra salutaris diuinaque praeceptio cor contritum et humiliatum Deum non dispicere praedicat. Quae uere certa manifesta est sapientia. Ad haec ille: 'Vt certius tibi planiusque liquescat quod dictum est, Carineum posuimus eius corpus igne cremasse; carin enim Grece gratiam dicimus, eon uero seculum nuncupamus. Gratia ergo saecularis uanae gloriae necesse est sepeliat cineres. Sed tamen non antea discitur cognitio secretorum, nisi quis ramum decerpserit aureum, id est doctrinae atque litterarum discatur studium. Ramum enim aureum pro scientia posuimus memores quia et mater mea ramum se somniat genuisse et Apollo cum ramo depingitur; Nam ideo et ramus dictus est *apo tes rapsodias*, id est a scriptura, sicut Dionisius in Grecis articulationibus memorat. At uero aureum quod diximus, claritatem facundiae designare uoluimus memores Platonis sententiam, cuius hereditatem Diogenes Cincus inuadens nihil ibi plus (nisi) auream linguam inuenit, ut Tiberianus in libro de (deo) Socratis memorat. Nam et nos in bucolicis ideo mala aurea decem posuimus, scilicet decem eglogarum politam facundiam; nam et Hercules aurea mala de horto Hesperidum tollit; quattuor enim Esperides dictae sunt, id est Egle, Esper, Medusa et Aretusa, quas nos Latine studium, intellectus, memoria et facundia dicimus, quod primum sit studere, secundum intellegere, tertium memorari quod intellegis, inde ornare dicendo quod terminas. Hinc ergo ornatum aureum studii uirtus rapit'. Cui ego: "Verum, inquam, dicis, Maro doctissime; nuper enim me diuinae storae

²¹⁷ A edição de Helm traz *orreo* no corpo do texto, mas o aparato informa a existência, em outros manuscritos, do termo *obruo*. Utilizamos a lição do aparato em virtude de, logo abaixo, o texto trazer verbo *obrueris*.

memoria tetigit, quae ait ex anathemate subreptam esse linguam auream et dextraria pura, nihilominus ex gentili facundia fugatum eloquium. Attamen ergo quae restant eloquere. Tunc ille: 'Ergo ut antea diximus ramum aureum, id est doctrinam adeptus inferos ingreditur et secreta scientiae perscrutatur. Sed in uestibulo inferorum luctus, morbos, bella, discordiam, senectutem atque egestatem uidet. Quando ergo omnia in animo aut corde uiri considerantur nisi percepto doctrinae studio et altiori scientia penetrata caligine; tunc enim agnoscitur et inertis somnii uentosa delusio et senectutis propinquior ad mortem uicinia et bellum, auaritiae seminarium, et morbus, indigestionis et inmodestiae soboles, et scandala, ebrietatis germina, et famem, pigritiae et torporis uernaculam. Ergo descendit ad inferos atque illic et poenas malorum et bonorum retributiones et amantum considerans tristes errores oculatus inspicit testis. Denique nauta Carone deportante transit Acherontem. Ideo et hic fluuius uelut aestus habet ebullientes iuuenilium actuum; ideo et cenosus, quia non habent iuuenes digesta liquidaque consilia; Acheron enim Grece sine tempus dicitur, Caron uero quasi ceron, id est tempus, unde et Polidegmonis filius dicitur; Polidegmon enim Grece multae scientiae dicitur. Ergo dum ad tempus multae scientiae quis peruenerit, in temporales gurgitum cenositates morumque feculentias transit. Deinde Tricerberum mellitis resopit offulis; Tricerberi enim fabulam iam superius exposuimus in modum iurgii forensisque litigii positam; unde et Petronius in Euscion ait: 'Cerberus forensis erat causidicus'. Ergo tunc iurgii calomniam discitur et uenalis lingua in alienis negotiis exercetur, dum studii doctrina proficerit, sicut in aduocatis nunc usque conspicitur. Sed melle sapientiae scandali dulcoratus respiciet rancor. Deinde in secretis considerationibus admissus uirorum fortium contemplatur imagines, id est uirtutis insignia monumentaque considerat. Ibi etiam et Deiphobi inspicit poenam; Deiphobus enim Grece aut quasi dimofobus aut uelut demofobus, id est aut terroris timor aut publicus timor. Ergo qualislibet timor sit, iuste amputatis et manibus et oculis et auribus pingitur, illa uidelicet ratione quod omnis timor nec quod uideat sentit nec quod audiat scit nec quod gerat sine manibus nouit. Denique et in somnis occiditur a Menelao; Grece enim Menelaus quasi menelau,

id est uirtus populi; quae quidem uirtus omnem timorem semper somno deditum interficit. Illic etiam et Dido uidetur quasi amoris atque antiquae libidinis umbra iam uacua. Contemplando enim sapientiam libido iam contemptu emortua lacrimabiliter penitendo ad memoriam reuocatur. At uero dum ad locum illum uenitur, ubi dicimus:

'Porta aduersa ingens solidoque adamante colomnae,
uis ut nulla uirum, non ipsi excindere ferro
caelicolae ualeant, stat ferrea turris ad auras',

Cui etiam turri ideo adamantinas colomnas addidimus, quia hoc genus lapidis indomabile est, sicut etiam in Greco absolues; uide quam euidenter superbiae atque tumoris imaginem designauimus. superbiam enim nec diuinus timor nec humana uirtus nec famae reuocat uerecundia; 'ferrea' uero 'turris ad auras' elatio erecta et incuruabilis dicitur. Sed elationem quis seruat nisi Tisifone, hoc est furibunda uox. At uero quod diximus: 'Quinquaginta atris inmanis hiatibus ydra seuior', illud nihilominus designauimus, quia deterior in superbiorum corde est tumoris inflatio quam in ore uentosa iactatio; nam illud quod diximus: 'Tartarus ipse bis patet in praeceps tantum', considera plenum superbiae meritum; poena enim superbiae deiectione est; quanto enim elatus contemnit, tanto sprebitatis²¹⁸ deiectione torquetur; ergo exaltatus quis in superbia duplum eliditur, unde et Porfirius in epigrammate ait:

'Auxilium fortuna tibi, res perfida, Quinte,
et tulit in fronte grande supercilium;
haut aliud credam, puteum puto te quoque, Quinte:
quanto altus magis es, tam mage despiceris.

Denique ibi etiam Gigantas uidet et Ixionem et Salmoneum, omnes superbiae poena damnatos, nec non et Tantalum; Tantalus enim Grece quasi teantelon, id

²¹⁸ O dicionário Forcellini (FURLANETTO, 1842) registra *sprebitas* como um *hapax*.

est uisionem uolens; omnis enim auaritia ieiuna fruendi usu solae uisionis imagine pascitur. Sed his locis iudex Radamantus Gnosius ponitur; Radamantum enim Grece quasi tarematadamonta, id est uerbum domantem, gnoso enim sentire dicitur: ergo qui uerborum impetum dominari scit, hic superbiae et damnator est et contemptor. Denique Aeneas²¹⁹ hoc strepitu terretur, uir enim pius superbiae uoces et malorum poenas effugit ac pauescit. Deinde ramum aureum postibus deuotis infigit et ita Elisium ingreditur, quo clareat, dum perfectionem omisso iam labore discendi memoriae quae in cerebro est sicut in postibus perpetue infigenda. Elisium ingreditur campum, elisis enim Grece resolutio dicitur, id est feriatam uitam post magistrianum timorem. Sicut enim inferni Proserpina regina est, ita scientiae regina memoria est, quae in elisis proserpens dominatur perenniter mentibus. Huic ergo doctrinae aureum ramulum dedicatur; de qua memoria Cicero dicere solitus erat tesaurum scientiae. Sed in Elisiis campis primum Museum uidet, quasi Musarum donum, excelsiorem omnibus, qui ei etiam patrem ostendit Anchisen et Letheum fluuium, patrem scilicet ad tenendum grauitatis morem, Letheum uero ad obliuiscendam pueritiae leuitatem. Denique ipsum nomen Anchisae considera; Anchises enim Grece quasi ano scenon, id est patrium habitans; unus Deus enim pater, rex omnium, solus habitans in excelsis, qui quidem scientiae dono monstrante conspicitur. Nam et uide quid filium docet:

'Principio caelum ac terram camposque liquentes
lucentemque globum lunae Titaniaque astra'.

Vides ergo quia sicut Deum creatorem oportuit et de secretis naturae mysteriis docet et reduces iterum animas iterum de uita demonstrans et futura ostendit'. Ad haec ego: 'O uatum Latialis autenta²²⁰, itane tuum clarissimum ingenium tam

²¹⁹ Em toda a extensão do texto de Fulgêncio, essa é a primeira e única referência nominal a Enéias, o que permite uma interpretação da jornada do herói da *Eneida* sendo realizada por qualquer outro homem.

²²⁰ Trata-se de um termo grego, αθηνητης, raro na literatura latina em geral, ocorrendo também em outro texto fulgenciano (*aet. mund.* p. 163). Essa ocorrência na obra *De aetatibus* serve como indício para atestar ainda mais Fulgêncio como seu autor. Vd. Manca (2003, p. 184).

stultae defensionis fuscare debuisti caligine? Tune ille qui dudum in bucolicis mystice persecutus dixeras:

'Iam redit et uirgo, redeunt Saturnia regna;
iam noua progenies caelo promittitur alto',

nunc uero dormitanti ingenio Academicum quippiam stertens ais: 'Sublimes animas iterumque ad tarda reuerti corpora'. Numquidnam oportuerat te inter tanta dulcia poma mora etiam ponere tuaeque luculentae sapientiae funalia caligare? Ad haec ille subridens: 'Si, inquit, inter tantas Stoicas ueritates aliquid etiam Epicureum non desipissem, paganus non essem; nullo enim omnia uera nosse contingit nisi uobis, quibus sol ueritatis inluxit. Neque enim hoc pacto in tuis libris conductus narrator accessi, ut id quod sentire me oportuerat,²²¹ disputarem et non ea potius quae senseram lucidarem. Audi ergo quae restant. In septimo uero Caieta nutrice sepulta, id est magistriani timoris proiecta grauidine, unde et Caieta dicta est quasi coactrix aetatis; nam et aput antiquos caiatio dicebatur puerilis cedes; unde et Plautus in Cistolaria comedia ait: 'Quid tu amicam times ne te manuleo²²² caiiet?'; nam euidenter monstratur quia in modum disciplinae posita est, dum diximus: 'Aeternam moriens famam Caieta dedisti'; disciplina doctrinae quamuis studendo desciscat, aeternum tamen memoriae semen hereditat. Ergo pedagogantis suspicionem sepulta ad desideratam olim peruenitur Ausoniam, id est ad boni crementa, quo omnis sapientum uoluntas auida alacritate festinat, – Ausonia enim apo tu ausenin, id est cumento – siue etiam quod usque in hac aetate crementa sint corporum. Denique tunc et uxorem petit Lauiniam, id est laborum uiam; ab hac enim aetate unusqui(ui)s suis utilitatum emolumentis laborum asciscit suffragia; unde et filia Latini dicta est, nepus Cauni; Latinus enim quasi a latitando dictus, quod omnis labor diuersis in locis latitet, unde et Latona dicta est Luna quod nunc superna

²²¹ O dicionário Gaffiot (1934) aponta que o verbo *oportet* associado à conjunção *ut*, como é o caso, é uma construção típica da tardoantiguidade.

²²² O dicionário Forcellini (FURLANETTO, 1842) aponta que o uso de *manuleus* em Plauto é conhecido através desse fragmento em Fulgêncio.

celet, nunc inferiora, nunc uniformis latitet; Caunus uero id est quasi camnonus, id est laborans sensus. Nam et Maricam nimpham ducit quasi mericam, id est cogitationem; unde et Homerus ait: STETHESSIN LASIOISI DIANDICHA MERMERIKSEN. Deinde in octauo Euandri auxilium petit; Euandros enim Grece bonus uir dicitur. Ergo iam perfectio uirilium humanae bonitatis societatem inquit, a qua bonitatis uirtutes, id est Herculis gloriam, audit, quemadmodum Cacum occiderit, quod nos Latine malum dicimus. Deinde arma Vulcania, id est igniti sensus munimina aduersus omnem malitiae temptamentum induitur; Vulcanus enim quasi bulencauton, id est ardens consilium, dicimus. Ideo illic etiam omnes Romanorum depictae uirtutes sunt, quod in sapientiae consulto munimine felicitates omnes aut conueniunt aut praeuidentur; bene enim agere futurae bonitatis est seminarium; siue etiam is qui bene agit bona sibi fiducialiter reponit. Ergo sapientia et bona seminat et bona sperat. In nono uero ipsis armis adiutus contra Turnum pugnat; Turnus enim Grece quasi tuosnus dicitur, id est furibundus sensus; contra omnem enim furiam sapientiae atque ingenii arma reluctat; unde et Homerus ait: MACHES EKS(EGAGE THOURON AREA). Exhinc etiam Mezentium contemptorem deorum interficit; Deus enim omnia bona fieri et praestat et imperat, sed animus qui est in corpore medius contemnendo bona non complet reluctatque bonis inlesione sua. Cuius ausus ledentes quasi Lausum filium eius uir sapiens interimit; dehinc ipsum animum uincit. Nam quis amicus Turni esse dicitur? Nihilominus Messapus, quasi misonepos quod nos Latine orrens sermonem dicimus; unde et Euripides in tragoedia Figeniae ait: OUCH ESTIN(OU DEN DEINON OD EIPEINEPOS). Superans ergo Messapum uictor tunc demum trutanae aequa lance, morum grauitate, ponderatur ac disponitur. Deinde Iuturna bello discedere praecipitur, quae currum etiam fratris regebat; Iuturna enim in modum pernicii ponitur quod diurne permaneat. Ergo furibundae mentis pernicii soror est; currum uero eius quod regit et eum de morte protelat, certe, pernicii quod furorem diu producere nouit ne finiatur; nam primum aurigam Metiscum habuit; metiscos enim Grece est ebriosus, ut primum furiam animi ebrietas ducit, dehinc pernicii ad protelandum accedat. Ideo et ipsa immortalis dicitur, Turnus uero mortalis

dicitur; furor enim animi cito finitur, pernicies uero diuturna perseuerat. Ideo et currum eius circumagit, id est in longum tempus protelat; rotae enim in modum temporis ponuntur; unde et Fortuna rotamferre dicitur, id est temporis uolubilitatem. Finit. Vale, domine, et mei tribulos pectoris cautius lege.

Explicação dos conteúdos de Virgílio segundo os filósofos morais, do ilustre Fábio
Placíades Fulgêncio

“A condição de nosso tempo, santíssimo levita,²²³ certamente esperava um grande isolamento, quando a mente não apenas deixe de usar o aquilo que aprendeu e que existe, também porque ela deve esquecer-se dessas coisas.²²⁴ Mas, porque nosso tempo está baseado num novo regime²²⁵ de caridade e o desprezo nunca é admitido no preceito da compaixão, por essa causa, toquei nos mistérios naturais do conteúdo virgiliano, evitando que eles pudessem convidar a mais infortúnios que a elogios.²²⁶ Como disse, ‘ai de nós’, pois conhecer e julgar alguns desses segredos é perigoso. Por isso, omitimos as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, nas quais tão místicas doutrinas estão matizadas,²²⁷ posto que Virgílio, nestes livros, expôs os conhecimentos essenciais de quase toda arte.”

“Por conseguinte, na primeira, segunda e terceira éclogas, Virgílio explicou o conteúdo das três vidas,²²⁸ à maneira dos filósofos naturais. Na quarta, utilizou a arte do

²²³ O emprego de “levita” se refere, provavelmente, ao destinatário: Catus, padre de Cartago, a quem algumas cópias das *Mythologiae* estão endereçadas (WHITBREAD, 1971, p. 143).

²²⁴ Fulgêncio alega que o período em que ele escreve desfavorece o pensamento intelectual, como em *De aetatibus*, quando afirmou que “o lucro governa cada ação [e] a cobiça [...] e a ânsia de obter ganho corrompem a mente a cada dia como uma doença” (*aet. mund.* 1, p. 129) assim como enumerou, nas *Mythologiae*, os infortúnios a que ele estava submetido, como as perturbações e inquietações da vida urbana, o incessante aumento de impostos cobrados e investidas bárbaras (*myth* 1, p. 4). Essa seria, segundo Venuti (1999, p. 94), a parte de caráter histórico-narrativo dos seus prólogos, nos quais ele conta ao leitor os obstáculos que se interpõem entre ele e seu trabalho. Contudo, a própria Venuti faz ressalvas quanto a isso, apoiada em Hays (1996, p. 17-8), ao afirmarem que, mais que um testemunho do seu tempo, essas passagens representam também um modelo retórico formal, panegírico, empregado em situações similares, como a ascensão de um monarca, sem um vínculo obrigatório com a realidade. Tratar-se-ia, portanto, de uma fórmula, em que se dirige ao novo governante com o anseio de novos tempos.

²²⁵ A *caritas dominatui* representa, pois, uma das partes do modelo retórico de introdução, a solução para os problemas enfrentados devido ao *adventus* do novo monarca, quer seja Valentiniano I, Ilderico e Guntamundo, reis vândalos apontados como o *dominus* da questão fulgenciana. Por sua vez, Whitbread (1971, p. 143) chama atenção para uma referência ao espírito do novo testamento.

²²⁶ Embora Fulgêncio se baseie num modelo, primeiro listando suas dificuldades e, em seguida, exaltando o novo rei, ele cita mais de uma vez os perigos que o estudo da obra virgiliana podem acarretar a quem se deter sobre ela (*Virg. cont.* p. 83 e p. 86).

²²⁷ As doutrinas as quais Virgílio teria imiscuído às suas *Bucólicas* e *Geórgicas* foram apontadas por Fulgêncio na fábula sobre Orfeu e Eurídice. São elas a gramática, a retórica, a geometria, a astrologia, a medicina, a música e a aruspicina, a arte da adivinhação e profecia. Vd. *myth* 3, 10 para mais detalhes sobre as considerações feitas por Fulgêncio acerca dessas matérias.

²²⁸ As três vidas do esquema fulgenciano foram ilustradas em três etapas, em nas *Mythologiae* (2,1), na fábula sobre o julgamento de Páris, correspondendo à vida ativa, contemplativa e do desejo.

vaticínio. Na quinta, descreveu os assuntos pontificais.²²⁹ Na sexta, dispôs sobre a arte musical com suas mais polidas linhas, e, na verdade, em uma parte da mesma égloga, expôs as ciências naturais, de acordo como fazem os estoicistas. Na sétima, ele abordou as propriedades botânicas. Na oitava, comentou a música, sua feição astrológica, e a mágica, e no final desta, na verdade, falou dos augúrios, os quais também, na nona égloga, levou adiante, assim como na oitava, onde diz:

‘Vê, enquanto me demoro em recolhê-las, as cinzas trêmulas
apoderam-se dos altares por conta própria. Bom presságio!
Na verdade, ignoro o que seja decidido e Hilas ladra na soleira da porta.’²³⁰

“E na nona égloga, de verdade, onde diz: “lembro os carvalhos atingidos pela tempestade prevendo o infortúnio”,²³¹ e também “os lobos veem Méris primeiro.”²³²

“O primeiro livro das *Geórgicas* na verdade é todo sobre os astros e, na parte final, sobre augúrios. No segundo livro, fala-se da fisiologia e das questões medicinais. O terceiro livro inteiro abarca a arte divinatória, a qual decerto ele abordou no sexto livro,²³³ enquanto diz:

‘E retirando os fios longos entre os chifres,
lança uma primeira libação às chamas sagradas’.²³⁴

“O quarto livro na verdade é destinado, em todo o seu volume, à música com sua parte astrológica, dita no final do poema.”²³⁵

²²⁹ Virgílio é conhecido como especialista em assuntos pontificais, ou seja, relativos aos deuses. Sérvio (*ecl.* 5, 66) fazem referência a isso dizendo: *unde Vergilius, rationis huius peritus, per altaria supernum numen ostendit, per parem numerum infernam indicat potestatem* (“donde Virgílio, perito nesses assuntos, apresenta as divindades celestes nos altares, e indica o domínio dos infernos através de pares”).

²³⁰ Virg, *ecl.* 8, 105-7.

²³¹ Esse verso é de Virgílio, mas da égloga 1, 17, e não a 9. Fulgêncio, apelando à memória, referencia por engano o trecho, pois o verso não faz parte da nona égloga. O verso seguinte, contudo, está corretamente referido por ele.

²³² Virg, *ecl.* 9, 54.

²³³ Os versos utilizados por Fulgêncio não fazem parte das *Geórgicas*, que se divide em 4 livros, mas sim do sexto livro da *Eneida*.

²³⁴ Virg, *Aen.* 6, 245. Aqui, a Sibila de Cumas executa o ritual para Enéias descer aos infernos.

²³⁵ A *apotelesmatica*, a interpretação da influência dos astros na vida humana, diz respeito ao movimento das abelhas no livro 4 das *Geórgicas*, cujo movimento é passível de interpretação.

“Assim, deixo de lado a insignificante doutrina que se apresenta em nossa época,²³⁶ para que, enquanto alguém busca mérito, não fique em maus lençóis. Logo, ficarás contente, meu senhor, com o pequeno mimo o qual colhemos para ti do florescente jardim das Hespérides. E, se de fato procuras maçãs douradas, terás que ser um Euristeu para um outro mais forte, que arrisque sua vida como Hércules. Poderás de fato colher tranquilamente muitas maçãs, as quais sirvam para uso de teu desejo. Quanto a mim, na verdade, colocado em segundo lugar o rançoso amargor do heléboro²³⁷ de Crísipo,²³⁸ narrarei, com a ajuda das Musas, algo mais ameno:

‘Vós, heliconiades, de fato não apenas Calíope está sendo chamada,
Aproximem-se, deem préstimos à minha mente.
Empreendo uma obra mais difícil: uma de fato não basta.
Acorram, piérides, de fato minhas queridas,
E toquem as cordas arcádicas com o alvo plectro²³⁹.’²⁴⁰

“Creio que esta tão parva súplica teria satisfeito às musas virgilianas. Permita-me agora ter a presença do vate mantuano, com o qual conduziríamos à luz as sinuosidades fugidias dele. Pois eis que em direção a mim o próprio também se

²³⁶ Fulgêncio volta a falar das mazelas, da *mediocritas temporis* presente nas primeiras linhas do texto.

²³⁷ A aplicação de heléboro é reconhecido, na antiguidade, por tratar da demência e outros males da mente e do corpo. Nessa passagem, Fulgêncio menciona o heléboro e o associa a Crísipo, diferente do que fez nas *Mythologiae*, quando o associou a Carnéades (vd. *myth.* 1, praef. p. 15). O filósofo grego Carnéades de Cirene foi um escolarca, considerado o fundador da terceira, ou Nova Academia, de caráter ceticista, posterior à primeira e mais antiga fundação, a Academia de Platão, e à segunda, de Arcesilau. Estudou com o estóico Diógenes da Babilônia, que foi aluno de Crísipo, autor estóico que também influenciou a corrente cética (RUSSELL, 2016, p. 175). No *Satyricon*, Petrónio diz que [...] *Chrysippus, ut ad inuentionem sufficeret, ter elleboro animum deterisit* ([...] “Crísipo, para atizar seu engenho, purgou sua mente 3 vezes com eléboro.”) Também é dito que o herói Anticireu teria curado a loucura de Hércules com heléboro. Para evitar tal situação, Fulgêncio apela às musas.

²³⁸ A oposição estabelecida entre o doce e o amargo é uma constante na obra, refletido no vocabulário de Fulgêncio. Vd. Helm: 85, 18-19; 99, 5-6.

²³⁹ Aqui vê-se um eco do que Fulgêncio diz nas *Mythologiae*, no primeiro excerto poético, em que ocorre a invocação às Musas: *Parrhasia candicanti dente lyra concrepet* (“a lira da Arcádia ressoava com o branco marfim”), vd. Helm: 8, 2-3.

²⁴⁰ O prólogo da *Continentia*, assim como o das *Mythologiae*, é de caráter prosimétrico, combinando prosa e verso em sua estrutura. Essa é uma característica da sátira menipeia, um gênero de difícil classificação, conhecido por nós através de fragmentos e referências como a *Apocolocyntosis*, de Sêneca, o *Satyricon*, de Petrónio, *De nuptiis philologiae et Mercurii*, de Marciano Capella, e *Consolatio philosophiae*, de Boécio (VENUTI, 2009, p. 95).

aproxima, mais saciado do que se tivesse bebido da fonte ascreia²⁴¹, assim como costumam ser as figuras dos poetas, quando – arrogadas as tabuinhas para concluir a obra, com a fisionomia extasiada – murmuram baixinho algum mistério com a obra ladrando em seu interior.”

Disse-lhe: “Peço-te que ponha de lado o sobrolho franzido, ó mais honrado dos vates romanos, e que adoces a rançosa salmoura de teu mais elevado engenho com o sabor, qualquer que seja, do mais agradável mel. Certamente não procuramos em teus escritos aquilo em que Pitágoras tratou em medidas, Heráclito, em fogo, Platão, em ideias, Hermes, em astros, Crisipo, em números, e Aristóteles, em enteléquias, nem aquilo que Dárdano consagrou na *Dinamera*, ou que o batíade²⁴² na *Paredra*, ou que Campestre na *Catabolici* e na *Infernales*, procuramos mesmo aquilo mais agradável, que os preceptores distribuem a ouvidos pueris em troca de um salário mensal”.

Então ele, com a sobrancelha contraída por inúmeras rugas, disse: “Julgava que tu, homenzinho²⁴³, delirasse alguma coisa incerta, para o transporte de cuja consciência eu tivesse deixado minhas pequenas bagagens mais pesadas. Mas tu, mais sólido que a casca terrestre, proclamas qualquer coisa consistente.”

Eu disse a ele: “Por favor, deixa essas coisas para os seus romanos, aos quais conhecer essas coisas resulta louvável e acontece sem punição. Para mim, na verdade, será de bom tamanho se acontecer de eu tocar de leve as pontas extremas de tuas vestes.”²⁴⁴

Diante disso, ele disse: “Receio até que ponto não a grosseria de teu intelecto, mas a perigosa decadência de sua época, se mostra uma dificuldade no aprender. Darei, por isso, uma pequena mostra da minha impetuosidade de torrente engenho a qual não

²⁴¹ Ascreia é uma localidade próxima ao monte Hélicon, reconhecida por ser o lar de Hesíodo, daí o *Ascreus pastor* nas *Mythologiae* (vd. Helm: 7, 21-22). A passagem evoca as *Geórgicas* (2, 176): *Ascraeumque cano Romana per oppida carmen* (“e canto um poema ascreu pelas fortalezas romanas”). Ademais, Mattiacci sugere a imagem de beber da fonte e impregnar-se de poesia (2003, p. 231).

²⁴² “Batíada” é um epíteto de Calímaco, filólogo e gramático da antiguidade. (HAYS, 2003, p. 247-9). Catulo, no poema *Ad Ortalum* (frg 65), já utilizava essa referência: [...] *sed tamen in tantis maeroribus, Ortale, mitto haec expressa tibi carmina Battiadae, ne tua dicta uagis nequiquam credita uentis effluxisse meo forte putes animo* (“ainda que entre tantas aflições, Órtalo, envio-lhe esses versos ao modo do Batíada, para que não julgues sem razão que seus ditos tenham vindo de repente da minha cabeça”).

²⁴³ Assim como na introdução das *Mythologiae*, em que a musa Calíope o chama de *homunculus*, também Fulgêncio o é assim chamado por Virgílio.

²⁴⁴ O uso de *contingerit fimbrias* faz referências aos evangelhos de Mateus (9:20-21), Marcos (5:25-28) e Lucas (8:43-47), em que alguns enfermos roçam a borda da vestimenta de Jesus e se curam. Não apenas Fulgêncio se retrata de maneira humilde quando comparado a Virgílio, como também o representa num status comparável ao de Jesus ao usar a expressão.

poderia provocar náusea em plenitude de embriaguez. Logo, deixa vazias as sedes de teus ouvidos,²⁴⁵ para que possam passar as minhas palavras.”

Dessa maneira, disposto ao modo de um orador, com dois dedos levantados em forma de um *i* e o polegar comprimindo o terceiro dedo,²⁴⁶ começou seu discurso: “Em todos os meus livros introduzi representações das questões naturais, pretendendo mostrar, pelos doze livros da *Eneida*, a plena condição da vida humana. Por isso, adotei o *incipit*, dizendo: *arma uirumque cano*, demonstrando virtude em *arma* e sabedoria em *uirum*. Porque de fato toda a perfeição consiste na virtude do corpo e na sabedoria da mente”.²⁴⁷

Disse a ele: “Ilustríssimo vate, se as afirmações de sua obra não me induzem em erro, também, por esse motivo, a divina lei²⁴⁸ anunciou Cristo, o redentor do nosso mundo, como virtude e sabedoria, para que a divindade parecesse ter adotado a condição perfeita do homem.”²⁴⁹

Quanto a isso, ele disse: “Tu mesmo terá visto o que a verdadeira majestade terá te ensinado. Nesse ínterim, que anunciemos o que seria visto por mim. E dado que teria sido conveniente, conforme a dialética, primeiro fazer saber sobre a pessoa e em seguida falar em pormenores sobre as características da pessoa, por isso primeiro a essência é delineada, e, em seguida, as particularidades da substância, de maneira que primeiro teria sido necessário apresentar o *uirum* e assim, também, as *arma*, pois a virtude, de fato, está submetida ao corpo. Contudo, como a obrigação de exaltação dos méritos foi posta, falamos antes do valor do homem que dele mesmo, pelo que assim se chegaria até a

²⁴⁵ A sequência encontra-se também como uma fala da musa Calíope, na introdução das *Mythologiae* (vd. Helm: 1, 15): *feriatis affatim tuarum aurium sedes* (“as sedes bastante ociosas de teus ouvidos”). Vd. Mattiacci sobre os ecos de Apuleio nessa construção (Mattiacci, 2003).

²⁴⁶ Expressão gestual digna de um orador, quando do início de um discurso. Quintiliano, na *Institutio oratoria* (11, 92): *Est autem gestus ille maxime communis, quo medius digitus in pollicem contrahitur explicitis tribus* (“Este é também o gesto mais comum, no qual o dedo médio é contraído contra o polegar, com os outros três estendidos”).

²⁴⁷ A relação estabelecida ao longo do texto, entre a jornada de Enéias com as fases da vida humana, começa a tomar forma aqui. De acordo com o espectro de Virgílio, o termo *arma* designa virtude, hombridade, o conjunto de características necessárias ao homem para que ele seja o *uir*, o varão. O termo *uirum*, por sua vez, designa sabedoria. Mais à frente, o termo *primum* será abordado como o primeiro, o líder. Esses são, respectivamente, as representações dos três estágios da vida humana: *arma*, as características naturais, habilidades inatas, a virtude e hombridade, *uirum*, a capacidade em orientar e governar essas características, e *primum*, o desenvolvimento até o ápice do caráter.

²⁴⁸ Os textos sagrados do Cristianismo.

²⁴⁹ Aqui há uma referência ao livro de Coríntios (1:24): “mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus”.

pessoa já reconhecida pela qualidade de seu mérito.²⁵⁰ Na verdade, o palavreado comum costuma respeitar isso também nas epístolas, pelo que se põe primeiro ‘ao ilustre senhor’ e depois a menção do nome.”

“Mas, para que tu saibas eu ter empregado plenamente o pretexto dos méritos, vê o que é dito na sequência: por *fato profugus* e *ui superum* eu pretenderia dizer que a culpa da fuga de Enéias fosse dos fados, e não uma debilidade da virtude, e que os deuses, mais que do que a sabedoria, fossem os responsáveis para que Enéias fugisse e tivesse enfrentado perigos, corroborando, em todo caso, aquela antiga sentença de Platão, que diz: *vous άνθρωπινος θεός ουτος εαν αγαθός θεός εὐ ἐργαζόμενος*,²⁵¹ isto é: o saber do homem é Deus, se aquele é bom, Deus é benévolo. Pois Carnéades assim diz no *Telesíaco*: *πασα τύχη αἰσθησιν φρονίμοις κατοικει*,²⁵² ou seja: toda a fortuna habita na mente de um homem sábio.”

“De fato, por isso, muitas vezes quis que a virtude fosse tratada primeiro e depois a sabedoria, pois, ainda que a sabedoria guie a virtude, é na virtude da alma que a sabedoria floresce. O enfraquecimento da virtude é, de fato, a enfermidade da sabedoria, pois tudo aquilo que uma decisão da sabedoria tenha se proposto, se a virtude deixar de fornecer o seu apoio diante das tarefas faltantes,²⁵³ a plenitude da sabedoria se esvai, reduzida em seus efeitos. Sem dúvida, eu soube que o vocábulo *uir* haveria de fato um significado do sexo e não da honra, de tal maneira que de fato eu teria iniciado por

²⁵⁰ Segundo o espectro de Virgílio, a dialética impõe como regra a apresentação do indivíduo e, em seguida, suas características, seja no discurso falado ou escrito. Todavia, após a adoção da *materia laudis* (a exaltação dos méritos), ele sugere que se deve falar antes das características que precedem a alguém para então sabermos de quem se trata.

²⁵¹ A citação não pertence a Platão, embora tenha um caráter platônico. O dito é proveniente de um autor tardio, Hermes Trismegisto, que teve mais relevância no meio cristão, e seu texto se confundiu com os escritos platônicos. Vd. *Corpus Hermeticum*, A. Nock; A. Festugière. Paris, 1972. Todos os excertos em grego foram transcritos para os caracteres originais baseados na edição de Helm (1898) e seguindo o estabelecido por Rosa (1997) e Wolff (2009).

²⁵² À exemplo de Sócrates, Carnéades não deixou escritos, sendo-nos desconhecida a obra em questão. Ele esteve presente na missão diplomática que Atenas enviou a Roma, em 155 a. C., que também contou com os filósofos Critolau e Diógenes da Babilônia, para resolver um litígio territorial entre as duas cidades. No primeiro dia de audiência, Carnéades teria discursado sobre o que é o justo e a possibilidade de um direito natural. No dia seguinte, teria feito o oposto: um ataque à justiça, realizando uma espécie de exercício retórico. A força de suas ideias e sua oratória fizeram com que Catão, o censor, sugerisse ao Senado que os mandasse de volta a Atenas. Fragmentos de seus pensamentos, assim como desse episódio especificamente, são encontrados indireta e dispersamente, em Lactâncio (*inst*, 5, 14), contemporâneo de Fulgêncio, como em Cícero (*Ad Atticus* XII, 23), que solicita a Ático informações sobre a questão diplomática em que Carnéades se envolveu (BICCA, 2009).

²⁵³ Vd. proposta de Wolff (2009, p. 170, nota 27) aos termos *posse* (com valor nominal, *potestatem*) e *subrogandum*, com sentido de *fornecer*.

arma.²⁵⁴ Se eu pusesse primeiro o termo *uir*, são muitos os homens, mas nem todos são dignos de serem louvados. Logo, dispus a virtude primeiro, em razão da qual assumi que o homem deve ser louvado, e segui sem dúvida Homero, que diz: μηνιν ἀειδε θεᾷ Πηλεΐάδεω Ἀχιλῆος,²⁵⁵ significando antes a cólera do homem que o próprio homem. Pois ele mesmo mostrando a virtude sob a figura de Minerva diz que a a fúria de Aquiles foi detida.”²⁵⁶

Disse a ele: “Nem nisto o teu justo discurso te enganou: de fato, a divina sabedoria, muito mais elevada que tua inteligência, estabeleceu tal princípio dizendo: ‘Bem-aventurado’ disse, ‘aquele que não anda em conselho dos ímpios’.²⁵⁷ Por conseguinte, foi como perfeitíssimo instrutor da boa vida que o profeta²⁵⁸, estimulando o esforço do bem viver, defendeu pensarmos na recompensa da beatitude antes mesmo que o suor da batalha.”

Então ele diz: “Fico feliz pelos seus dizeres, homenzinho, pois, ainda que a verdade não tenha se apresentado a mim conforme uma questão da boa vida, contudo, por uma sorte misteriosa, ela espalhou suas faíscas também em mentes estultas. Então, como eu começara a dizer, a virtude é a substância, e a sabedoria é na verdade o que rege a substância, como Salústio diz: ‘De fato toda a nossa força reside no corpo e na alma.’²⁵⁹ Agora, para que satisfaçamos um pouco do seu saturado intelecto, há três fases na vida humana: a primeira é ‘ter’, em seguida ‘reger’ o que tenhas, em terceiro, na verdade, ‘ornar’ o que reges. Logo, observa então esses três graus apresentados em um único verso meu, isto é: *arma, uirum e primus*: *arma*, ou seja, a virtude, refere-se à

²⁵⁴ O espectro de Virgílio confirma: *ab armis inciperem*. O *incipit* da *Eneida* realmente é *arma*.

²⁵⁵ Hom, *Il.* 1, 1. A invocação da *Ilíada*, em que o poeta solicita a inspiração para cantar o poema.

²⁵⁶ A referência é ao texto da *Iliada* (1, 197), do momento em que Palas Atena busca conter Aquiles: “Enquanto isso pensava no espírito e no coração, tirando a espada da bainha, chegou Atena, vinda do céu. Mandara-a a deusa Hera de alvos braços, pois a ambos ela estimava e protegia no seu coração. Postou-se atrás dele e agarrou no loiro cabelo do Pelida, visível apenas para ele” (todas as traduções da *Iliada* são de Frederico Lourenço).

²⁵⁷ *Pss*, 1:1, já citado por Fulgêncio nas *Mythologiae* (2, 1), na fábula do julgamento de Páris. O livro de Salmos é o mais extenso livro da Bíblia, contém 150 salmos, compondo uma síntese das ideias do Antigo Testamento. Historicamente, acredita-se que 73 desses foram feitos pelo rei Davi ou por membros da sua corte – o qual Fulgêncio chama de profeta (vd. *Virg. cont.* 89, 8) (BOWKER, 2009, p. 177).

²⁵⁸ O supracitado rei Davi.

²⁵⁹ Sall, *Catil*, 1, 2: *Sed nostra omnis vis in animo et corpore sita est: animi imperio, corporis servitio magis utimur; alterum nobis cum dis, alterum cum beluis commune est* (“D’alma e corpo constamos: áquella mandar, a esta obedecer pertence: aquella com os deoses, este com as feras no he commum.”) Vd. Barreto Feio (1850, p. 7).

substância corporal, *uirum*, ou seja, a sabedoria, refere-se à substância intelectual²⁶⁰, e *primus*, ou seja, o principal, refere-se à substância de julgar, pelo que a ordem seria desse modo, ter, reger, ornar. Assim, sob o manto de uma história alegórica, demonstrei o pleno estado do homem, que seria primeiro a natureza, em segundo a doutrina e em terceiro a felicidade.”

“Logo, olhe atenciosamente esses estágios: como dissemos acima, primeiro vem a virtude da alma, concedida naturalmente e que progridiria – de fato não se ensina exceto aquele que se encontra disponível para ser ensinado –, em segundo vem a doutrina, a qual realça a natureza à medida em que avança, assim como o ouro. O estado natural do ouro é de fato sua beleza e maleabilidade, mas é batendo com o martelo do ferreiro que ele chega à perfeição. Assim, o engenho nasceu para ser trabalhado, e se desenvolve pois nasceu para isso, e caminha e progride pois que existe para que se avance.”

“Agora, para crianças as quais meus versos são ensinados,²⁶¹ essas são as ordens a seguir, pois que toda a boa qualidade é facilmente aprendida ao nascer, é ensinada para que o caráter da natureza não fique esvaziado, e é também ornada para que o dom da doutrina não seja fútil, donde Platão, ensinando a ordem das três fases da vida humana, diz: ‘Todo aquele que é bom é nascido, educado ou levado a ser assim.’ Se nascido, pela natureza, se ensinado, pela doutrina, se levado a ser, pela necessidade. Logo, abandonada as voltas do prefácio da obra, me aproximo do *incipit*. E, para que eu saiba que não conto uma história para ouvidos ignorantes, narre o conteúdo do meu primeiro livro,²⁶² e então, somente se isso for feito, lhe mostrarei o caminho.”

²⁶⁰ O uso de *sensus* por Fulgêncio é similar ao grego *νοῦς*, empregado pelos filósofos para descrever a razão, o pensamento, a inteligência, o intelecto, dentre outras noções. *Sensualem*, por sua vez, é sua forma adjetiva. Fabio Rosa (1997, p, 90, nota 47) também sugere o mesmo exemplo sobre *census*, como equivalente ao grego *ἀξίωμα*.

²⁶¹ Fulgêncio aqui evidencia como Virgílio fazia parte das *auctoritates*, ou seja, dos textos canônicos de determinados autores utilizados na educação de jovens em idade escolar.

²⁶² O primeiro dos doze livros da *Eneida*.

Eu a ele: “Se a memória dos antigos assuntos escolares não me trai, primeiro Juno pede a Éolo para que ele provoque o naufrágio dos troianos.²⁶³ Em seguida, Enéias²⁶⁴ escapa com sete naus.²⁶⁵ É recebido no litoral líbico. Viu a mãe e não a reconhece.²⁶⁶ É ocultado com Acates numa nuvem amorfa.²⁶⁷ Em seguida, ele invoca sua alma com pinturas.²⁶⁸ Depois disso ele é admitido num banquete e apaziguado pelo som da cítara.²⁶⁹ Tens brevemente o conteúdo narrado do primeiro livro. O que tu interpretas quanto a essas coisas desejo ouvir.”

Então ele: “Coloquei o naufrágio como os perigos do nascimento, no qual a mãe parindo corre riscos assim como a criança nascendo, no qual a raça humana é atingida, de maneira universal, por essa situação crítica. Pois para que entendas isso mais claramente, o naufrágio foi gerado por Juno, que é a deusa do parto,²⁷⁰ pois ela envia Éolo. De fato Éolo, em grego, é quase *eonolus*,²⁷¹ isso é, a destruição do mundo,²⁷² donde

²⁶³ Virg, *Aen*, 1, 65-70: ‘*Aeole, namque tibi divom pater atque hominum rex et mulcere dedit fluctus et tollere vento, gens inimica mihi Tyrrhenum navigat aequor, Ilium in Italiam portans victosque Penates: incute vim ventis submersasque obrue puppes, aut age diversos et disiice corpora ponto*’ [...] (‘Éolo – pois deixou ao teu arbítrio o pai e rei dos homens e dos numes as ondas aplacar e erguer co’o vento – gente minha inimiga o mar Tirreno navega, à Itália transportando Tróia e os vencidos penates. Solta, incita aos ventos o furor, as naus lhe afunda; ou lhe fazes tomar diversos rumos e pelo vasto pélago os dispersa’ [...]).

²⁶⁴ Embora tenhamos optado por inserir o nome do personagem Enéias, nos trechos que lhe fazem referência, por ser mais conveniente à tradução, ele não é nominalmente citado durante a maior parte do texto, sendo a primeira ocorrência durante a narração da sua ida ao mundo inferior (*Virg cont.* p. 105).

²⁶⁵ Virg, *Aen*, 1, 170-1: *Huc septem Aeneas collectis navibus omni ex numero subit* [...] (‘Aqui, de todo o número reunida apenas sete naus, Enéias surge’).

²⁶⁶ Virg, *Aen*, 1, 314-6: *Cuim ater media sese tulit obuia silua, uirginis os habitumque gerens, et uirginis arma Spartanæ* [...] (‘Eis que entre a selva a mãe lhe sai de encontro, com virgíneo semblante, e trajas e armas de espartana donzela’).

²⁶⁷ Virg, *Aen*, 1, 410-14: *Talibus incusat, gressumque ad moenia tendit: at Venus obscuro gradientes aere saepsit, et multo nebulae circum dea fudit amictu, cernere ne quis eos, neu quis contingere posset, molirive moram, aut veniendi poscere causas* (‘Vênus porém de um ar obscuro e denso véu cercou d’atra névoa os viandantes, porque vê-los ninguém, ninguém tocá-los, ou detê-los pudesse, ou perguntar-lhes da vinda sua as causas’).

²⁶⁸ Virg, *Aen*, 1, 464-5: *Sic ait, atque animum pictura pascit inani, multa gemens, largoque umectat flumine voltum* (‘Disse, e na vã pintura a mente pasce soltando mil suspiros, e banhando em torrentes de lágrimas o rosto’).

²⁶⁹ Virg, *Aen*, 1, 740-1: *Cithara crinitus Iopas personat aurata, docuit quem maximus Atlas* (‘Tange o crinito Iopas na áurea lira o que o grande Atlas lhe ensinara’).

²⁷⁰ Juno é também referida como deusa do parto por Fulgêncio, em sua fábula sobre o julgamento de Páris (*myth* 2, 1): *Deam etiam partus uolunt, quod diuitiae semper praegnaces sint et nonnumquam abortiant* (‘Eles afirmam que é também a deusa do parto, porque as riquezas sejam sempre fecundas e algumas vezes abortem’).

²⁷¹ De acordo com a interpretação de Fulgêncio, o nome Αἰολός remete a αἰών, “tempo”, e ὀλοός, “destrutivo”.

²⁷² Essa perspectiva está presente em uma obra de Heráclito, não o grego de Éfeso, mas um comentador das obras de Homero, que viveu no século I da nossa era, em sua obra *Alegorias de*

também Homero diz: οὐλομένην, ἢ μυρί' Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε.²⁷³ Agora vê também o que seria prometido ao próprio Éolo: Deiopeia em casamento. De fato, 'público' em grego se diz *demos*, e olhos, ou visão, na verdade, *iopa*.²⁷⁴ Logo, o perigo está presente no mundo para os que nascem, pois, a ele é prometida, pela deusa do parto, uma visão onisciente da de todas as coisas.²⁷⁵ Pois Enéias parte com sete naus, pelo que seria mostrado sete ser o número aritmético relativo ao parto, cuja fórmula, se te parece bem, explicarei brevemente."²⁷⁶

Eu disse a ele: "Falei disso exaustivamente no livro sobre fisiologia que há pouco escrevi sobre as questões da medicina e classifiquei todos os raciocínios em torno do número 7 e do número 9 na arte aritmética, e será um sinal de redundância se aquilo que descrevi em um livro eu insira também em outro. Logo, aquele que deseja aprender sobre essas coisas, que leia todo o meu livro sobre fisiologia.²⁷⁷ Agora na verdade espero de ti as coisas que restam."

Então ele diz: "Como começara a dizer, logo que Enéias pisa na areia, vê a mãe mas não a reconhece, demonstrando precisamente a infância, pois que pelo parto aos recém nascidos é dado ver a mãe, mas não é dada a habilidade de reconhecê-la imediatamente.²⁷⁸ Em seguida, envolto na nuvem, reconhece os companheiros, mas não

Homero, 71, 1, p. 139: "Considero que Éolo simboliza, por antonomásia, o ano sujeito às divisões em 12 meses. Se chama Éolo, isto é, multifacetado, pois as partes que o integram possuem uma natureza de duração e formas variadas a cada estação, e as diferentes mudanças cada vez o tornam mais diverso. Do incrivelmente frio, passa para a suave e calma alegria da primavera, cujo clima húmido é recolhido pela ardente força do verão. O outono, estação do equinócio e da sementeira anual, traz consigo o calor abrasador do verão e é o limiar para o inverno. Sendo o pai deste conjunto multicolorido, com razão o ano recebe o nome de Éolo [...] do grego *aiólos*, isto é, de cores variadas".

²⁷³ Hom, *Il.*, 1, 2. O verso em grego parece ter sido escrito de memória, já que, segundo edições modernas, deveria ser οὐλομένην, ἢ μυρί' Ἀχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε (*Homeri Opera in five volumes*. Oxford, Oxford University Press. 1920).

²⁷⁴ O nome Δῆσιος remete a δαῖσιος, "público", a ὄψ, "olho" (de ὄψομαι, futuro de ὄραω), e a ὀπίη, "visão".

²⁷⁵ Virg, *Aen*, 1, 71: *Sunt mihi bis septem praestanti corpore nymphae, quarum quae forma pulcherrima Deiopea, conubio iungam stabili propriamque dicabo* [...] ("Quatorze ninfas tenho, a qual mais bela e a que na formosura as vence a todas, Deiopeia, em consórcio indissolúvel contigo a ajuntarei, ceder-ta quero").

²⁷⁶ O tempo que Enéias e sua frota levam da partida de Tróia até pisarem as areias de Cartago foi também de 7 anos. Virg, *Aen*, 755-6: [...] '*nam te iam septima portat omnibus errantem terris et fluctibus aestas*' ("Pois já o sétimo ano vai correndo qu'andas por toda a terra e mar vagando").

²⁷⁷ Fulgêncio faz referência a outra de suas obras e recusa a esmiuçar a questão da aritmologia a fim de evitar a redundância. Esse livro, do qual não há mais informações, trataria sobre fisiologia e medicina. Cf: Wolff (2009, p. 170, nota 40).

²⁷⁸ Há aqui uma referência a um texto anterior de Virgílio, a 4ª écloga, tida por muitos como divinatória. Nela, fala-se do nascimento de alguém responsável pelo retorno da idade dourada (*ecl*, 4, 60-4): *Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem. Matri longa decem tulerunt fastidia menses.*

pode dirigir-lhes a palavra. Vê quão óbvio o comportamento da infância, pois, enquanto está presente a condição de fixar os olhos, está ausente a faculdade da fala. Também atrelei Acates a ele desde o início até depois do naufrágio como um escudeiro e do mesmo modo preso na nuvem. Acates em grego de fato é quase *aconetos*, isto é, o costume da aflição,²⁷⁹ de fato desde a infância a natureza humana está ligada às provações, assim como Eurípides, na tragédia *Efigênia*, diz:²⁸⁰ Οὐκ ἔστιν οὐδὲν δεινὸν ὧδ' εἰπεῖν ἔπος οὐδὲ πάθος οὐδὲ ξυμφορὰ θεήλατος οὐκ ἂν ἄραιτ' ἄχθος ἀνθρώπου φύσις. Isto é: 'Não há algo muito cruel ou um péssimo acontecimento que a natureza humana não tenha suportado'. A tristeza, na verdade, não tem armas, exceto as lágrimas, com as quais a infância não somente ela própria se defende como protege a si mesma. Sendo assim, nos é permitido rir apenas a partir do quinto mês, mesmo que as lágrimas corram no começo da própria vida."²⁸¹

"E quanto ao fato de que na verdade Enéias deleita a mente com imagens vãs,²⁸² isto representa um certo apego infantil. A criança de fato sabe ver, mas ignora sentir o que veja, assim como nas imagens há visibilidade, mas não há compreensão. Em seguida, ele é convidado a um banquete e se deleita com o som da cítara. Sem dúvida, o costume dos pequenos é nada mais que se deleitar pela música e se satisfazer com comida. Sendo assim, observa agora o nome do tocador de cítara. De fato, Iopas em grego se diz quase *siopas*, isto é, a 'o silêncio das crianças'.²⁸³ E de fato a infância sempre se distrai pelas palavras doces e pelas cantigas da ama, donde eu o tenha colocado cabeludo como a

Incipe, parve puer. Qui non risere parenti, nec deus hunc mensa dea nec dignata cubili est ("Vem, menino, conhece a mãe pelo sorriso – nove meses de enfado a tua mãe sofreu – vem, menino: aquele a quem os pais não riram, de deus não mereceu mesa, ou leito de deusa"; todas as traduções das *Éclogas* são de Raimundo Carvalho).

²⁷⁹ O termo se refere a ἄχος, "tristeza", e ἦθος, "hábito, costume".

²⁸⁰ Euríp., *Orest.* 1. Os versos não fazem parte da tragédia *Ifigênia*, e sim de *Orestes*, outra tragédia de Eurípides. Correspondem à fala de Electra na abertura da peça. Os mesmos versos são novamente trazidos mais à frente, ao final da exposição, e foram também empregados na fábula sobre Berecintia e Átis (*myth* 3, 5). Rosa (1996, p. 91) sugere que o excerto deveria fazer parte de alguma lição escolar, devida a sua frequência de emprego.

²⁸¹ Fulgêncio reproduz um pensamento comum à antiguidade, que trata da manifestação do choro e do riso pelas crianças em um período específico. Segundo ele, as crianças riem apenas a partir do quinto mês, embora chorem já ao nascer. Plínio, o velho, também fala de lágrimas, mas o riso vem a partir do décimo quarto dia. Vd. Plin. *nat.* 7, 1: *hominem tantum nudum et in nuda humo natali die abicit ad uagitus statim et ploratum, nullumque tot animalium aliud pronius ad lacrimas, et has protinus vitae principio; at Hercule risus praecox ille et celerrimus ante XL diem nulli datur* ("Apenas aos seres humanos é dado ser atirado nu no chão ao nascer, para irromper no choro, e nenhum entre todos os outros animais é mais propenso às lágrimas, ainda tão logo no começo da vida. Este riso precoce, acredito, é concedido não antes de 6 semanas").

²⁸² Vrg., *Aen.* 1, 464. Enéias vê os afrescos da guerra de Tróia no palácio de Dido, o que lhe recorda os antigos sofrimentos.

²⁸³ O termo se refere a σιωπή, "silêncio", enquanto παις se refere a "criança".

uma mulher.²⁸⁴ Então Enéias também vê Cupido.²⁸⁵ De fato, querer ou desejar alguma coisa sempre remete à infância. Pois que, enfim, no segundo livro, eu inseri o seguinte verso após o som da cítara: ‘conter as lágrimas’.²⁸⁶

“No segundo e no terceiro livro, na verdade, Enéias é distraído pelas histórias, com as quais a tagarelice infantil é acostumada a se distrair. Agora, no final do terceiro livro, ele vê o ciclope, apontado por Aquemênides.²⁸⁷ De fato, ‘tristeza’ se diz *acos* em grego, enquanto que *ciclos* é grego para ‘círculo’.²⁸⁸ Logo, a infância, visto que *pes* significa em grego ‘menino’, já afastada do temor dos cuidadores, desconhece a aflição do pensar e pratica jogos pueris. Por causa disso, é dito também o ciclope ter apenas um olho no rosto, pois a infância não possui nem uma visão plena nem racional, e toda essa época a infância é levada ao orgulho, como o ciclope. Por isso há um único olho na sua cabeça, para que não veja ou perceba nada exceto a arrogância. O sapientíssimo Ulisses o matou:²⁸⁹ logo, uma glória vã se cega pela chama da inteligência. Por isso o chamamos de Polifemo, quase *apolunta femem*,²⁹⁰ que em latim dizemos ‘o que perde a reputação’.

²⁸⁴ Virg, *En*, 1, 740: *Cithara crinitus Iopas personat aurata, docuit quem maximus Atlas* (“O cabeludo Iopas toca uma música em sua lira dourada, a quem o poderoso Atlas ensinou”)

²⁸⁵ Também conhecido como deus do amor, o *Eros* romano é o agente que inflama a paixão dos homens e mulheres. Seu nome romano tem sua origem supostamente no próprio verbo latino *cupĕre*, querer ou desejar algo. Vd. Cíc, *nat. deor.* 2, 61: [...] *quo ex genere Cupidinis et Voluptatis et Lubentinae Veneris vocabula consecrata sunt, vitiosarum rerum neque naturalium* (“o desejo, o prazer, e o regozijo sexual foram deificados, são vícios e não são forças naturais”).

²⁸⁶ Virg, *Aen*, 2, 8. A expressão destacada é uma pergunta e Fulgêncio a emprega deslocada de seu contexto, que se refere à narrativa de Enéias sobre os acontecimentos da guerra, no começo do segundo livro: *Quis talia fando Myrmidonum Dolopumve aut duri miles Ulixi temperet a lacrimis?* (Quem entre os valorosos mirmidões ou rústicos dólopes ou até mesmo dos implacáveis soldados de Ulisses conteria as lágrimas?).

²⁸⁷ Virg, *Aen*, 3, 636. Enéias e sua tripulação passam pela ilha dos ciclopes poucas semanas depois de Ulisses, e encontram um dos homens que foi deixado pra trás, Aquemênides, que lhes narra o acontecido entre seu capitão e os ciclopes.

²⁸⁸ O termo remete a ἄχος, “tristeza”, e a κύκλος, “círculo”.

²⁸⁹ Ulisses já fora referido por Fulgêncio também na fábula sobre o encontro deste com as sirenes (*myth* 2, 8): *Vlixes enim Grece quasi olonxenos id est omnium peregrinus dicitur; et quia sapientia ab omnibus mundi rebus peregrina est, ideo astutior Vlixes dictus est* (“Ulisses de fato em grego e como *olonxenos*, isto é, diz-se ‘o estrangeiro para todos’; e porque a sabedoria e estranha para todas as coisas do mundo, por isso Ulisses foi considerado o mais astuto”). O rei de Ítaca e herói da *Odisseia* foi considerado por várias escolas filosóficas, como a estóica e a platônica, um modelo de representação do intelecto e da sabedoria humana. Na *Ilíada*, apesar dos deuses serem poderosos e exercerem suas vontades sobre o mundo e os homens, a ira divina pode ser amenizada por meio de sacrifícios, por exemplo, que os faz simpatizar com as necessidades dos mortais, aproximando-os em seus desígnios. Por outro lado, na *Odisseia*, as entidades que se interpõem entre Ulisses e seu retorno são sobrenaturais, mas não de natureza divina, como Cila, Caribdes e o próprio Polifemo, o ciclope, cabendo ao herói elaborar estratégias e utilizar-se de sua astúcia para superar os desafios da jornada.

²⁹⁰ O termo remete a φήμη, “fama, reputação”, embora Fulgêncio interprete o πολὺ inicial como ἀπολοῦντα, participio futuro de ἀπόλλυμι, “destruir, perder”.

Então a cegueira acompanha arrogância da juventude e a perda da reputação dessa idade.”

“Agora, para que a sequência das coisas se anuncie com uma clara manifestação, Enéias então enterra o pai. De fato, atingindo a juventude, repele-se o peso da autoridade paterna. Em seguida o porto de Drepanos enterrou – Drepanos de fato em grego é quase *drimipedos*,²⁹¹ *drimos* é de fato tido como ‘áspero’, *pes* é na verdade dito ‘menino’ –, para que a rebeldia infantil rechace a autoridade paterna. Logo, no quarto livro, com a consciência livre do jugo paterno, não só procede à caça como também inflama-se pela paixão, e, por tempestades e nuvens,²⁹² como se com pensamentos conturbados, é levado a cometer o adultério.²⁹³ Demorando-se nesse estado por um tempo, Enéias, por meio de um insistente Mercúrio, abandona o amor erroneamente concebido pelo seu desejo. Mercúrio de fato é posto como deus do intelecto.²⁹⁴ Então a juventude abandona os terrenos do amor sob uma mente instigante. Certamente, o amor desprezado se esvai e, consumido pelo fogo, transforma-se em cinzas.²⁹⁵ Enquanto a volúpia é de fato extraída do coração dos jovens pela autoridade da mente, ela se consome sepultada no esquecimento das cinzas.”

“No quinto livro, levado na verdade pela contemplação da memória paterna, ele se lança aos jogos juvenis. E o que é isso, senão a juventude já mais prudente, conduzida pelo exemplo da memória paterna, para que exercite o corpo em nobres atividades? Vê agora pois praticam o pugilismo, ou seja: Entelus e Dares exercem a arte da virtude. De fato dizemos ‘ordenar’ em grego *entellin*,²⁹⁶ ‘ceder’, *derin*, o que os professores fazem

²⁹¹ O nome remete a *δριμύς*, “áspero”, e *παις*, “criança”.

²⁹² Fulgêncio alcança nesse parágrafo um rebuscamento na escrita que não se mantém ao longo da obra, com o uso de uma figura retórica, uma *hendíade*, que emprega substantivos separadamente para estabelecer o sentido (*et tempestate ac nubilo* = “pela tempestade e pela nuvem”, em vez de “por nuvens tempestuosas”).

²⁹³ Virg, *Aen*, 4, 117: [...] *venatum Aeneas unaque miserima Dido in nemus ire parant, ubi primos crastinus ortus extulerit Titan radiisque retexerit orbem* (“Enéias e a misérrima rainha ir caçar pelos bosques determinaram mal surja no oriente e com seus raios o crástino Titão descubra o Orbe”). Ao afirmar Enéias dirigir-se à caça, Fulgêncio joga com as palavras, uma vez que o alegoriza representando como caçador, *venatus*, atrás de sua caça, *amor*, as atividades *veneris*, ou seja, de Vênus.

²⁹⁴ Entre tantas funções e atributos associados ao deus Mercúrio, Fulgêncio o representa aqui como a personificação do intelecto e da sabedoria, assim como em Sêneca (*ben*. 4.8.1): *Mercurium, quia ratio penes illum est numerusque et ordo et scientia* (“Mercúrio, pois o intelecto tem em si as medidas, a ordem e a sabedoria”).

²⁹⁵ O fogo e as cinzas representam purificação e purgação no mundo antigo. Cf Santo Agostinho (*epist.* 48, 2): *iactantiae fastu corrupti atque absumpti in fumum favillamque vanescunt* (“as vaidades, consumidas e destruídas pelo orgulho, desvanecem em fumaça e cinzas”).

²⁹⁶ O nome remete a *ἐντέλλω*, “comandar”. Por sua vez, *δέρω* remonta a “esfolar, espancar”.

quando lecionam. Então também os navios ardem em chamas,²⁹⁷ ou seja, os meios perigosos pelos quais a juventude é seduzida, pelas correntes tortuosas da vaidade, e, por assim dizer, lançada cotidianamente às tempestades dos perigos. Todas essas coisas são consumidas pela poderosa chama do intelecto e, com o crescente saber da astúcia, acalmadas, emigram em direção às cinzas do esquecimento. Béroe causou esse incêndio,²⁹⁸ o que quase significa que a ordem da verdade o fez.”

“No sexto livro, na verdade, Enéias vai ao templo de Apolo e desce aos infernos. Dizemos Apolo ser o deus dos estudos, por isso estar associado às musas.²⁹⁹ Assim, passado o naufrágio do perigo da juventude e esquecido Palinuro – ‘Palinuro’ de fato é quase *planonorus*, isto é, uma ‘visão errante’ – donde no quarto livro da *Eneida* eu ter dito dessa maneira, sobre o aspecto do desejo, ‘mediu-o todo com um tácito olhar’,³⁰⁰ pois nas *Éclogas*, ‘a visão errante do andar dos bois’.³⁰¹ Logo findadas essas questões, chega-se ao templo de Apolo, isto é, à doutrina dos estudos. Ali Enéias se interroga sobre os rumos de sua vida futura e busca a descida aos infernos, isto é, quando alguém considera sobre sua vida futura, penetra então nos mistérios secretos e obscuros da sabedoria. Antes, faz-se necessário que sepulte Miseno. *Misio* em grego de fato é dito ‘sepultar’, e *enos*, na verdade, o ‘louvor’.³⁰² Logo, se não destruíres a pompa da glória vã, nunca penetrarás os segredos da sabedoria. Aquele de fato desejoso de uma vã paixão jamais procura a verdade, mas considera como próprias as coisas falsas oferecidas a ele com adulação.”

²⁹⁷ Os navios representam alegoricamente os sentidos, pelos quais as tentações da juventude se acercam do homem.

²⁹⁸ Juno envia Íris ao acampamento dos troianos. Essa, disfarçada de Béroe, esposa de Dóriclo, convoca as matronas troianas a atearem fogo aos navios, a fim de se estabelecerem definitivamente na Sicília (Virg, *Aen*, 5, 642): *haec memorans, prima infensum ui corripit ignem, sublataque procul dextra conixa coruscat, et iacit: arrectae mentes stupefactaque corda Iliadum* (“isto dito, com ímpeto arrebatada primeira o fogo infenso e, alçando a destra, o meneia e com força longe o atira. As troianas co’os ânimos atentos e os corações atônitos ficaram”).

²⁹⁹ Nas *Mythologiae* (1, 15), Apolo é considerado o décimo entre as nove musas: *Huic etiam Apollini nouem deputant Musas ipsumque decimum Musis adiciunt illa uidelicet causa, quod humanae uocis decem sint modulamina* (“A este, a Apolo, ainda atribuem nove musas e o acrescentam às Musas como o décimo, naturalmente por esta razão: porque os reguladores da cadência da voz humana seriam em número de dez”).

³⁰⁰ Dido e Enéias discutem sobre a partida deste para a Itália, e a rainha de Cartago dá seu ultimato ao herói (Virg, *Aen*, 4, 362-4): *talia dicentem iam dudum auersa tuetur huc illuc uolvens oculos totumque pererrat luminibus tacitis et sic accensa profatur* (“há muito de través, lançando os olhos aqui e ali, depois [Dido] o mediu todo com um tácito olhar e acesa em ira lhe disse assim”).

³⁰¹ Virg, *ecl*, 6, 58: *errabunda bouis uestigia* (“A visão errante do andar dos bois”).

³⁰² O nome remete a *μισέω*, “odiar”, e *ἔνος*, “ano”.

“Por conseguinte, Miseno, com a trombeta e com a concha, também é combatido pelo Tritão.³⁰³ Vê de fato como essa propriedade está fixada: a efervescência dessa perturbação vã cresce de fato através de uma língua³⁰⁴ sem freios, a qual é certamente destruída pelo Tritão, que é quase *tetrimmenon*, o que nós em latim dizemos ‘contrito’. Logo, a contrição extingue toda a glória vã. Por isso a deusa da sabedoria foi chamada Tritona,³⁰⁵ pois toda forma de contrição de fato produz um sábio.”

Eu a ele: “Eu, agora mais informado, aprovo inteiramente essas suas palavras, mestre. Pois nossa salutar e divina doutrina prediz que Deus não olhe distintamente para um coração contrito e humilhado.³⁰⁶ Esta é uma sabedoria verdadeiramente clara e manifesta.”

A isso, ele: “Para que o que foi dito escorra até você mais claro e evidente, introduzi Carino para que cremasse com fogo o corpo de Miseno. De fato, dizemos ‘benevolência’, em grego, *carin*, e designamos ‘tempo’, na verdade, *eon*.³⁰⁷ Logo, é necessário que a secular benevolência enterre as cinzas da glória vã. Mas, todavia, a cognição dos segredos não é antes aprendida, exceto que alguém colha o ramo dourado, isto é, antes se aprenderia o estudo da doutrina e da literatura.³⁰⁸ De fato, introduzi um ramo dourado como símbolo da ciência, pois não só minha mãe sonhou ter parido um

³⁰³ Aqui, Miseno desafia Tritão para uma batalha, mas acaba morto pelo deus (Virg, *Aen*, 6, 171-4): *Sed tum, forte caua dum personat aequora concha, demens, et cantu uocat in certamina diuos, aemulus exceptum Triton, si credere dignum est, inter saxa uirum spumosa immerserat unda* (“Mas agora, por seu mau fado, enquanto co’ a côncava buzina o mar atroa, e temerário os deuses desafia, invejoso Tritão às mãos o toma - se isto é digno de crer-se - e entre uns penedos nas espumantes ondas o mergulha”).

³⁰⁴ Vd. Virgílio, *Aen*. 11, 390: *uentosa in lingua pedibusque fugacibus istis* (“nessa ventosa língua e nos pés fugazes”).

³⁰⁵ Conforme as *Mythologiae* (3, 9), esse também pode ser um epíteto para Minerva, deusa da sabedoria. Também em Virgílio (*Aen*, 5, 704-5) se encontra: *Tum senior Nautes, unum Tritonia Pallas quem docuit multaue insignem reddidit artem* (“Então o velho Nautes, qu’ a Tritônia Palas tinha ensinado e feito insigne na ciência do augúrio”).

³⁰⁶ Há aqui uma referência ao livro de Salmos (*pss*, 50:19): *sacrificium Deo spiritus contribulatus cor contritum et humiliatum Deus non spernet*.

³⁰⁷ O nome remete a χάρις, “graça, benevolência”, e αἶών, “tempo”.

³⁰⁸ A Sibila diz aqui que seu ingresso ao mundo inferior deve-se, por último, à recolha do ramo de ouro. Fulgêncio associa aqui esse ramo dourado ao estudo da “doutrina e literatura”, as artes liberais, assim como nas *Mythologiae* (1 praef. p. 15) associa *auratum* ao *eloquium Platonis* (“a linguagem dourada de Platão”). Virg, *Aen*, 6, 140-3: *latet arbore opaca aureus et foliis et lento uimine ramus, Iunoni infernae dictus sacer. Hunc tegit omnis lucus, et obscuris claudunt conuallibus umbrae* (“Oculto pende em árvore sombria, de folhas e hastes fléxil, áureo ramo, que dizem consaagrado à inferna Juno: cobre-o todo ao redor o sacro bosque, e entre sombras o oculta escuro vale”).

ramo,³⁰⁹ como também porque Apolo é representado com um ramo.³¹⁰ Agora, por isso o ramo foi dito *apo tes rapsodias*,³¹¹ isso é, ‘da escrita’, assim como Dionísio lembra em seu livro, ‘Sobre as articulações gregas’³¹². Todavia, na verdade, o que dizemos ‘áureo’, quis designar o esplendor da eloquência, lembrando a sentença de Platão, na qual, inventariando a herança de Diógenes, o Cínico, não encontrou nada ali, exceto uma língua dourada, como Tiberiano lembra em seu livro sobre Sócrates.³¹³ Por isso, também agora, introduzi nas *Éclogas* dez maçãs douradas, evidentemente, a lapidada eloquência de dez éclogas,³¹⁴ pois Hércules apanhou maçãs douradas do jardim das Hespérides. As Hespérides são ditas quatro de fato, isto é, Egle, Éesper, Medusa e Aretusa,³¹⁵ as quais nós dizemos, em latim, ‘estudo’, ‘intelecto’, ‘memória’ e ‘eloquência’, porque em primeiro seria o estudar, em segundo, o aprender, em terceiro, ser lembrado do que se aprende, daí ornar com palavras o que está na mente.³¹⁶ Logo, em seguida, a virtude se apodera do ornamento áureo do estudo”.

³⁰⁹ Suetônio resgata essa informação em sua *Vita Vergilii* (Vd. ACEVES, M. Suetonio, Vida de Virgílio. In: Nova Tellus: *anuario del Centro de Estudios Clásico*. n° 27. Dialnet: Universidad de La Rioja. 2009, p. 205-233): *Praegnans eo mater somniauit enixam se laureum ramum* (“grávida, a mãe dele sonhava a si parindo um ramo dourado”).

³¹⁰ Nas *Mythologiae* (1, 14), na fábula sobre o loureiro, conta-se que Apolo, motivado por Eros, se apaixona por Dafne, mas essa não corresponde a paixão do deus. Querendo se ver livre dessa situação, Apolo pede auxílio a Júpiter, que a transforma num loureiro.

³¹¹ O excerto é uma transliteração do grego ὀπὸ τῆς ῥαψωδίας, “próximo à atividade literária”.

³¹² Referência a Dionísio da Trácia e sua *Techné* (“Arte gramatical”). Nas *Mythologiae* (3, 10), na fábula de Orfeu e Eurídice, Fulgêncio refere-se à *articulatio* como a segunda parte do ensinamento da gramática: *In omnibus igitur artibus sunt primae artes, sunt secundae [...] in grammaticis prima lectio, secunda articulatio* (“Em todas as artes, então, há os primeiros estágios e há os seguintes [...] na gramática, primeiro é a leitura, depois a articulação compreensível das palavras”).

³¹³ Tiberiano foi um autor latino vivo entre os séculos III e IV d. C. e os críticos lhe atestam uma obra sobre Sócrates, *Liber de Socrate*, que não chegou até nosso tempo. Fulgêncio o cita também nas *myth* 1, 21 e 3, 7, assim como na *serm. ant* 56. Vd. E. Baehrens, *Poetae Latini minores*. Leipzig: 1881 e também Mattiacci, S. *I carmi e i frammenti di Tiberiano*. Firenze: Olschki, 1990, partic. pag. 62 e pags. 208-211.

³¹⁴ As maçãs douradas que Menalcas leva a Amintas nas *Éclogas* (*ecl.* 3, 70-1): *puero siluestri ex arbore lecta aurea mala decem misi* (“enviei ao jovem dez maçãs douradas colhidas da árvore silvestre”). Fulgêncio também compara as dez maçãs de Menalcas com as dez éclogas escritas por Virgílio.

³¹⁵ De acordo com Hesíodo, as Hespérides são 3, chamadas por Hesíodo de Esteno, Euríale e Medusa (vd. Torrano, Jaa. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Editora Iluminuras. 1995. 121 p.). No entanto, por vezes elas são representadas como sendo 4, a última se desdobrando em duas, como em Sério (*Aen*, 4, 484-5): *Hesiodus has Hesperidas Aeglen, Erytheam, Hesperiam, Arethusam, Noctis filias, ultra Oceanum mala aurea habuisse dicit* (“daí Hesíodo dizer as Hespérides Aegle, Eríteia, Hespéria, Aretusa, filhas da Noite, deterem maçãs douradas mais além do Oceano”).

³¹⁶ A sequência aqui é similar à utilizada nas *Mythologiae* (1, 15), na fábula sobre as nove musas, na qual Fulgêncio associa cada uma delas a um estágio do conhecimento humano: *ob hanc rem prima Clio appellata est, id est cogitatio quaerendae scientiae –, secunda Euterpe [...] quod primum sit scientiam quaerere, secundum sit delectari quod quaeras* (“a primeira é Clio, por assim dizer o primeiro plano

Eu disse a ele: “Como eu dizia, doutíssimo Maro, você diz a verdade. De fato, há pouco a memória da história divina me tocou, a qual diz que, de um anátema, a linguagem dourada e a pura habilidade foram subtraídas, nada mais que dizer que, da eloquência pagã, foi retirado o estilo.³¹⁷ Entretanto, diz as palavras que restam pronunciar.”

Então ele: “Assim, como disse antes, Enéias conseguiu o ramo dourado, isto é, a doutrina, e alcança os infernos e perscruta os segredos da sabedoria. Mas ele vê, na entrada dos infernos, o luto, as enfermidades, as guerras, a discórdia, a velhice e a indigência.³¹⁸ Então, logo quando todas as coisas são consideradas na mente e no coração do homem, se não quando for aprendido o estudo da doutrina e uma ciência maior tiver penetrado na escuridão? Então é que de fato se compreende não só a ilusão vã do sonho inerte, como também o caminhar da senilidade rumo à morte próxima, a guerra, causa da avareza, a doença, filha da intemperança e da imodéstia, as tentações, frutos da embriedade, e a fome, gerada da preguiça e da ociosidade.”

“Então Enéias desce aos infernos, e observa atentamente, como uma testemunha ocular, não só as penas dos maus como também as retribuições dos bons, e reflete sobre as tristes errâncias dos amantes. Enfim, com o barqueiro Caronte guiando, atravessa o Aqueronte. Por isso, esse rio tem, assim como as agitações ferventes dos jovens, o lodo, pois os jovens não possuem o julgamento claro e maduro. De fato ‘perene’ é dito em grego *Acheron*. *Caron* na verdade é quase ‘ceron’, isto é, o tempo, donde ele ser dito filho de Polydegmon. ‘Polydegmon’,³¹⁹ em grego, é de fato dito de muita sabedoria. Assim, enquanto alguém alcança a idade de muita sabedoria, cruza o lamaçal temporário do turbilhão de águas e as impurezas dos costumes. Daí ele faz adormecer Cérbero com

do aprender [...] a segunda é Euterpe [...] porque em primeiro lugar estaria o procurar o conhecimento, em segundo estaria o deleitar-se com o que venhas a procurar [...]).

³¹⁷ Helm (1899) cita uma referência de Fulgêncio a Josué (7, 21): *uidi enim inter spolia pallium coccineum ualde bonum et ducentos siclos argenti regulamque auream quinquaginta siclorum et concupiscens abstuli et abscondi in terra contra medium tabernaculi mei argentumque fossa humo operui* (“Quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata, e uma cunha de ouro, do peso de cinquenta siclos, cobicei-os e tomei-os; e eis que estão escondidos na terra, no meio da minha tenda, e a prata por baixo dela.”).

³¹⁸ Virg, *Aen*, 6, 273: *uestibulum ante ipsum primisque in faucibus Orci Luctus et ultrices posuere cubilia Curae, pallentesque habitant Morbi tristisque Senectus, et Metus et malesuada Fames ac turpis Egestas, terribiles uisu formae, Letumque Labosque* (“Ante o mesmo vestíbulo e nas fauces primeiras do Orco, posto os seus assentos tem o Luto e os Remorsos vingadores; Moram ali as pálidas Doenças, e a triste Senectude, o Medo, ea fome conselheira do mal, torpe Indigência (spectros à vista horríveis e o Trabalho, e a Morte”).

³¹⁹ O nome remete a πολύς, “muito”, e δέγωμαι, do verbo δέχομαι, “receber”.

bolinhos de mel. De fato, expliquei a fábula de Cérbero,³²⁰ já posta anteriormente, como uma forma de disputa e de litígio legal.³²¹ Donde Petrônio diz, por meio de Êuscion: ‘Cérbero era o advogado forense’.³²² Então se diz a calúnia da disputa, e a linguagem à venda para os negócios alheios é exercida, enquanto a doutrina do estudo avança, assim como agora na advocacia continuamente é considerada.³²³ Mas o rancor da disputa será adoçado pelo mel da sabedoria.”

“Em seguida, admitido nas considerações secretas, contempla as imagens dos homens fortes, isto é, considera as lembranças e emblemas da virtude. Nesse lugar, também fixa os olhos na pena de Deífobo.³²⁴ Deífobo de fato, em grego, é quase *dimofobus* ou *demofobus*,³²⁵ isto é, ou o medo do pavor ou o medo das pessoas. Então, não importa qual seja o temor, é com razão representado não só com as mãos, mas também com os olhos e orelhas laceradas, pois, com evidente razão, todo temor não percebe o que vê, não sabe o que escuta, nem, sem as mãos, sabe o que faz. Daí, ele é assassinado por Menelau durante o sono. Menelau de fato em grego é quase *menelau*,³²⁶ isto é, a virtude do povo. Certamente, a virtude sempre destrói todo o temor entregue ao sono. Ainda nesse lugar, também Dido é vista, quase uma sombra, privada de amor e de seu antigo desejo.³²⁷ Contemplando de fato a sabedoria, a paixão, agora esvaída pelo desprezo, é chamada à memória, entre lágrimas penitentes.³²⁸ E, na verdade, até que se chegue nesse local, – quando digo:

³²⁰ Embora o turno de fala seja de Virgílio, não foi ele quem tratou sobre Cérbero em escritos anteriores, e sim o próprio Fulgêncio.

³²¹ A narrativa sobre o cão de 3 cabeças está nas *Mythologiae* (1, 6).

³²² Essa passagem creditada a Petrônio não se encontra nas edições modernas do *Satyricon*, sendo referida como o fragmento 8 na edição de F. Buecheler (*frag.* 8, Leipzig, 1862).

³²³ Whitbread associa a passagem ao lamento de Tácito sobre o fim da idade dourada da oratória, assim como também Quintiliano e Petrônio (Vd. Whitbread, 1971, p. 123).

³²⁴ Aqui Enéias vê Deífobo, a quem foi dada a mão de Helena após a morte de Páris, e que, posteriormente, foi torturado e assassinado por Menelau (Virg, *Aen*, 6, 494-7): *atque hic Priamiden laniatum corpore totó Deiphobum uidet et lacerum crudeliter ora, ora manusque ambas, populataque tempora raptis auribus, et truncas inhoneste uolnere nares* (“Aqui viu o pirâmides Deífobo ferido e retalhado todo o corpo, e cruelmente lacerado o rosto, o rosto e ambas as mãos, e despojadas das orelhas as fontes, e troncado o nariz com disforme cutilada”).

³²⁵ O nome remete a δῆμος, “povo”, δειμός, “medo, pavor”, e também a φόβος, “medo”.

³²⁶ O nome remete a uma composição entre λαός, “pessoa, povo”, e possivelmente μένω, “permanecer”. Μελέλαος seria então o “homem que permanece, que resiste”.

³²⁷ Enéias, caminhando pelos infernos, atravessa os “campos da saudade” e vê aqueles que morreram por sofrimentos de amor, como Fedra e Laodâmia. Dentre elas, Dido (Virg, *Aen*, 6, 450-1): *Inter quas Phoenissa recens a uolnere Dido errabat silva in magna* (“Entre as quais, co’a ferida inda recente, errava na grã selva a Tíria Dido”).

³²⁸ Dido, após ouvir um discurso de exortação de Enéias, fixa os olhos no chão, move o cenho em desaprovação e se afasta com lágrimas, junto com seu ex-esposo Siqueu (Virg, *Aen*, 6, 472-4): *tandem corripuit sese, atque inimica refugit in menus umbriferum, coniunx ubi pristinus illi respondet*

‘uma grande porta à frente, colunas de sólido diamante,
a força de nenhum homem, e nem mesmo os habitantes dos céus
a fenderiam com ferro, a férrea torre que alcança os ares’.”³²⁹

“Por isso a esta torre também acrescentei colunas adamantadas, pois esse tipo de pedra é indestrutível, como também em grego você compreenderá –³³⁰ vê que designei o quão evidente a imagem da arrogância e também da cólera. De fato, nem o temor aos deuses, nem a virtude humana, nem o respeito à reputação aplacam a arrogância. ‘Férrea’ e ‘torre que alcança os ares’, na verdade, querem dizer a arrogância ereta e incurvável.”

“Mas quem preserva a arrogância, senão Tisífone,³³¹ isto é, uma voz furibunda?³³² Mas, na verdade, quanto a isso digo na *Eneida*: ‘hidra monstruosa com cinquenta bocas e mais feroz’, designei-a e não quis dizer nada exceto que é pior um inchaço de arrogância no coração dos arrogantes do que a exaltação em uma boca ventosa. Agora, isto que eu disse: ‘O próprio Tártaro se estende duas vezes ao precipício’.³³³ Observa o pleno mérito da arrogância. De fato, a pena da arrogância é a degredação, e, de fato, tanto o mais elevado menospreza quanto é lançado pelo desprezo da soberba. Logo,

curis aequatque Sychaeus amorem (“precipitadamente enfim se escapa e para o bosque umbrífero indignada foge, onde antigo esposo aos seus pesares e ao seu amor, Siqueu, igual responde”).

³²⁹ Enéias se depara com as portas do Tártaro (Virg, *Aen*, 6, 552-4): *porta aduersa ingens solidoque adamante colomnae, uis ut nulla uirum, non ipsi excindere ferro caelicolae ualeant, stat ferrea turris ad auras* (“Era do frontispício ingente a porta, e as colunas de sólido diamante, para que nem co’o ferro força de homens, nem os mesmos celícolas rompê-la pudessem: férrea torre aos ares surge”).

³³⁰ A palavra em grego *αδαμαντινος* significa “pedra indestrutível”, mas também “indomável”. Sérvio também comentou sobre isso (*Aen*, 6, 552): *‘Porta aduersa ingens’ distinctionem excludendum est uitium de duobus epithetis [...] ‘Solidoque adamante’ lapis est durissimus et tantae soliditatis, ut nec ferro possit infringi. Quem hircino sanguine frangi dicunt* (“Na pausa o vício deve ser excluído dos dois epítetos [...] É pedra duríssima e de tamanha solidez, que nem com ferro pode ser quebrada, a qual dizem, todavia, que é quebrada com sangue de bode”).

³³¹ Enéias aproxima-se dos portões e se depara com Tisífone, uma das Erínias, irmã de Alecto e Megera, é uma das guardiãs das portas do Tártaro, onde senta-se em vigília eterna (Virg, *Aen*, 6, 555-6): *Tisiphoneque sedens, palla, succincta cruenta, uestibulum exsomnia seruat noctesque diesque* (“embrulhada em seu manto ensanguentado, Tisífone assentada noite e dia o vestíbulo guarda vigilante”). Fulgêncio oferece uma outra interpretação etimológica para ela (*myth* 1, 7): *Tisiphone autem quae tuton phone, id est, istarum uox* (“Já Tisífone é como *tuton fone*, isto é, a voz destas”).

³³² O dicionário Lidell Scott (2007) apresenta *Τισιφώνη* como “a vingadora do sangue”.

³³³ Virg, *Aen*, 6, 577-8: “Logo adiante o Tártaro se abisma pelas trevas abaixo vezes duas tanto”.

aquele elevado na arrogância é duplamente vencido,³³⁴ donde Porfírio, nos epigramas, diz:³³⁵

‘Aquela maldita coisa, a fortuna, foi-te um auxílio, Quinto,
e colocou-te no rosto uma grande sobancelha.

Não imaginaria de outro jeito, e por isso te acho um poço, Quinto:
quanto mais alto és, mais olhará para baixo com desprezo”’.

“Daí, ainda nesse lugar, Enéias também vê os gigantes Íxion e Salmoneu, todos condenados, com o castigo da arrogância, e ainda também Tântalo.³³⁶ Tântalo de fato em grego é quase *teantelon*,³³⁷ isto é, aquele que quer ver, de fato toda a avareza, privada do usufruto da visão, regozija-se apenas com imagens. Mas, nesse local, é nomeado o juiz Radamanto de Cnossos. Radamanto em grego de fato é quase *tarematadamonta*,³³⁸ isto é, o que doma a palavra, e ‘saber’ de fato é dito *gnoso*. Portanto, aquele que detém a força de dominar as palavras não só é o desprezador como também o condenador da soberba. Por causa disso, Enéias é atemorizado pelo barulho, e de fato o homem pio se assusta e foge das vozes da arrogância e dos castigos dos maus.”

³³⁴ Essa é uma referência aos evangelhos de Mateus (23, 12: *Qui autem se exaltauerit humiliabitur et qui se humiliaverit exaltabitur*; “aquele que, por sua vez, tiver se exaltado será humilhado, e aquele que tiver se humilhado será exaltado”) e Lucas (14, 11: *Omnis qui se exaltat humiliabitur, et qui se humiliat exaltabitur*; “Todo aquele que se exalta será humilhado, e aquele que se humilha será exaltado”).

³³⁵ Publilius Optatianus Porphyrius, ou simplesmente Porfírio, foi um poeta da corte do imperador Constantino e chegaram até nós 28 de seus poemas. Foi citado por Fulgêncio também nas *Mythologiae* (2, 1): *hanc etiam in mari natantem pingunt, quod omnis libido rerum patiatu naufragia, unde et Porfirius in epigrammate ait: Nudus, egens, Veneris naufragus in pelago* (“também a representam nadando no mar, porque toda a luxúria sofre os naufrágios de suas façanhas, e donde Porfírio em um epigrama diz: o naufrago de Vênus no alto mar está nu e desamparado”; grifo nosso). Moreno (2009, p. 186) e Rosa (1997, p. 98) remetem ao *Epigrama* 30 desse autor. Whitbread (1971, p. 151) atesta ser Fulgêncio a única fonte que se tem sobre a existência do autor.

³³⁶ Aqui Enéias se depara com as punições a Salmoneus, Íxion e Tântalo (Virg, *Aen*, 6, 585, 601-2): *Vidi et crudeles dantem Salmonea poenas, dum flamas Iouis et sonitus imitatur Olympi* (“Vi mais o Salmoneu atormentado de suplícios cruéis, porqu’imitara de Jove os raios, e os trovões do Olimpo”); *quid memorem Lapithas, Ixiona Pirithoumque?* (“Dos lápidas Íxion e Piritôo, que direi?”); *quos super atra silex iam iam lapsura cadentique imminet adsimilis* (“a quem pende atro penedo e parece já já cair-lhe em cima”).

³³⁷ O nome remete a θεᾶω, “ver”, e a ἐθέλω, “querer”.

³³⁸ O nome remete a ῥῆμα, “palavra”, e ao verbo δαμάζω, “domar”.

“Em seguida ele prega o ramo dourado nos portões sagrados e assim se dirige aos Elísios,³³⁹ pelo que se torna claro, quando já acabada a tarefa de aprender e alcançada a perfeição da memória, que no cérebro está, deve ser fixada para todo o sempre assim como nos portões sagrados. Enéias vai aos Campos Elísios – ‘libertação’ em grego é de fato *elisis* –³⁴⁰ isto é, ele entra numa vida de liberdade após o temor dos mestres. Como Prosérpina é de fato a rainha dos infernos, assim a memória é a rainha da sabedoria, a qual se estende dominando perenemente as mentes elísias.³⁴¹ Logo, por conseguinte, o pequeno ramo dourado é dedicado a essa doutrina. Sobre a memória, Cícero estava acostumado a designar o tesouro da sabedoria.”

“Mas nos campos elísios Enéias vê primeiro Museu, quase a dádiva das musas, mais excelsas que todas as coisas,³⁴² que a ele também anuncia o pai Anquises e o rio Lete, ou seja, o pai para que ele conserve o costume da dignidade, o Lete para que ele de verdade esqueça as levianidades da juventude. Por conseguinte, reflete sobre o próprio nome de Anquises. Anquises em grego é de fato quase *ano scenon*,³⁴³ isto é, habitante da casa paterna. Só um Deus é de fato o pai, rei de todas as coisas, único habitando as alturas, o qual sem dúvida é contemplado como aquele que mostra o caminho da sabedoria. Pois veja o que ele de fato ensina ao filho:

‘No princípio, o céu, a terra, as campinas líquidas,
o globo luminoso da lua e os astros titânicos.’”³⁴⁴

³³⁹ Virg, *Aen*, 6, 636: *Occupat Aeneas aditum, corpusque recenti spargit aqua, ramumque aduerso in limine fingit* (“Ocupa o Anquisíades a entrada e com água recente o corpo asperge e na porta fronteira o ramo crava”).

³⁴⁰ O nome remete a ἔκλυσις, “libertação”.

³⁴¹ Há outra referência a Prosérpina nas *Mythologiae* (1, 10): *Proserpinam uero quae segetem uoluerunt, id est terram radicibus proserpentem, unde et Ecate Graece dicitur* (“Realmente com o nome Prosérpinam quisera dizer algo como o cultivo da terra, isto é, propagando-se pela terra com suas raízes, donde também em grego se diz Hécate”). Em Varrão (*De lingua latina*, 5, 68) e em Santo Agostinho (*ciu*, 8, 20) também há referências à esposa de Plutão.

³⁴² Museu, poeta e músico, é um personagem encontrado por Enéias nos campos Elísios, enquanto procura por Anquises (Virg, *Aen*, 6, 668): *Musaeum ante omnis – medium nam plurima turba hunc habet atque umeris exstantem suspicit altis* (“e a Museu sobretudo, que no meio de toda a turba os ombros sobreleva”). Etimologicamente, o nome Museu (μουσεῖον) é atestado como um epônimo referente às musas.

³⁴³ O termo remete ao advérbio ἄνω, “acima” (também utilizado como “nos céus”), e a σκηνάω, “habitar, morar”.

³⁴⁴ Virg, *Aen*, 6, 724-5. Assim Anquises começa a se referir às almas que habitam os Elísios e que, posteriormente, voltarão à Terra como seus descendentes. Esses versos também remontam ao início do livro de *Gênesis*. Nos versos seguintes (726-7), fala-se de um espírito que sustenta todas essas coisas, o que se encaixa melhor no contexto em que Fulgêncio o utiliza, falando sobre um Deus criador: *spiritus intus alit, totamque infusa per artus mens agit molem et magno se corpore miscet*

“Logo, vê que, assim como convém a um Deus criador, ele não só ensina sobre os mistérios naturais secretos, demonstrando por sua vez as almas regressadas da vida, como também apresenta as coisas futuras.”

A isso, eu disse: “Ó senhor vate do Lácio, tiveste que obscurecer seu claríssimo engenho com a névoa de tão estulta defesa? Acaso tu, que há pouco tempo tinhas dito nas *Éclogas* expondo em linguagem alegórica:³⁴⁵

‘Já regressa a virgem, e regressam os reinos satúrnios;
Já uma nova prole é prometida pelos altos ceús’.³⁴⁶

“Agora, na verdade, com uma mente sonolenta, sem dúvida, dizes algo que é à maneira acadêmica. ‘As sublimes almas retornam aos seus densos corpos’.³⁴⁷ Porventura fora necessário a ti, entre tantos maçãs doces, colocar também as amoras, para obscurecer a chama de tua brilhante sabedoria?”³⁴⁸

A isso, ele disse, sorrindo: “Se entre tantas verdades estóicas eu não tivesse intrometido também algo epicurista, eu não seria um pagão.³⁴⁹ De fato a ninguém acontece conhecer todas as coisas verdadeiras, exceto a vós, aos quais o sol da verdade ilumina. De fato, pelo acordo, eu não vim como um narrador aos teus livros.³⁵⁰ Logo, ouve as palavras que restam.”

(“um espírito interno os alimenta, e uma alma, infusa pelos membros, toda esta máquina agita, e misturada co’o grande corpo está”).

³⁴⁵ A declaração do programa fulgenciano de contar as verdades escondidas *sub figuralitatem historiae*.

³⁴⁶ Virg, *ecl.* 4, 6-7. A *écloga* 4, que aqui fala de uma condição edênica, trata sobre uma futura idade de ouro consolidada sobretudo pela vinda de um messias, que para muitos comentadores, sobretudo cristãos, é Jesus. Do mesmo modo, a virgem, nos versos utilizados por Fulgêncio, é associada à Maria (vd. COURCELLE, 1957, p. 234-319).

³⁴⁷ Virg, *Aen.* 6, 720. Esse excerto é, na verdade, parte de uma pergunta de Enéias ao pai. Ele o questiona se aquelas almas voltariam à Terra, o que Anquises responde que, após o período de mil anos no Lete, elas retornariam, sem lembranças, para viverem novamente.

³⁴⁸ A frase toda remonta ao evangelho de Mateus (7, 16): *numquid colligunt de spinis uvas aut de tribolis ficus* (“porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?”). É novamente a utilização por Fulgêncio do paradigma doce-amargo, em que o primeiro é sinônimo de sabedoria, leveza, e o segundo é sinônimo de ignorância, desconhecimento.

³⁴⁹ As características epicuristas na poesia de Virgílio são há tempos discutidas. Nas *Geórgicas* (4, 219), por exemplo, Virgílio “propõe” um princípio para o espírito. Sérvio registra que alguns comentadores diziam Virgílio servir-se de teorias filosóficas diferentes, ainda que não se atenha a nenhuma especificamente.

³⁵⁰ Os textos bíblicos.

“Na verdade, no sétimo livro, é sepultada a ama Caieta,³⁵¹ isto é, é repelido o peso do temor do professor, donde Caieta foi dita quase condutora da juventude. Agora, o castigo das crianças era dito, entre os antigos, *caiatio*, donde Plauto, na comédia *Cistelaria*, diz: ‘Por que temes tua amiga bater-lhe nos braços?’ No que era evidentemente demonstrado, pois Caieta foi posta ao modo da disciplina, quando eu disse: ‘morrendo, ó Caieta, deixaste uma vida eterna’.³⁵² Ainda que a disciplina da doutrina degenerasse entre aqueles que devem estudar, todavia deixa por herança a semente eterna da memória.”

Assim, sepultada a suspeição pela educadora, naquele momento Enéias alcança a desejada Ausônia, isto é, ao desenvolvimento do bem, pelo que toda a vontade dos sábios se apressa com ávido entusiasmo – ‘Ausônia’ é de fato *apo tu ausenim*,³⁵³ isto é, ‘crescimento’ – ou também porque, nessa idade, o crescimento do corpo aconteça continuamente. Então, em seguida, Enéias pede Lavínia por esposa, isto é, o ‘caminho dos esforços’.”

“De fato, a partir dessa idade, cada um adquire no trabalho os proveitos necessários para o sucesso de seus interesses, donde foi dita filha de Latino, descendente de Cauno.³⁵⁴ Latino é de fato quase dito *latitando*,³⁵⁵ pelo que todo trabalho se esconda em diversos locais,³⁵⁶ donde Latona foi dita Lua,³⁵⁷ a qual teria se escondido ora nos céus, ora nos infernos, ora totalmente se esconda. Na verdade Cauno é quase *camnonus*,³⁵⁸ isto

³⁵¹ Versos iniciais do sétimo livro da *Eneida* (Virg, *Aen*, 7, 1-2): *tu quoque litoribus nostris, Aeneia nutrix, aeternam moriens famam, Caieta, dedisti* (“Tu, morrendo também, ama d’Enéias, fama eterna, ó Caieta, às nossas praias destes”). Segundo Fulgêncio, essa é outra representação, além da morte do pai, em que o homem se desvencilha do peso da autoridade de seus responsáveis.

³⁵² Vd. nota anterior.

³⁵³ O termo é a transliteração de ἀπὸ τοῦ αὐξάνειν, em que αὐξάνω é o verbo “crescer”.

³⁵⁴ Na *Eneida* (7, 47-8), o rei Latino é apresentado como filho de Fauno: *hunc Fauno et nympha genitum Laurente Marica accipimus* (“Qu’era filho de Fauno e de Marica, ninfa Laurente, ouvi”). No entanto, para a interpretação etimológica que Fulgêncio apresenta logo abaixo, fez-se necessário utilizar o nome Cauno.

³⁵⁵ O nome remete a λαυθάνω, “passar despercebido”.

³⁵⁶ Aqui, o espectro de Virgílio utiliza o recurso etimológico mencionando uma discussão que “ele mesmo” promovera durante a *Eneida*, ao discutir o termo *latitando* (Virg, *Aen*, 8, 321-3): *is genus indocile ac dispersum montibus altis composuit legesque dedit Latiumque uocari maluit, his quoniam latuisset tutis in oris* (“[Saturno] o qual primeiro as gentes indóceis e dispersas pelos montes, juntou e lhes deu leis; e quis que Lácio se chamasse o país, porque escondido em segurança nestas regiões esteve”).

³⁵⁷ Tradicionalmente, é Diana, irmã de Febo Apolo e filha de Latona, a deusa associada à lua. Vd. Commelin (2011).

³⁵⁸ O nome remete a κάμνω, “trabalhar”, e a νοός, “mente, senso, percepção”.

é, o senso de trabalhar. Pois casa com a ninfa Marica, que é quase *mericam*,³⁵⁹ isto é, o pensamento, donde Homero diz: στηθεοσιν λασιοισι διανδιχα μερμηριξεν."³⁶⁰

“Em seguida, no oitavo livro, Enéias pede auxílio de Evandro. Evandro em grego é de fato dito ‘homem bom’.³⁶¹ Assim, já a perfeição da virilidade procura a aliança da benevolência humana, pela qual procura as virtudes de boa qualidade, isto é, Enéias escuta a glória de Hércules,³⁶² de que modo ele matou Caco, o que nós em latim chamamos ‘o mal’.³⁶³ Por conseguinte, ele se cobre com as armas de Vulcano, isto é, as barreiras de uma mente cintilante voltadas contra todas as tentativas da malícia. Digo Vulcano ser de fato quase *bulencauton*, isto é, um ‘juízo brilhante’.³⁶⁴ Por esse motivo, também nessas armas todas as virtudes dos romanos foram representadas, pelo que, com auxílio da deliberação da sabedoria, todas as felicidades ou são reunidas ou são previstas. Praticar o bem de fato é o princípio da benevolência futura. Ou também, aquele que pratica o bem promete a si mesmo coisas boas com confiança. Logo, a sabedoria dissemina e espera coisas boas.”

“No nono livro, auxiliado na verdade por essas mesmas armas, ele combate Turno. De fato, Turno em grego é quase dito *turosnius*, ou seja, ‘senso furioso’.³⁶⁵ De fato, as armas da sabedoria e do engenho lutam contra toda a fúria, donde Homero diz: μαχης εξηγαγε θουρον Αρηα.”³⁶⁶

³⁵⁹ O nome remete a μέριμνα, “pensamento”.

³⁶⁰ Há aqui uma menção a Homero (*Il.* 1, 189).

³⁶¹ É provável que o próprio Virgílio quisesse estabelecer a relação de Evandro com a *ευανδρία* (*Aen.* 10, 369-70): *quo fugitis, socii? Per uos et fortia facta, per ducis Euandri nomen devictaque bella* (“Para onde fugis, sócios? Por vossos egrégios feitos, e por vós, de Evandro pelo nome, e os combates que vencestes”) Vd. Morland, H. *Zu den Namen in der Aeneis*. Symbolae Osloenses, 36, p. 23, 1960.

³⁶² A interpretação etimológica para o nome de Hércules encontra-se nas *Mythologiae* (2, 3): *Hercules enim Eracles Grece dicitur, id est eroncleos quod nos Latine uirorum fortium famam dicimus* (“De fato, Hércules em grego se diz ‘Héracles’, isto é, *eroncleos*, porque nós dizemos em latim ‘a fama dos homens fortes’”). *Eroncleos* pode ser associado com os termos gregos ἠρώς (*herói*), mas também ἠρώων κλεος (*fama dos heróis*).

³⁶³ A interpretação etimológica para o nome de Caco encontra-se nas *Mythologiae* (2, 3; Helm: 42, 10): *Cacon enim grece malum dicimus* (“De fato Caco em grego dizemos ‘o mal’”). O nome remete ao adjetivo κακός, “ruim”.

³⁶⁴ A interpretação etimológica para o nome de Vulcano encontra-se nas *Mythologiae* (2, 11): *Vulcanum dici uoluerunt quae furiae ignem, unde et Vulcanus dicitur uelut uoluntatis calor* (“Eles pretenderam designar Vulcano, por assim dizer, como o fogo do delírio, donde também se diz Vulcano como o ardor do desejo”). O nome remete a βουλή, “determinação, julgamento”, e a καυτός, “incandescente, brilhante”.

³⁶⁵ De origem etrusca, o nome Turno é associado a *τυρραννος*, pelo qual pode originar a forma latinizada *Tyrrhenus* (vd. Schulze, 1933, p. 574). O nome remete a θούρος, “furioso”, e a νόος, “mente, percepção, senso”.

³⁶⁶ Hom, *Il.*, 5, 35.

“Em seguida, no décimo livro, Enéias também mata Mezêncio, o desprezador dos deuses. De fato Deus não somente cria como também ordena que todas as coisas sejam boas, mas o espírito, que se encontra no meio do corpo, não completa as coisas boas – desprezando-as – e resiste a elas em seu próprio dano. O homem sábio destrói os audaciosos atos ultrajantes deste, ou seja, quase como seu filho Lauso.”

“Em seguida, no décimo primeiro livro, ele conquista o próprio espírito. Agora quem é dito ser amigo de Turno? Nenhum outro que Messapo, quase *misonepos*,³⁶⁷ que em latim dizemos ‘aquele que tem horror às palavras’. Donde Eurípides diz na tragédia *Ifigênia*: Οὐκ ἔστιν οὐδὲν δεινὸν ὧδ’ εἰπεῖν ἔπος.³⁶⁸ Logo, vencendo Messapo, Eneias como vencedor, então, é justamente posto e julgado no preciso prato da balança, no peso dos costumes.”

Em seguida, no décimo segundo livro, Juturna, a qual também comandava o carro do irmão, é ordenada a renunciar com a guerra. Juturna é de fato colocada ao modo de destruição, porque permaneceria por muito tempo. Logo, a destruição é irmã de uma mente maléfica e furiosa. Na verdade, o carro deste o qual Juturna comanda o afasta da morte, pois certamente a destruição sabe prolongar o furor durante muito tempo para que ele não tenha fim. Agora, no começo, Turno tem o auriga Metisco. De fato ‘ébrio’ em grego é *metiscos*,³⁶⁹ desde que primeiro a embriaguez induz uma fúria na mente, em seguida a destruição chega para prolongar.³⁷⁰ Por isso, ela mesma, Jugurta, é considerada imortal, e Turno, na verdade, considerado mortal. De fato a raiva da mente é findada de maneira rápida, mas a destruição, na verdade, permanece para sempre. Portanto, ela circula no carro dele, ou seja, o tempo adia para mais longe, pois de fato as rodas são colocadas como se representasse o tempo. Donde a Fortuna é dita condutora da roda, ou seja, a mutabilidade do tempo. Fim.”

“Adeus, mestre, e com muito cuidado colhe os espinhos do meu peito.”

³⁶⁷ O nome remete a μισέω, “odiar”, e a ἔπος, “palavra”.

³⁶⁸ Fulgêncio novamente cita a tragédia *Orestes* dizendo tratar-se de *Ifigênia*.

³⁶⁹ O nome remete ao verbo μεθύσκω, “intoxicar, embriagar”, mas também ao adjetivo μεθυστικός, “embriagado, inebriante”.

³⁷⁰ Fulgêncio faz referências à ebriedade nas *Mihtologiae* (2, 12): *Quattuor sunt ebrietatis genera, id est prima uinolentia, secunda rerum obliuio, tertia libido, quarta insania* (“São quatro as fases da embriaguez, isto é, a primeira é a bebedeira, a segunda é o esquecimento das coisas, a terceira é a libido, a quarta é a loucura”).

REFERÊNCIAS

- AGOZZINO, T; ZANLUCCHI, F. *Fabio Planciade Fulgenzio. Expositio Virgilianae Continentiae*. Padova: Edizione dell'Orso, 1972.
- ALBRECHT, M. *A history of roman literature: from Livius Andronicus to Boethius*. Leiden: Die Deutsche Bibliothek, 1996. 1845 p.
- ALCOCER, F. El Comentario a la Eneida de Bernardo Silvestre. *Revista de Filosofia Δαιμων*, nº 10. Madrid, 1995. pp. 23-36.
- ALMEIDA, S. A 'Expositio Sermonum Antiquorum', de Fulgêncio, o Mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016 (mimeo).
- AMARANTE, J. *As Mitologiae de Fulgêncio*. Uma visão cristã dos mitos pagãos na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média. Tradução e análise. Projeto de pós-doutorado. Salvador: UFBA, 2016 (mimeo).
- AMSLER, X. *The theory of latin etymologia in the early middle ages: from Donatus to Isidore*. 1976. 274f. Dissertação (Doutorado em Letras e Filosofia) – Ohio State University, Ohio.
- AUERBACH, E. *Lenguaje literario y público en la Baja Latinidad y en la Edad Media*, Barcelona: Editora Asterix, 1969.
- BALDWIN, B. *Fulgentius and his sources*. Heildeberg: Traditio, 1988. pp. 37-57.
- BARRETO FEIO, J; COSTA E SILVA, J. *Eneida, de Virgílio*. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2004.
- BELTRÁN, J. R. La Eneida como modelo: entre Macrobio y Fulgencio. *Myrtia*, nº 28, 2013. 155-174 p.
- BENJAMIN, W. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Trad. Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2011, 176 p.
- BERTRAND, R. *História do pensamento ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.
- BERTINI, F. *Autori latini in Africa sotto la dominazione vandalica*. Gênova, 1974.
- BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Trad. Gregorio Halperín. Buenos Aires: Editorial Losada. 1952.
- BOWKER, J. *The complete bible handbook*. Londres: Darling Kindersley Publishers, 1998. 544 p.
- BROWN, P. *The making of late antiquity*. Londres: Harvard University press, 1993. 135 p.
- BUFFIÈRE, Felix. *Les Mythes d'Homère et la pensée Grecque*. Paris: Les Belles Lettres, 1973.

- CAMERON, A. Martianus and his first editor. *Classical philology*, vol 81. The University of Chicago Press, 1986. pp 320-328.
- COMPARETTI, D. *Virgílio nel medioevo*. Florença: La Nuova Itália, 1943. 291 p.
- CAMPANHOLO, P. *Os comentários de Sérvio Honorato ao Canto VI da Eneida*. 2008. 288f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARPEAUX, O. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959. 670 p.
- CARVALHO, R. *Bucólicas*. Belo Horizonte: Tessitura/Crisálida, 2005.
- CITRONI, M.; CONSOLINO, E. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Trad. Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, p. 1239-1243.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- COURCELLE, P. *Les Lettres Grecques en Occident de Macrobe à Cassiodore*. Paris, 1948.
- COURCELLE, P. Les exégèses chrétiennes de la quatrième églogue. *Revue des Études Anciennes*, Paris, v. 9 p. 234-319, 1957.
- COURCELLE, P. *Late Latin Writers and their Greek Sources*. Cambridge: Weddeck, 1969.
- CURTIUS, E. *Literatura europeia e idade média latina*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FRIEBEL, O. *Fulgentius der Mythograph und Bischof*. Paderborn, 1911.
- FURLANETTO, J. (Coord). 1842 – *Totius Latinitatis Lexicon Egidii Forcellini*. Londres, Regiae Societatis Literarum Socius.
- GAFFIOT, F. (Coord.) 1934 – *Dictionnaire Gaffiot*. Paris: Hachette.
- GASQUY, A. De Fabio Planciade Fulgentio Virgilii Interprete. *Berliner Studien für Classische Philologie und Archaeologie*, vol 6, 1887.
- GASTI, F. *Profilo storico della letteratura tardolatina*. Pávia: Pavia University Press, 2013. 336 p.
- GEMBLOUX, S; TRITEMIUS, J. *De scriptoribus ecclesiasticis*. Frankfurt: Witte, 1974.
- GIOSEFFI, M. Staffette esegetiche: concatenazioni di note fra i lettori tardoantichi a Virgilio. In: ESPOSITO, P.; CACCIATORE, P. (Org). *Strategie del commento a testi greci e latini*. Salerno, Editora Rubbettino, 2008. pp 83-100.

- GONTIJO FLORES, G. *Elegias de Sexto Propércio*. São Paulo: Autêntica Editora, 2014.
- GRAFTON, Anthony; MOST, Glenn W.; SETTIS, Salvatore. *The Classical Tradition*. Harvard: University Press reference library. Cambridge, Massachussets: Belknap Press of Harvard University. 2010.
- HAYS, G. *Fulgentius the Mythographer*. Tese (Doutorado em Filosofia). New York: Cornell University, 1996.
- HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. *Journal of Medieval Latin*. n. 13, 2003. p. 163-252.
- HAYS, G. Romuleis Libicisque litteris: Fulgentius and the 'Vandal Renaissance'. In: MERRILLS, A. *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, 2004. p. 101-132.
- HELM, R. *Fabii Planciadis Fulgentii V.C. Opera*. Leipzig: 1898. (rpr. Stuttgart, 1970).
- HELM, R. *Der Bischof Fulgentius und der Mythograph*. Rh, Mus. 54, 1899.
- HELM, R. *Review on Otto Friebe's Fulgentius der Mythograph und Bischof*. Würzburg, 1912. Pp 1680-1688.
- JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: *Lingüística e comunicação*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 63-72.
- JUNGMANN, E. *Die Zeit des Fulgentius*. Berlin: 1877. pp. 564-577.
- KASTER, R. *Studies on the text of Macrobius' Saturnalia*. Nova York: Oxford University Press, 2010. 140 p.
- KENNEY, E. J.; CLAUSEN. W. V. *The Cambridge History of Classical Literature II: Latin literature*. Cambridge: Cambridge University Press. 1982.
- LAISTNER, W. Fulgentius in the Carolingian Age. *Mélanges Hrouchevsky*. Kiev, 1928. pp. 445-456.
- LAMBERTON R. *Homer the Theologian*. Berkeley/Los Angeles/London: Oxford University Press, 1986.
- LAPEYRE, G. *Saint Fulgence de Ruspe*. Paris, 1929.
- LOURENÇO, F. *Ilíada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MAMMÍ, L. *Confissões de Santo Agostinho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 410 p.
- MANCA, M. *Concordantia Fulgentiana*. Hildesheim, 2003a.
- MANCA, M. *Le età del mondo e dell'uomo*. Alessandria: Edizione dell'Orso, 2003b. 248 p.

- MAFRA, J. J. *O canto VI da Eneida: a descida aos infernos ou a prefiguração da história de Roma*. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, v. 12. Belo Horizonte: EDUFMG, 1984.
- MARQUES JÚNIOR, M. *Dicionário da Eneida, de Virgílio: Livro I, Enéias na Líbia*. João Pessoa: Ideia/Zarina, 2011. 149 p.
- MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Editora Edusc: 2004.
- MORESCHINI, E; NORELLI, F. *Storia della letteratura cristiana antica greca e latina: Dal concilio di Nicea agli inizi del Medioevo*. Brescia, 1996.
- MÜLLER, L. *Sammelsurien*. Leipzig: JKPh, 1867.
- NALDINI, M. *Discorso ai giovani di Basilio di Cesarea*. Florença: Naldini Editora, 1984.
- PADOAN, G. *Il pio Enea, l'empio Ulisse*. Editora Longo Angelo: Pavia, 1977.
- PENNISI, G. *Fulgenzio e la Expositio sermonum antiquorum*. Florença: Felice Le Monnier, 1963.
- PEPIN, R. *The Vatican mythographers*. New York: Fordham University Press, 2008.
- PIKE, D. Bernard Silvestris' descent into the classics: the 'Commentum super sex libros Aeneidos'. *Third Meeting of the International Society for the Classical Tradition*. Boston: Boston University, 1995.
- PIZZANI, U. *Fulgenzi: definizione di parole antiche*. Roma: Ateneo, 1968.
- RAUNER-HAFNER, G. *Die Vergilinterpretation des Fulgentius. Bemerkungen zu Gliederung und Absicht der Expositio Virgiliana continentiae*. Leipzig: MLatJb, 1978. pp. 7-49.
- REIFFERSCHIED. *Mittheilungen aus Handschriften*. Heildeberg: RhM, 1868.
- RELIHAN, J. *Satyra in the Prologue of Fulgentius' Mythologies, Studies in Latin Literature and Roman History*. Latomus, vol 196, 1986. pp. 537-548
- RELIHAN, J. *Ancient Menippean Satire*. Baltimore/Londres, 1993.
- REYNOLDS, L. et al. *Text and transmission, a survey on the latin classics*. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- PASTRENGO, G. *De uiris illustribus*. Pádua: Editora Bottari, 1991.
- SALAMA-CARR, M. Os tradutores e a disseminação do conhecimento. In: *Os tradutores na história*. DELISLE, J; WOODSWORTH, J. (Org). São Paulo: Editora Ática, 1998. 359 pp.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão José dos. *A análise e tradução do lipograma 'De aetatibus mundi et hominis' de Fábio Placíades Fulgêncio*. Projeto de dissertação de mestrado. Salvador: PPGLitCult, 2018 (mimeo).

- SCHANZ, C; HOSIUS, C.; KRÜGER. G. *Geschichte der Römischen Litteratur*. Munique, 1920.
- SHANZER, D. *A philosophical and literary Commentary on Martianus Capella's De Nuptiis Philologiae et Mercurii*. Berkeley/Los Angeles/Londres: Londres University Press, 1986.
- SCHULZE. W. *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*. Berlin: Bibliotheca Teubneriana, 1933. 574 p.
- SKUTSCH, V. Fulgentius. *Revue philologique*, vol 7, 1910.
- STOKES, L. Fabius Planciades Fulgentius: *Expositio Virgilianae Continentiae*. *Classical Folia* 26 (1972): 27-63.
- STOCKER, A. The manuscripts of Servius' commentary on Virgil. *Harvard studies in classical philology*, n° 52, 1941.
- TZAMALIKOS, P. *Anaxagoras, Origen, and neoplatonism: the legacy of Anaxagoras to classical and late antiquity*. New York: De Gruyter, 2017.
- VALERO MORENO, J. La Expositio Virgiliana de Fulgencio: poética y hermenéutica. *Revista de poética medieval*. v. 15 (2005), p. 112-192.
- VENUTI, L. *Escândalos da Tradução*. Bauru. EDUSC, 2002.
- VENUTI, M. *Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio. Analisi, traduzioni, commento*. 2009. 324 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Università degli Studi di Parma, Parma.
- VENUTI, M. Alla ricerca di indizi 'storici' nel prologo delle Mythologiae di Fulgenzio...? *Littérature, politique et religion en Afrique vandale*, vol 6. Paris: Institut d'études Augustiniennes, 2016. pp 179-195.
- VIAL, C. *Vocabulário da Grécia antiga*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- WETHERBEE, W. *The Cosmographia of Bernardus Silvestris*. New York: Columbia University Press, 1990.
- WHITBREAD, L. G. *Fulgentius, The Mithographer*. Ohio: State University Press, 1971.
- WOLFF, E. Virgile et Fulgence. *Vergilius: The Vergilian Society*, v. 54, p. 59-69, 2008.
- WOLFF, E. *Fulgence, Virgile dévoilé*. Villeneuve: Presses Universitaires du Septentrion, 2009.
- WOLFF, E.; DAIN, P. *Fulgence, Mythologies*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.
- ZINK, M. *Der Mytholog Fulgentius*. Würzburg, 1867.
- ZIOLKOWSKI, J; PUTNAM, M. *The virgilian tradition: the first fifteen hundred years*. Londres/New Haven: The University Press, 2007. 1123 p.

